

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**MELISSA NEVES GOMES**

**ANÁLISE DE ENQUADRAMENTOS DA COBERTURA JORNALÍSTICA:  
A NOVA VIDA DE REFUGIADOS SÍRIOS QUE VIERAM PARA O BRASIL NOS  
PORTAIS G1 E BBC BRASIL (2012-2017)**

**Porto Alegre**

**2019**

**MELISSA NEVES GOMES**

**ANÁLISE DE ENQUADRAMENTOS DA COBERTURA JORNALÍSTICA:  
A NOVA VIDA DE REFUGIADOS SÍRIOS QUE VIERAM PARA O BRASIL NOS  
PORTAIS G1 E BBC BRASIL (2012-2017)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFRGS, como requisito para obtenção do título de Mestra em Comunicação e Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Karla Maria  
Müller

Porto Alegre  
2019

MELISSA NEVES GOMES

**ANÁLISE DE ENQUADRAMENTOS DA COBERTURA JORNALÍSTICA:  
A NOVA VIDA DE REFUGIADOS SÍRIOS QUE VIERAM PARA O BRASIL NOS  
PORTAIS G1 E BBC BRASIL (2012-2017)**

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação em  
Comunicação Social da UFRGS, como  
requisito para obtenção do título de  
Mestra em Comunicação e Informação.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Karla Maria Müller (Presidente/Orientadora)

---

Profa. Dra. Marcia Benetti – UFRGS

---

Prof. Dr. Ronaldo Cesar Henn – Unisinos

---

Profa. Dra. Vanessa Veiga de Oliveira – UFMG

---

Profa. Dra. Dulce Helena Mazer – UFRGS (Suplente)

Aos meus pais, Sebastião e  
Wilmiane, que não só  
compreenderam como apoiaram  
minha jornada até Porto Alegre;  
aos meus irmãos Letícia e Vitor,  
por sempre terem acreditado  
que eu faria um bom trabalho e  
assim me ajudarem a acreditar;  
e ao Ricardo, parceiro que deu  
ainda mais sentido à caminhada.

## AGRADECIMENTOS

A decisão de iniciar o mestrado veio da descoberta, somente ao final da graduação em Jornalismo, de que a pesquisa era uma maneira providencial de dar sequência à formação que iniciei ao passar no vestibular. Vi que lacunas da grade curricular podem ser um espaço para cada estudante preencher como preferir, respondendo a questões de maior interesse e moldando novas perguntas, em vez de se restringir à busca por respostas no mercado da profissão. Por esse motivo agradeço à Vanessa Veiga, que junto da professora Rousiley Maia me apresentou a metodologia de enquadramento noticioso, em 2014, na UFMG, com tanto carinho e dedicação. Foi por essa ferramenta que consegui esboçar na monografia o primeiro exercício de pesquisa em estudos de jornalismo ligado ao tema que me instiga: a Guerra Síria.

O interesse pela área acadêmica nasceu, portanto, da interseção entre objeto de pesquisa (o jornalismo), a temática de interesse (o conflito sírio) e o conceito operacional (*news framing analysis*). Desde então, leituras e vivências profissionais me levam de novo a esses três pontos, que motivaram o desdobramento do trabalho da monografia no projeto do mestrado. Quem apostou na continuidade desse estudo desde a entrevista de seleção até o dia de finalização da dissertação, foi a professora Karla Müller, a quem agradeço especialmente. Por me ensinar tanto, com tanta gentileza e paciência, e mostrar que existe afeto na vida acadêmica, muito obrigada.

Nos dois anos de realização deste estudo, apesar de dar sequência a uma ideia de pesquisa, me redescobri numa nova cidade, num novo estado, numa outra região do Brasil. Do sudeste para o sul, vivendo todas as diferenças de sotaque, provando a culinária gaúcha e criando o hábito de tomar chimarrão. Nesse processo, Thaís Leobeth foi a primeira a me estender a mão e me apresentar a Fabico, além de tirar várias dúvidas sobre o funcionamento do PPGCOM e ser companhia em tardes de boa prosa. Depois conheci o Diego da Maia, que tanto me ensinou na parceria do estágio docente e fez as noites de aula mais alegres. Dulce Mazer, Camila Barths, Tabita Strassburger e Patrícia Kolling também me permitiram excelentes encontros e troca de ideias.

Sem dúvidas os colegas me prepararam para chegar até aqui e para eles vai um imenso obrigada.

Deixo meu agradecimento à Giulia Fontes também, amiga que desde o Curso Abril de Jornalismo em São Paulo reforça em mim o lado bom de seguir estudando. A ela ainda agradeço por me indicar uma extensa bibliografia ligada ao *framing* e me receber em sua casa nos dias de Intercom na cidade de Curitiba, em 2017.

Alice Kuchenbecker, obrigada por ser parte do meu processo de adaptação à Porto Alegre e me dar a oportunidade de crescer profissionalmente enquanto me dedicava à dissertação. Nossas descobertas compartilhadas na prática enriqueceram meu percurso acadêmico.

Júlia Aguiar, agradeço imensamente pelo nosso encontro significar um laço para a vida toda. Você tornou a reta final do mestrado muito mais leve e divertida, me ajudando a chegar em casa a cada dia longo de trabalho e ainda assim ter disposição para produzir a dissertação.

Às amigas Bruna De Llano, Ana Luisa Franciosi e Paola Fernandes, meu agradecimento é por fortalecerem outras áreas da vida pessoal que me inspiram a questionar o mundo, e assim ser uma estudante melhor. Às amigas Aline Copetti, Luiza Thudium, Shana Balzan, Mariana Dalblon e Marília Altomare, obrigada pelo acolhimento caloroso e por me acalmarem quando pensei que perderia os eixos por estar tão longe da família.

O grupo de pessoas queridas que a vinda para o sul me deu se soma a outro de pessoas com quem pude cultivar o vínculo sem que distância alguma atrapalhasse: aos amigos de Belo Horizonte, aos que também saíram de lá para buscar novos caminhos e à Akiko Ishimine, que me entendeu com muita generosidade quando reservei um tempo de nossa viagem ao Japão para as leituras do processo seletivo do PPGCOM - mil vezes obrigada.

Por último, mas não menos importante, família Neves Gomes e Ricardo Parizzi, sou eternamente grata a vocês pelo apoio.

Antes de tudo, são pessoas e os vínculos que construímos que nos possibilitam dar sentido ao mundo que nos cerca, e sem esses aqui citados o desbravar do papel em branco não traria o mesmo resultado.

*Onde está*

*Meu irmão*

*Sem Irmã*

*O meu filho sem pai*

*Minha mãe*

*Sem avó*

*Dando a mão pra ninguém*

*Sem lugar*

*Pra ficar*

*Os meninos sem paz*

*Onde estás*

*Meu senhor*

*Onde estás?*

*Onde estás?*

(Tribalistas, "Diáspora", 2017).

## RESUMO

O presente estudo traz uma análise do enquadramento noticioso das coberturas jornalísticas dos sites G1 e BBC Brasil a respeito da adaptação dos refugiados sírios que vieram para o Brasil. O recorte temporal considera os anos de 2012 a 2017 e contém 33 matérias sobre o assunto, sendo 25 do G1 e oito do portal da BBC em português. A metodologia da *news framing analysis* (ENTMAN; VAN GORP; REESE; BENFORD e SNOW; D'HAENENS; BERBERS; RIBBENS) foi aplicada à amostra com o objetivo geral de identificar os quadros de sentido, no conteúdo das matérias, acionados pelos dois portais de maior audiência em seus segmentos para tratar da pauta humanitária. O primeiro é de origem nacional e cobre notícias de todas as regiões brasileiras e outro é de origem britânica e especializado em jornalismo internacional, o que acrescentou duas perspectivas para a discussão aqui apresentada. Os resultados da análise nos mostraram *frames*-chave nas coberturas: por um lado, o enquadramento de reivindicações de refugiados sírios, predominante nas matérias do site da BBC, e por outro a abordagem de histórias positivas, focadas na superação de barreiras, vista com maior frequência nas publicações do G1. Como objetivos específicos desse estudo propomos uma breve reflexão sobre o uso da ferramenta metodológica da análise de enquadramento em estudos de jornalismo e apontamentos sobre o formato das publicações e a prática jornalística na era digital.

**Palavras-chave:** Enquadramento noticioso. Estudos de jornalismo. Jornalismo digital. Refugiados sírios.



## ABSTRACT

This study brings a news framing analysis of the coverage made by G1 and BBC Brasil about the adaptation of Syrian refugees in Brazil. The temporal cut corresponds to 2012-2017 and contains 33 features (25 from G1 and eight from the BBC's website in Portuguese). The methodology of news framing (ENTMAN; VAN GORP; REESE; BENFORD e SNOW; D'HAENENS; BERBERS; RIBBENS) was applied to the sample with the overall aim to identify the frameworks, in terms of messages, that were driven by the two news portals with the widest audiences in their segments, to cover the humanitarian issue. The first was created in Brazil and covers news from all over the country, while the second has British origin and is specialized in international journalism - which brought different perspectives to the discussion. Key-frames were found in the material: on the one hand, claims of Syrians living in Brazil were emphasized (framework prevalent on BBC's coverage); on the other hand, positive stories involving the overcoming challenges were pointed out (recurring framework on G1's coverage). As specific purposes the analysis provides a brief reflection on the use of news framing as a methodological tool to journalism studies and notes on the layout of the stories and on the exercise of journalism in the digital era.

**Keywords:** News framing. Journalism studies. Digital journalism. Syrian refugees.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Matérias do portal G1 feitas no estado de SP.....	65
Figura 2 - Infográfico de contextualização da Guerra Síria.....	68
Figura 3 - Chamadas para matérias afins.....	69
Figura 4 - Falas de refugiados sírios sobre adaptação no Brasil.....	71
Figura 5 - Matérias do portal G1.....	73
Figura 6 - Matéria do portal G1 aborda brasileira que recebeu sírios em sua própria casa.....	76
Figura 7 - Matérias da BBC Brasil que utilizam os mesmos vídeos.....	78
Figura 8 - Fala do refugiado Abdel no frame do vídeo da reportagem do portal BBC Brasil.....	79
Figura 9 - Fala do refugiado Mohammed no frame do vídeo da reportagem do portal BBC Brasil.....	80
Figura 10 - Matérias da BBC Brasil que apresentam críticas à recepção de refugiados sírios pelo governo brasileiro.....	81
Figura 11 - Frames de vídeo da reportagem do portal BBC Brasil.....	83
Figura 12 - Matéria da BBC Brasil sobre diferenças culturais observadas por refugiado sírio.....	84
Figura 13 - Matéria da BBC Brasil aborda jogo de futebol com time de refugiadas sírias.....	85
Figura 14 - Enquadramentos-chave encontrados no corpus de estudo.....	100

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pontos essenciais da narrativa dos portais G1 e BBC Brasil sobre a Guerra Síria.....	31
Quadro 2 - Matérias contempladas no corpus.....	54
Quadro 3 - Exemplos das variáveis que compõem o livro de códigos.....	59

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Os pedidos de sírios por reconhecimento da condição de refugiado no Brasil.....	28
Gráfico 2 - Extensão dos textos das matérias do corpus (por número de palavras).....	90
Gráfico 3 - Matérias publicadas por ano.....	91
Gráfico 4 - Barreiras para adaptação dos refugiados sírios no Brasil encontradas nas matérias do corpus.....	96
Gráfico 5 - Sugestões de caminhos para adaptação dos refugiados sírios no Brasil encontradas nas matérias do corpus .....	98

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<i>ACNUR</i>	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
<i>CONARE</i>	Comitê Nacional para os Refugiados
<i>ONU</i>	Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>O CONTEXTO DA DISCUSSÃO</b> .....	24
2.1	A PAUTA DOS REFUGIADOS SÍRIOS E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA O BRASIL.....	24
<b>2.1.1</b>	<b>Marcos temporais do conflito: a Guerra narrada pelos portais G1 e BBC Brasil</b> .....	30
2.2	O ENQUADRAMENTO NOTICIOSO ( <i>NEWS FRAMING</i> ) COMO FERRAMENTA PARA ANALISAR COBERTURAS JORNALÍSTICAS.....	33
2.3	NOTÍCIA DIGITAL: FONTE DE NOVOS RECURSOS PARA ENQUADRAR CONTEÚDO.....	38
<b>2.3.1</b>	<b>Os valores-notícia no jornalismo digital</b> .....	40
<b>2.3.2</b>	<b>Jornalismo na internet e as mudanças na prática profissional</b> .....	45
<b>2.3.3</b>	<b>O futuro das práticas jornalísticas</b> .....	47
<b>3</b>	<b>PASSOS METODOLÓGICOS</b> .....	52
3.1	SELEÇÃO DO CORPUS.....	54
3.2	LIVRO DE CÓDIGOS (CODEBOOK).....	55
3.3	TECITURA DA ANÁLISE.....	61
<b>4</b>	<b>ANÁLISE REALIZADA</b> .....	63
4.1	ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS NAS MATÉRIAS DO G1.....	64
<b>4.1.1</b>	<b>Análise do formato das matérias do G1</b> .....	66
<b>4.1.2</b>	<b>Análise do conteúdo das matérias do G1</b> .....	72
4.2	ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS NAS MATÉRIAS DA BBC BRASIL.....	77
<b>4.2.1</b>	<b>Análise do formato das matérias da BBC Brasil</b> .....	82
<b>4.2.2</b>	<b>Análise do conteúdo das matérias da BBC Brasil</b> .....	83
4.3	A COSTURA DOS ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS ENCONTRADOS.....	88
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	103
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	107
	<b>APÊNDICE A –</b> Resumo das matérias do corpus de análise.....	113
	<b>APÊNDICE B –</b> Livro de códigos (codebook).....	116

<b>APÊNDICE C</b> – Codificação das matérias do corpus de análise.....	117
<b>APÊNDICE D</b> – Gráficos com resultados da plataforma Alexa (SEO).....	118
<b>ANEXO</b> – Livro de códigos das autoras de Ku Leuven (Bélgica).....	120

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalismo informa e enforma: dá contornos à apreensão de sentidos, construindo a realidade social por meio de quadros – ou enquadramentos – que orientam a interpretação de fatos, acontecimentos e conjunturas. É nessa noção construtivista da atividade jornalística (D'ANGELO, 2002; ALSINA, 2005) que mora a ideia do estudo aqui apresentado.

Pesquisar a cobertura jornalística com base nesse referencial, de que a autonomia para a elaboração de notícias é costurada à bagagem cultural e social do jornalista, sendo lapidada por esse contexto e também por constrangimentos organizacionais e pelo esforço investigativo do profissional, é um caminho aplicável à pesquisa de qualquer tema em pauta na mídia.

Pensando no tema Guerra Síria, conflito que entra no seu oitavo ano de duração em 2019, são muitas as abordagens possíveis por parte do jornalismo. Economia, religião, violência, relações internacionais, cultura e questões humanitárias exemplificam tópicos que podem ser levados em conta na cobertura de um evento tão complexo como o que acontece na Síria (veremos mais sobre essa pauta e valores-notícia para tratar do assunto no capítulo 2 do trabalho). A fim de analisar um dos assuntos contidos no conflito e observar as perspectivas jornalísticas para falar da Guerra Síria, propomos uma análise de enquadramento noticioso de 33 matérias dos portais G1 e BBC Brasil que tratam dos refugiados sírios que estão vivendo em cidades brasileiras - publicadas ao longo de cinco anos de conflito (2012-2017).

Selecionar um dos aspectos noticiados é uma forma de direcionar o foco do estudo e viabilizar a aplicação tanto do conceito de *news framing* quanto da ferramenta metodológica que é a análise de enquadramento jornalístico (*news framing analysis*), além de adequar o material ao curso de dois anos. Para que as pessoas construam suas visões sobre o conflito e seus desdobramentos, o jornalismo contribui dando visibilidade a facetas de um evento, e essas facetas são selecionadas ou salientadas de acordo com a escolha editorial e dos repórteres dos veículos de comunicação. (ENTMAN, 2004). Nesse estudo buscaremos esses moldes de sentido em coberturas jornalísticas dos portais G1 e BBC Brasil sobre o processo de reconstrução da vida dos refugiados sírios que vieram para o Brasil.



Após a seleção desse tópico para observação, chegamos ao objeto de pesquisa, que são as matérias sobre a adaptação dos refugiados sírios ao novo país de residência feitas pelos portais de notícia - entre os anos de 2012, quando as pessoas começam a fugir do conflito, e 2017, ano anterior ao início desta análise. Os sites têm o maior alcance de leitores<sup>1</sup> no Brasil dentre veículos online de notícias, o que justifica a escolha para análise - sendo o G1 voltado para coberturas nacionais e locais e a BBC Brasil especializada em cobertura internacional.

O grupo britânico começou a produzir conteúdo em português há 80 anos<sup>2</sup>, no ano de 1938, pelo rádio, em função da Segunda Guerra Mundial. A primeira notícia da BBC Brasil, que hoje mantém site hospedado no portal *bbc.com*, trazia atualizações do conflito, anunciando a chegada de Hitler a Viena. Somente em 1999 o site de notícias em português foi criado, quando os veículos brasileiros também estavam chegando à internet. O serviço da BBC Brasil iniciou-se com poucos profissionais e atualmente a equipe é formada por 30 pessoas, sendo 25 jornalistas - divididos entre São Paulo e Londres, além de correspondentes em Brasília e em Washington. A tradicional empresa de comunicação, presente em 33 países, disponibiliza guia editorial<sup>3</sup> a ser seguido por todas as filiais e plataformas, documento que prega a diversidade de opiniões e o respeito à privacidade das pessoas mencionadas nas matérias.

O outro portal selecionado para análise foi criado pelo Grupo Globo em 2006<sup>4</sup>, sob o comando dos jornalistas Álvaro Pereira Jr., Renato Franzini e Márcia Menezes, todos com longa carreira na televisão. Na ocasião de inauguração do G1, o objetivo do site era compartilhar no meio digital o conteúdo produzido pelos jornais televisivos (inclusive de emissoras afiliadas), porque a internet já era vista como o canal do futuro, pelo qual as pessoas iriam procurar informação. Em pouco tempo o site de notícias, que é hospedado no portal *globo.com*, foi adaptado para acesso em *smartphones* e *tablets*, quando surgiram telas ainda menores do que a do computador. Atualmente o G1

---

<sup>1</sup> Com base na ferramenta de SEO da Amazon, chamada Alexa, consultada pela última vez em fevereiro de 2019, foi possível identificar os sites de notícias mais acessados no Brasil. No apêndice D do trabalho estão os gráficos gerados pela plataforma que demonstram os resultados.

<sup>2</sup> Mais sobre história da BBC Brasil em: <https://bbc.in/2JImnou> (último acesso em janeiro de 2019).

<sup>3</sup> Material disponível em: <https://bbc.in/2CRrK5K> (último acesso em janeiro de 2019).

<sup>4</sup> Mais sobre a história do G1 em: <https://bit.ly/2uQjpJI> (último acesso em julho de 2018).

corresponde à divisão do portal do Grupo Globo que traz as notícias do cotidiano, factuais, enquanto outros segmentos do portal oferecem conteúdo voltado para o entretenimento (Gshow, Globoplay, Globosat), esporte (GE) e tecnologia (techtudo.com).

Em relação ao conteúdo internacional do G1, o site conta com enviados especiais, mas utiliza materiais de agências de notícias, como Reuters e Agência EFE, e replica textos da BBC Brasil. Em 2015, foi criado o “G1 em 1 minuto”, quadro que levou para a televisão as principais notícias do portal, integrando o conteúdo online à programação tradicional, por meio de rápidas entradas ao vivo na TV Globo. O Grupo de mídia também disponibiliza documento<sup>5</sup> com princípios editoriais que afirma guiar os veículos jornalísticos da empresa.

Ambos os sites de notícias, que permitem acesso gratuito e ilimitado<sup>6</sup>, trazem representações do formato pelo qual as notícias estão sendo divulgadas na era digital, mas também suscitam questões sobre o processo de fragmentação da realidade para que essa seja representada pelo discurso jornalístico e compartilhada com o público. Os recursos tecnológicos e as práticas de apuração e redação incorporadas ao trabalho do jornalista nas plataformas digitais trazem tantas possibilidades, mas ao mesmo tempo reproduzem tantas características do formato jornalístico tradicional, que vale observar o que marca a produção de matérias digitais nesses dois portais (no que diz respeito à estrutura do conteúdo), ainda que esse não seja o objetivo principal do trabalho.

Ademais, o pano de fundo para essa discussão, que é o conflito que rendeu a maior crise humanitária da história, segundo a ONU, se coloca como uma pauta que não pode ser ignorada. Pelo contrário, merece atenção não só por mobilizar todo o mundo em função de suas consequências sociopolíticas, mas principalmente por não podermos nos conformar com a situação das milhões de pessoas que foram arrancadas de seu país de origem.

Ressaltamos também de maneira objetiva, para orientar a leitura das reflexões propostas, a definição de refugiado segundo o Alto Comissariado das

---

<sup>5</sup> Princípios editoriais do Grupo Globo disponível em: <https://glo.bo/2pYDZG9>

<sup>6</sup> O acesso gratuito e ilimitado estava disponível até o período de conclusão do presente trabalho (fevereiro de 2019).

Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR): trata-se da pessoa que escapou de conflitos armados ou perseguições. Comumente, nesses casos é necessário cruzar fronteiras internacionais às pressas e só então reivindicar a condição de refugiado, para receber apoio dos Estados e da ONU, além do acesso aos direitos do país em que se encontra.

Voltando à construção da estrutura do trabalho, de forma a organizar a síntese aqui proposta, evidenciamos como objetivo geral da pesquisa identificar os enquadramentos noticiosos dos sites G1 e BBC Brasil acerca da adaptação dos refugiados sírios no Brasil, no que diz respeito aos tópicos contemplados (leia-se: as mensagens) nas matérias. Como objetivos específicos desse estudo propomos uma breve reflexão sobre o uso da ferramenta metodológica da análise de enquadramento em estudos de jornalismo e apontamentos sobre o formato das publicações e a prática jornalística na era digital.

Para seguir com a proposta do trabalho foi necessário ler tanto os estudos de jornalismo já feitos no Brasil sobre a temática de guerra quanto trabalhos que utilizaram a análise de enquadramento jornalístico como ferramenta metodológica, a fim de entender melhor qual abordagem poderia acrescentar à pesquisa dessa área de conhecimento. Sobre a busca das pesquisas que relacionam mídia e conflitos bélicos, não encontramos teses, dissertações ou artigos de Comunicação (feitos nos últimos 15 anos) que dessem enfoque somente à cobertura da situação dos refugiados sírios no Brasil. O estudo brasileiro da cobertura de guerra está relacionado a eventos já encerrados e é frequentemente feito a partir de um olhar histórico sobre as notícias, como visto na dissertação sobre os meios de comunicação em situações de guerra dos Estados Unidos (PAULINO, 2009), que analisa perspectivas da mídia em conflitos americanos. Também foram encontrados artigos sobre o papel dos meios de comunicação no desenrolar da Guerra Síria (PAULINO, 2009; MONTEIRO E HELLER, 2015); dois estudos que partem da noção de *framing*, sendo uma dissertação sobre a cobertura do conflito no Iraque (SILVA, 2006) e uma tese que aplica o conceito de enquadramento à cobertura das cúpulas de chefes de Estado do Mercosul (BATISTA, 2017). Os temas terrorismo, migração, guerra e paz aparecem relacionados a pesquisas sobre midiatização de conflitos (FERNANDES, 2006), ao jornalismo internacional como segmento profissional (LOBATO, 2016) e ao conceito de webdiáspora (CURI,

2014). Essas contribuições não contemplam a pauta dos refugiados sírios, haja vista que muitas delas foram feitas antes da Guerra e outras focaram em diferentes aspectos de conflitos, como o terrorismo e a influência da cobertura midiática no desenrolar dos eventos bélicos.

Em seguida realizamos um compilado para entender quem produz pesquisa sobre enquadramento noticioso no Brasil, na área da Comunicação, e o que é produzido por esses autores. Esse estudo está registrado em artigo apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação<sup>7</sup>, e aponta para a aplicação da ferramenta metodológica em textos da mídia impressa e a concentração de pesquisadores que adotam tal caminho metodológico na região sul do Brasil (principalmente no estado do Paraná).

Essa busca também nos mostrou que os autores dos trabalhos que utilizam a metodologia de *framing analysis* são em sua maioria ligados à pesquisa em Comunicação e Política e Comunicação e Cultura, e como observamos em estudo anterior, “recorrem ao enquadramento noticioso para analisar a cobertura de problemas sociais, além de verificar a contribuição do jornalismo para a construção de narrativas que reflitam a complexidade de diferentes contextos da sociedade”. (GOMES, 2017). Trata-se da análise de coberturas de conflitos em favelas, repercussão de políticas públicas, eleições, problemas ambientais e movimentos sociais. No estudo aqui proposto, o conceito operacional da *news framing analysis* é utilizado para estudar matérias que abordam o processo de inserção de sírios na sociedade brasileira, portanto focamos na questão humanitária da Guerra.

A aplicação da ferramenta de análise a temas relacionados aponta para o caráter social do conceito de enquadramento, que ajuda a identificar aspectos das matérias jornalísticas que refletem visões de mundo sobre um tema. Assim, o enquadramento noticioso dá conta das representações sociais que por vezes são marginalizadas, negligenciadas ou até ignoradas, por demarcar ideias socialmente compartilhadas refletidas na construção da notícia.

Nos artigos publicados em periódicos de Comunicação entre 2013 e 2016 (ano anterior ao início desse trabalho), vimos que o enquadramento noticioso está sendo utilizado como apoio metodológico e os temas selecionados para

---

<sup>7</sup> Sobre o assunto ver: <https://bit.ly/2NyZ0Aa>

pesquisa de *framing* estão sendo observados a partir de veículos impressos – sem que seja discutida a realidade digital do jornalismo, que impactou fortemente a configuração da arena de debate público do qual a mídia faz parte. (MAIA; GOMES, 2008). Se a contribuição do jornalismo para o debate social foi alterada pela internet, não há dúvidas de que a atividade de enquadrar os acontecimentos (leia-se: produzir notícias) também foi. Na revisão de trabalhos que propõem análises de enquadramento foi visto que mesmo os que contemplaram matérias online disponíveis em portais de notícias, ou redes sociais, não contemplaram a discussão sobre a influência dessa realidade digital na construção das notícias. Nesse sentido, as contribuições dos trabalhos mais recentes de enquadramento jornalístico no Brasil parecem estar restritas aos caminhos de mídias tradicionais, deixando em segundo plano a potencialidade de estudar os quadros de sentido produzido pela notícia em tempos de convergência midiática - contexto discutido por autores referenciados nessa análise (JENKINS, 2008; D'ANDREIA, 2012; SQUIRRA, 2012) e que permeou as reflexões.

Um dos estudos de anos anteriores conversa diretamente com este aqui apresentado, focado na cobertura jornalística de refugiados (CARDOSO, 2013). A tese da pesquisadora Anelise Cardoso utiliza o método da análise de conteúdo para estudar como a figura do refugiado é construída pelo jornalismo, observando quais elementos das matérias enfatizam a guerra e/ou a paz. Com base na teoria do jornalismo para a paz (GALTUNG apud CARDOSO, 2006), pela qual a atividade jornalística poderia contribuir para a integração local de sujeitos marginalizados, a autora analisa 98 textos extraídos dos jornais Correio Braziliense, Zero Hora, Folha de S. Paulo e O Globo, publicados ao longo dos 10 anos após atentados às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001. Os apontamentos do trabalho dizem respeito à mídia impressa, mas também tocam no que faz parte da essência do jornalismo (apuração e verificação de informações), indicando que os refugiados são apresentados por meio de estereótipos e como figuras ameaçadoras, sem que haja iniciativa significativa de promoção da paz por parte da cobertura jornalística. Este ponto ligado ao preconceito foi observado nas matérias aqui analisadas.

Contudo, a contribuição da tese de Cardoso não contempla grupo específico de refugiados, já que o trabalho diz respeito à representação de

pessoas que se inserem numa nova paisagem social, tratando do termo refugiado de maneira geral, conceitual. Cerca de seis anos depois, a discussão apresentada no presente estudo se atém a refugiados sírios que vieram para o Brasil e adota outra metodologia para estudar a cobertura de tema afim, mas num contexto bastante diferente. O jornalismo digital já não é mais novidade, apesar de trazer novidades a todo tempo, e novos acontecimentos e formatos jornalísticos geraram outras questões sobre a cobertura de refugiados, o que resultou na proposta aqui apresentada.

Ainda sobre a revisão de estudos afins, em trabalhos publicados em periódicos científicos de Comunicação, que não tratam da cobertura de conflitos, mas adotam a análise de enquadramento, Robert Entman (1993) é referência crucial, principalmente por sua publicação de 1993 no *Journal of Communication*, embora o autor tenha lançado um amplo material sobre o assunto e continue em fase de alta produtividade acadêmica. Nos últimos anos de publicações de teses, dissertações e artigos, não houve grandes mudanças na aplicação do conceito, o que pode ser interpretado também como estabilidade do argumento no meio acadêmico, haja vista o uso do conceito ter sido feito por pesquisadores com anos de experiência. (GOMES, 2017). Houve, contudo, ajustes de metodologias clássicas da *framing analysis* para que fossem feitas sob medida em casos de eventos atuais ou inéditos. Como sugerido por Miquel Alsina (2005, p. 33), “a ciência não precisa ser claustrofóbica” e deve ser pluridisciplinar. Por isso no presente trabalho também foram feitos ajustes a partir de metodologias aplicadas em estudos que inspiraram a realização deste, como veremos no decorrer da discussão.

Nesse sentido nos filiamos à corrente de estudos de enquadramento noticioso, por acreditarmos na pertinência desta para a produção de reflexões sobre o Campo da Comunicação, sem perder de vista a prática incorporada que exige do estudante enfrentar desafios empíricos, no processo ao qual José Luiz Braga se refere como enfrentamento das coisas (BRAGA, 2011). Essa relação com a metodologia foi crucial para propor as reflexões aqui apresentadas.

Ao reunir os últimos artigos feitos sobre enquadramento em periódicos brasileiros da área da Comunicação (GOMES, 2017) vimos também que a aplicação da ferramenta merece ser melhor esclarecida na seção da metodologia utilizada em cada pesquisa, como procuramos fazer no capítulo 3. Destinar uma

parte específica à explicação dos passos metodológicos seguidos, incluindo os procedimentos de coleta e seleção do corpus, além da estratégia escolhida para a análise, nos parece essencial para contribuir com estudos afins, uma vez que a adequação da estratégia de análise ao objeto não exime o trabalho do compromisso com a transparência, para que ele sirva ao Campo da Comunicação e seja base para contestações e/ou aprimoramentos.

Em suma, após o contato com a teoria do conceito de *framing* e suas possibilidades de aplicação, além da revisão de trabalhos vinculados à temática da Guerra e à ferramenta metodológica selecionada, a discussão que aqui introduzimos foi estruturada em quatro partes. O capítulo 2 apresenta três tópicos ligados à análise: a pauta contida nas matérias do G1 e da BBC Brasil (a questão dos refugiados sírios), as referências teóricas utilizadas na construção da análise de enquadramento e provocações sobre o jornalismo na era digital, que também basearam a observação do corpus de estudo. Após essas reflexões que contextualizam o trabalho, descrevemos no capítulo 3 os passos metodológicos seguidos para realizar a análise e no capítulo 4 entramos nos resultados da *news framing analysis*, com destaque para a indicação de enquadramentos-chave vistos nas coberturas jornalísticas: *frames* que enfatizam os casos bem sucedidos de refugiados sírios no Brasil e *frames* que priorizam os entraves encontrados por essas pessoas no processo de adaptação ao novo país. Finalmente, no capítulo 5 apontamos para as questões suscitadas pela discussão e para os desafios encontrados no percurso de estudo, que podem ser trabalhados daqui em diante.

Aqui cabe ainda um esclarecimento: ao longo da discussão nos referimos ao conteúdo dos portais de notícias como matérias e publicações, sem entrar na diferenciação dos conceitos de notícia e reportagem, visto que o formato de produção para o meio digital - sobretudo após a difusão de dispositivos móveis - passa por atualizações constantes, e entendemos não haver definição sobre a estrutura típica da produção jornalística para plataformas digitais, embora o discurso jornalístico esteja imbricado ao conteúdo. As inovações nos parecem abrir caminho para a multiplicidade de formatos e ainda assim há elementos textuais e de formatação que nos permitem identificar um material jornalístico. A palavra notícia aparece sim em trechos do trabalho, mas é utilizada como sinônimo de narrativa jornalística típica dos meios que produzem *hard news*

(TUCHMAN, 1978), assim como o adjetivo contido no termo enquadramento noticioso (*news framing*), que se refere ao discurso jornalístico.

A seguir, o capítulo de contextualização estará dividido em três seções, uma para cada tópico que constitui a análise. A pauta dos refugiados, o conceito de enquadramento noticioso e o jornalismo digital.



## 2 O CONTEXTO DA DISCUSSÃO

Nesse estudo nos deparamos com a complexidade de analisar as coberturas jornalísticas de dois portais de notícias sobre refugiados sírios que chegam ao Brasil e sua adaptação num novo país. Além do caráter empírico, também se coloca a questão epistemológica do jornalismo, nas discussões sobre a metodologia escolhida para a análise, sobre as mudanças na prática da profissão (e conseqüentemente na formação acadêmica de jornalistas) e ainda sobre a nova lógica de consumo dos textos jornalísticos resultante das inovações digitais.

Assim, faz-se necessária a reflexão sobre três pontos que sustentam esse trabalho. O primeiro diz respeito à pauta observada nos portais G1 e BBC Brasil, que é a situação dos refugiados sírios que vivem no Brasil, atrelada ao conflito que perdura por anos e permanece como uma incógnita a ser decifrada pelos agentes que tentam solucioná-lo; o segundo é ligado à ferramenta metodológica escolhida para realização da pesquisa, a análise de enquadramento noticioso (*news framing analysis*), que ainda é nova para o Campo do jornalismo e deve ser colocada à prova para trazer contribuições à Ciência da Comunicação; e o terceiro ponto se relaciona a mudanças que se refletem na produção de notícias e nas plataformas dos veículos de comunicação, por conta da sociedade em rede (CASTELLS, 2000) que a todo tempo cria formas de interação. A seguir, vejamos ponto a ponto.

### 2.1 A PAUTA DOS REFUGIADOS SÍRIOS E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA O BRASIL

A Guerra que entra no oitavo ano de duração em 2019 iniciou-se por questões políticas, em especial pela insatisfação da população com o governo vigente, mas, desde a instauração de conflitos entre civis, desdobrou-se em problemas econômicos, religiosos e principalmente humanitários. Segundo a ONU, até o ano de conclusão desse estudo 500.000 pessoas foram mortas na Guerra e, da população síria pré-guerra, formada por 23 milhões de habitantes, 11 milhões migraram em busca de segurança. A população que permanece na Síria enfrenta dificuldades severas de abastecimento e segurança, além do fato

de que 69% das pessoas vivem em situação de extrema pobreza - também de acordo com dados<sup>8</sup> das Nações Unidas.

Contudo, o país localizado no Oriente Médio já se originou com o problema da fragmentação territorial, que é refletido em limites étnico-religiosos desde a proclamação da independência do Estado sírio, somente em 1946. Não podemos desconsiderar as raízes históricas que foram se moldando até que a conjuntura do século XXI gerasse o início da guerra civil e da guerra internacional instauradas em 2011. A crise, que nasceu na esteira da Primavera Árabe e provocou o impasse mais intenso entre Estados Unidos e Rússia desde a Guerra Fria (ZAHREDDINE, 2013), vem de um cenário de disputa entre diversas comunidades, marcadas por rígidos códigos de comportamento. De acordo com o autor Danny Zahreddine (2013), trata-se de grupos sociais que, apesar de diversos, têm em comum o respeito a famílias, clãs e religião, resultando na dificuldade por parte do Estado de atender as aspirações sociais. Zahreddine complementa o raciocínio:

Na ausência de instituições nacionais capazes de mediar as relações de poder entre as comunidades, o papel das instituições primárias, como a religião e a família se mostra primordial para manutenção da ordem do Estado. Mesmo o Governo sírio sendo laico, sua sociedade não é secular, e muito das contradições que podem ser encontradas na relação entre governo e sociedade é fruto deste descompasso. (ZAHREDDINE, Danny apud BUZAN, 2004 e SANTOS FILHO, 2013. p.13. 2013)

Mesmo com o embate de interesses, o governo sírio dos últimos 50 anos havia resistido a processos de fragmentação territorial por ter um exército fiel à família Assad, que entrou no poder em 1970, e pela utilização da violência para inibir qualquer perturbação da ordem política. (ZAHREDDINE, 2013). Isso porque Hafez Al Assad chegou ao poder por meio de golpe militar e governou a Síria por 30 anos, deixando a presidência apenas quando faleceu, no ano 2000. Seu filho, Bashar Al Assad, na ocasião com 34 anos de idade, assumiu o posto do pai e continua no cargo até o ano de conclusão desse estudo, 2019. O filho deu

---

<sup>8</sup> Ver dados completos sobre a situação dos refugiados sírios na página exclusiva do portal do ACNUR: <http://www.acnur.org/portugues/siria/>

continuidade às alianças locais pelas quais o pai prezava e à repressão de movimentos contrários ao Governo. Essas alianças caracterizam-se, desde a década de 1970, pelo favorecimento da própria família e do seu grupo de origem, os alauítas xiitas (minoridade étnico-religiosa na Síria), que são vistos por outros grupos como infiéis, por apoiarem a autonomia do sujeito para interpretar o que a religião islâmica prega. Assim, desde o Governo de Hafez Al Assad o caráter secular da família vai contra a ortodoxia sunita (LUCENA, 2017), grupo que representa maioria populacional na Síria. Entretanto, na era Bashar Al Assad a fidelidade do exército e do povo alauíta ao presidente deixou de ser suficiente para conter a Guerra brutal iniciada em 2011, em razão do novo contexto político e econômico desenhado após a Guerra Fria.

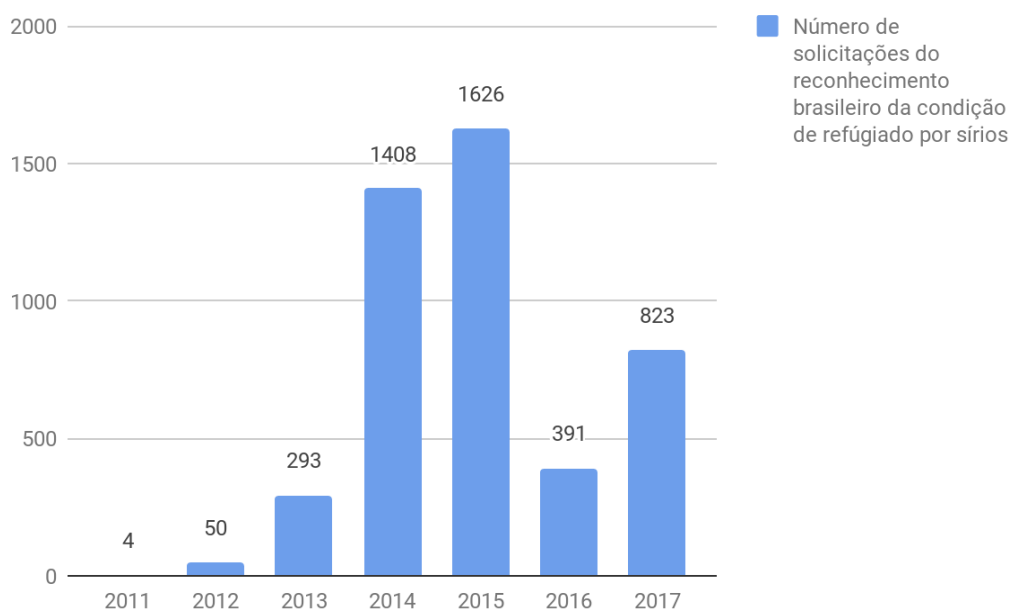
Para trazer uma breve ideia de como esse conflito se insere na conjuntura do século XXI, recorreremos às reflexões do historiador Eric Hobsbawm (2007). O autor entende que no século XIX as guerras eram claramente identificadas por embates entre países ou conflitos internos de uma nação. Depois da Guerra Fria, iniciada no século XX, “a linha que separa os conflitos entre países e os conflitos no interior dos países – ou seja, entre guerras internacionais e guerras civis – tornou-se difusa”. (HOBBSAWN, p. 26, 2007). Essa característica marca o que se passa na Síria e diz sobre o desafio de articular o fim da Guerra, bem como sobre a complexidade que deve ser narrada pela mídia noticiosa.

Os lados pró-Assad e contrários ao presidente ganham diferentes aliados mundo afora, e países como Estados Unidos, Arábia Saudita e Israel passam a combater o regime sírio e financiar grupos não-estatais que lutam contra Assad; enquanto países como Rússia, Irã e China declaram apoio ao líder do Governo e apoiam o exército do país, bem como outros grupos que desejam a manutenção do presidente. Esse jogo de interesses é chamado de “guerra por procuração” (*proxy-war*), pois governos de grande relevância no cenário político mundial apoiam grupos internos da Síria para lutar em favor de seus interesses. (LUCENA, 2017). Somado a isso, os grupos não-estatais paramilitares jihadistas (Ex: Hezbollah, pró-regime, e Estado Islâmico, com características específicas) se aproveitam da vulnerabilidade do país e buscam a dominação de territórios sírios com a justificativa de uma guerra santa, para governar sociedades com base na lei islâmica (*sharíá*).

Essas diferentes forças atuantes na Síria retomam a origem de fragmentação do território do país, que já não é mais o mesmo em relação a sua configuração na ocasião de independência, pois perdeu o domínio de regiões em lutas armadas da Guerra vigente. Nas palavras de Lucena (2017), essa nova configuração territorial nos leva a crer que como desfecho do conflito “pode ocorrer algo semelhante ao que já vem sendo uma realidade na Líbia: o país continua existindo enquanto unidade político-territorial, mas na prática não funcionando como tal, com diversos grupos disputando o poder”. (LUCENA, p. 120, 2017). E, ainda que os sírios que deixaram o país voltem com o passar do tempo, certamente a população não será mais a mesma.

Em relação ao Brasil, ainda que não exerçamos protagonismo na Guerra Síria, atualmente o país é o que mais recebe refugiados na América Latina. Segundo o ACNUR, o ano de 2015 foi marcado pela crise migratória, e no Brasil foram quase 30.000 solicitações de refúgio - por migrantes de mais de 70 nacionalidades, dentre elas a de números mais expressivos correspondem a haitianos, cubanos, angolanos, senegaleses e venezuelanos, que desde 2016 ganharam relevância no contexto da chegada de imigrantes no país, em resposta à crise política e socioeconômica que se passa na Venezuela. Como pode ser visto no Gráfico 1 (p.28), com a onda de migração em todo o mundo, há um pico da vinda de sírios em 2015, assim como em 2014, quando o grupo Estado Islâmico começa a atuar na Guerra.

Gráfico 1 - Os pedidos de sírios por reconhecimento da condição de refugiado no Brasil



Elaboração: Melissa Gomes, 2018<sup>9</sup>

O Gráfico 1 também mostra que de 2011 a 2017 o número de solicitações de sírios pelo reconhecimento da condição de refugiado subiu de quatro pedidos, no início da Guerra, para 823 solicitações em 2017, chegando a mais de 1.600 requerimentos no ano de eclosão da crise migratória global. Vale evidenciar que os 2.771<sup>10</sup> sírios que vivem no Brasil com registro de refugiados atendem às diretrizes do direito internacional que incentivam o asilo de pessoas ameaçadas em seus países de origem, estabelecidas pela ONU e colocados em prática no governo de Dilma Rousseff. Desde 2013, em função de uma normativa lançada pelo Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), a concessão de vistos para sírios foi facilitada. O processo simplificado possibilitou mais registros de refugiados no país e por ele foram implementadas políticas de integração e proteção internacional, exclusivamente voltadas para esse grupo.

Embora o número de sírios refugiados no Brasil possa parecer pequeno quando comparado ao número total de solicitações (30.000) recebidas pelo país só em 2015, e diante do número total de pessoas que saíram da Síria em função

<sup>9</sup> O gráfico foi feito com base nos dados fornecidos pelo Conare (Ministério da Justiça), por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI)

<sup>10</sup> Número oficial fornecido pelo Conare (Ministério da Justiça), em abril de 2018.

da Guerra, ele representa a ampliação do processo migratório ligado à Síria. As pessoas que saíram de lá no início do conflito iam para países vizinhos como Jordânia, Líbano, Turquia e Egito, mas, a partir de 2014, um volume considerável de sírios passou a vir para países muito distantes de onde nasceram, o que demarcou novas fases da crise migratória síria, até chegar a impactar o Brasil diretamente. De acordo com Lucena (2017):

Numa primeira fase, tiveram os deslocamentos dentro da própria Síria (escalas local e nacional), na segunda fase, a migração para os países vizinhos mais receptivos do Oriente Médio (escala regional). O terceiro momento seria o fluxo em direção aos países europeus (escala continental) e, por fim, o último nível (a escala mundial), quando a corrente migratória começa a se direcionar para regiões mais distantes geograficamente do epicentro da guerra civil, como os países americanos (Estados Unidos, Brasil, Argentina, etc). (LUCENA, Gleydson Gonzaga de. p. 81, 2017)

Outro fator que liga o Brasil à questão humanitária do conflito e dá sentido ao número de refugiados sírios que chegaram ao país é a parcela da população brasileira de ascendência árabe, que inclui aproximadamente 4 milhões de origem síria. (LUCENA, p.20, 2017). Esse ponto fez com que a relação Brasil-Síria se estreitasse, principalmente no século XXI, após eleição do presidente Luis Inácio Lula da Silva, que foi o primeiro governante brasileiro a visitar a Síria e outros países do Oriente Médio, fortalecendo relações econômicas e firmando sete acordos bilaterais de cooperação com o Governo sírio, nas áreas da saúde, turismo, esporte e cultura. (LUCENA, 2017). Lucena (2017) também afirma que em 2010 o presidente da Síria Bashar Al Assad retribuiu a visita de Lula e veio ao Brasil, quando recebeu apoio brasileiro em relação às principais reivindicações do Estado sírio, como a devolução das Colinas de Golã ao país.

Por esse breve comentário sobre o contexto em que a Guerra se iniciou e da relação do Brasil com a Síria até o fim do Governo da presidenta Dilma Rousseff e transição para o presidente Michel Temer, em 2017, destacam-se a conjuntura pós-Guerra Fria, em que há uma multiplicidade de grupos envolvidos no conflito e alianças criadas para lutar por variados interesses políticos e

econômicos; e, no que se refere à relação brasileira com a Síria, no início dos anos 2000 o Governo do Brasil apoiou Bashar Al Assad e firmou alianças econômicas com o país, mas, a partir do início do conflito, abriu caminho para acolher refugiados sírios e facilitou a legalização dessas pessoas em território nacional, atraindo-os para recomeçar a vida no Brasil.

Antes de chegarmos à contextualização da ferramenta metodológica selecionada para análise do tópico aqui apresentado e dar sequência à discussão sobre o jornalismo digital, propomos uma recapitulação dos principais acontecimentos da Guerra Síria segundo as coberturas do G1 e da BBC, desde o ano em que o conflito começou, quando os refugiados sírios ainda não vinham para o Brasil em grande número, até o ano de 2017, quando os desdobramentos de cinco anos de violência tornaram a crise na Síria um problema mundial.

O intuito do breve resumo elaborado nesse estudo é oferecer uma referência sobre o pano de fundo da pauta que será analisada. Deixamos claro a respeito da síntese aqui organizada que ela não dá conta do conflito em si, mas da imagem construída pelos portais jornalísticos a respeito do evento. Veremos esse resumo dos enquadramentos jornalísticos contidos nas coberturas do G1 e da BBC Brasil pois a pauta escolhida para a *news framing analysis* faz parte de um tema mais amplo, que é a Guerra Síria.

### **2.1.1 Marcos temporais do conflito: a Guerra narrada pelos portais G1 e BBC Brasil**

Como visto no trecho anterior (2.1), as forças envolvidas na Guerra Síria ganharam novos contornos ao longo do conflito. Em seis anos (2011-2017), eleições trocaram governos de países como Estados Unidos e Turquia, e mantiveram os presidentes do Irã e da Rússia. Novos regimes políticos e a conjuntura política e econômica global impactaram o andamento dos embates e das negociações de paz. As coberturas do G1 e da BBC Brasil sobre a Guerra no geral, que somam 104 matérias no período entre 2012 e 2017 (foco dessa análise) - sendo 71 do G1 e 33 do portal do Grupo BBC, de onde foram extraídas as 33 matérias do corpus de estudo - nos mostram as ideias apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Pontos essenciais da narrativa dos portais G1 e BBC Brasil sobre a Guerra Síria

Ano	Principal tópico noticiado
2011	Início dos protestos da população síria contra o governo de Bashar Al Assad, inspirados pela Primavera Árabe.
2012	Eclosão da guerra civil no país, marcada pela repressão do governo sírio aos protestos e surgimento de grupos paramilitares pró e contra o presidente Assad.
2013	ONU detecta o uso de armas químicas (principalmente bombas de gás Sarin) em ataques na Síria, que matam e ferem mais civis. A autoria dos ataques não é assumida pelo exército sírio, que acusa grupos paramilitares extremistas de cometerem os atentados terroristas contra a população.
2014	Ascensão do grupo extremista Estado Islâmico (EI) desperta ainda mais atenção de governos de todo o mundo. Estados Unidos (ainda governado por Barack Obama) bombardeia territórios do EI enquanto Rússia declara apoio ao governo de Assad e contribui com forças armadas para apoiar o exército sírio.
2015	Crise migratória se espalha por todos os continentes. ONU afirma que Guerra Síria já resulta em mais de 200 mil mortos e metade da população do país refugiada em diversas partes do mundo. Nesse ano também ganha visibilidade o caso do menino sírio Alan Kurdi, encontrado morto em praia da Grécia.
2016	Ano que evidenciou maior articulação entre potências mundiais para cessar o conflito. Após ataques violentos da Europa, reivindicados pelo EI, consolida-se a coalizão norte-americana (formada por EUA, França e Reino Unido) contra o governo sírio. Após eleição do presidente americano Donald Trump, EI perde domínio de duas cidades sírias.
2017	EUA intervém mais fortemente no conflito após eleição de Trump, mas sob argumento de combate ao terrorismo, e não de oposição ao governo de Bashar Al Assad (como argumentava o presidente Obama). Governo sírio recupera cidade de Aleppo, uma das principais do país, mas às custas de mortes e fome generalizada no país. Continuam os bombardeios e ataques com armas químicas.

Elaboração: Melissa Gomes com base nas coberturas jornalísticas do G1 e da BBC Brasil, 2019.

Ainda com os nós atados por grupos fragmentados, que coexistem tanto na oposição quanto no lado pró-governo, Bashar Al Assad se mantém na Síria e a violência não dá outra alternativa aos sírios a não ser fugir do país. Conforme apresentado no Quadro 1, as tentativas de paz não foram bem sucedidas até o



momento. A insurgência da população síria contra o governo vigente propiciou um terreno de vulnerabilidade que favoreceu a penetração de grupos extremistas como o Estado Islâmico, em 2014, e o envio de exércitos internacionais como dos Estados Unidos e da Rússia, que se envolveram na Guerra e se impõem nas negociações com as forças que lutam na síria - em função do arsenal bélico e poder econômico que possuem.

Embora esses dois países demonstrem suas preocupações em relação à persistência do conflito, ambos também demonstram resistência em acolher os refugiados sírios, evidenciada mais recentemente por parte dos EUA pelo veto migratório imposto pelo presidente americano Donald Trump (que resultou na previsão de receber menos<sup>11</sup> refugiados no ano de 2018, em comparação a 2017). Já a Rússia nega asilo aos sírios e opta pela deportação<sup>12</sup> dessas pessoas, por vezes colocando como única alternativa aos que chegam ao país o apoio de ONGs e civis que se voluntariam para ajudar os refugiados.

Após reunirmos os pontos que resumem a narrativa da Guerra Síria nas perspectivas do G1 e da BBC Brasil, veremos como a pauta dos refugiados sírios pode ser apresentada a partir de ângulos de sentido escolhidos pelos veículos. Pela análise de enquadramento noticioso, identificamos visões acerca desse grupo de pessoas e o espaço que é dado a eles na mídia, uma das instituições sociais que deve tratar de pautas relevantes como essa a fim de enriquecer o debate público.

---

<sup>11</sup> Informação apurada a partir da estimativa anunciada pela Casa Branca de receber 45.000 refugiados em 2018 (ver mais em: <https://bit.ly/2v4GgBN>), frente a meta de acolher 110.000 em 2017, números divulgados no site oficial da presidência dos EUA.

<sup>12</sup> Sobre esse assunto, ver mais informações investigadas pela agência de notícias DW: <https://bit.ly/2O654R5>

## 2.2 O ENQUADRAMENTO NOTICIOSO (*NEWS FRAMING*) COMO FERRAMENTA PARA ANALISAR COBERTURAS JORNALÍSTICAS

As áreas da Sociologia e da Psicologia semearam as bases da definição de enquadramento, partindo da ideia de organizar e classificar experiências de vida, atribuindo sentido a elas (ANTUNES, 2009). Ervin Goffman foi o primeiro teórico a desenvolver pesquisas sobre o conceito, em 1959, mas quem o propôs inicialmente foi Gregory Bateson, uma década antes. Bateson sugeriu a ideia de moldura ou frame (1954) e Goffman a sistematizou tratando o termo como um princípio de organização que guia eventos sociais e a construção de experiências pessoais (1986). Na década de 1980 também é inaugurada uma outra vertente de análise, mais densa, relacionando o conceito de enquadramento à mídia e à política (PORTO, 2004).

A partir dessa época, quando o conceito de enquadramento (*framing*) foi relacionado à mídia e mais especificamente ao jornalismo, por autores como Gaye Tuchman (1978) e Todd Gitlin (1980), diferentes quadros teóricos e conceituais foram propostos. Em quase 40 anos de investigação, essa variedade foi agrupada em dois segmentos principais de operacionalização do conceito: “por um lado, estudos orientados para a explicação sociológica do funcionamento do campo jornalístico e dos seus mecanismos de produção de sentido. E, por outro, estudos que têm uma orientação determinada pela explicação dos efeitos dos media noticiosos”. (GONÇALVES, 2011). Os caminhos das investigações até o momento, apesar de ricos no sentido de definir o termo dentro do jornalismo, foram tortuosos no que diz respeito à questão metodológica.

Isso porque, durante as duas primeiras décadas desde o seu surgimento, os estudos de enquadramento na área da Comunicação se dedicaram à especificidade do contexto analisado, em detrimento de uma operacionalização que pudesse ser aplicada de forma geral, padronizada. (ENTMAN, 1993). No século XXI, após anos de aplicação da ferramenta metodológica, busca-se o equilíbrio entre uma base comum para execução da *news framing analysis* e a adaptação a partir dessa às peculiaridades dos objetos de estudo, visto que um objetivo não impede o outro, mas se complementam.

No presente trabalho, uma definição específica de enquadramento, a de Robert Entman (2004), será base para a análise da cobertura jornalística sobre refugiados sírios: “Selecionar e destacar algumas facetas de um evento ou problema, fazendo conexões entre elas a fim de promover avaliação, interpretação particular e/ou solução para os mesmos”. (ENTMAN, 2004, p. 5, tradução nossa). Stephen D. Reese (2007) complementa a conceituação difundida por Entman (2004), acrescentando que “enquadramentos são estruturas que desenham limites de sentido, configuram categorias, apontam ideias presentes e faltantes no material analisado e funcionam para aglutinar questões relacionadas, numa teia de significados que opera ativamente”. (REESE, 2007, p. 150, tradução nossa). As visões afins de ambos os autores justificam o fato da linguagem narrativa, assim como as mídias e o próprio tempo poderem enquadrar ideias e temas socialmente compartilhados, materializando essas noções.

A escolha teórica de referência, no entanto, não impede a consideração de outras contribuições importantes. No Brasil, os estudos de Mauro P. Porto (2004) sobre o conceito também merecem destaque. Ele reconhece a limitação do paradigma da objetividade e da imparcialidade que, no caso da cobertura política – por exemplo - torna invisíveis aspectos importantes, como o papel da mídia, que em certos casos pode ser o de adotar um posicionamento sobre um conflito. Considerando o termo na cobertura política, “O conceito de enquadramento permite entender o processo político como uma disputa sobre qual interpretação prevalecerá na formação, desenvolvimento e resolução de controvérsias políticas”. (PORTO, 2004, p. 93). Já a autora Alessandra Aldé defende o pluralismo político e o pluralismo de enquadramentos como sendo necessidades, porque a imprensa está ligada à democracia (ALDÉ, 2004). Segundo ela, há espaço para a multiplicidade de enquadramentos na mídia e esses quadros de sentido disponíveis para o público promovem discussões nas mais diversas esferas sociais, contribuindo para uma possível interpretação consensual da sociedade em relação a um evento político.

No caso da cobertura de guerra, “de modo geral, a cobertura jornalística de um conflito internacional tende a acompanhar o grau de consenso nacional e mundial em torno da legitimidade da guerra” (ALDÉ, 2004, p. 6). Entendemos que as definições de enquadramento noticioso reforçam o poder do texto

jornalístico e dizem sobre as interpretações de temas públicos na mídia. Um determinado recorte pressupõe certos princípios do profissional que o fez e da mídia pela qual ele é difundido. Em suma, a mídia seleciona aspectos salientes de um acontecimento, criando moldes para a notícia, os quais guiarão a interpretação dos agentes. (ENTMAN, 1993). Nesse sentido, o *framing* é bastante pertinente e aplicável a análises de coberturas jornalísticas, a fim de destrinchar os moldes da notícia.

Para Scheufele (1999), existem três dimensões de operação da *news framing analysis*: enquadramento do jornalista, que, para abordar um assunto aciona os próprios “mundos de referência”, construídos por enunciados lingüísticos e contextos sociais característicos daquele profissional; enquadramento do veículo, que segue uma linha editorial e gera constrangimentos institucionais ao jornalista, moldando a versão final das matérias; e ainda o enquadramento do leitor, que, ao interpretar as notícias, também aciona referências próprias. (SCHEUFELE, 1999). Trata-se de *frames* que se formam nas instâncias de elaboração, publicação e leitura das matérias jornalísticas, indo do produtor até o leitor final, num processo comunicacional que - hoje, ao contrário de como ocorria no século XX - proporciona interação constante.

No presente trabalho, serão analisados os quadros de sentido, ou enquadramentos, acionados pelo G1 e pela BBC Brasil para falar sobre refugiados sírios. Para essa análise buscamos nas matérias do corpus padrões e atributos utilizados no texto e em recursos de formatação das publicações. Também foram consideradas as contribuições trazidas por Baldwin Van Gorp (2010) ao conceito operacional. Para o autor, que cita o exemplo de enquadramentos da pobreza a partir de arquétipos sobre o tema, o jornalista imprime sua experiência de vida em seu trabalho e provoca uma espécie de ressonância cultural ao adotar enquadramentos que recorrem a ideias com as quais o leitor já está familiarizado. (VAN GORP, 2010). Ainda segundo Van Gorp (2010), a aplicabilidade da análise de enquadramento deve levar em conta que as normas e valores culturais são reproduzidos no jornalismo, e adotar passos metodológicos básicos.

Primeiro, é necessário construir um repertório de enquadramentos a partir da leitura prévia e cuidadosa do material que será analisado; em seguida,

serão encontrados *clusters*, ou aglomerados de sentido, que sinalizam abordagens recorrentes numa cobertura jornalística; depois, verifica-se quantitativamente quais são os *clusters* mais frequentes, validando a impressão inicial que resultou da leitura prévia do material de análise e/ou fazendo novas inferências; por fim, é feita a interpretação do corpus pela visão do pesquisador, cabendo a cota de subjetividade envolvida nos registros de qualquer produção científica. Nesse trabalho seguimos essa lógica de utilização da metodologia de análise de enquadramento, adaptando os passos operacionais de acordo com inspirações em outros trabalhos científicos, como veremos no capítulo metodológico.

Afinal, qualquer estudo passa por escolhas do pesquisador a partir de um mundo de possibilidades de temas, metodologias, instituições e período dedicado ao trabalho. Mantida a autenticidade do recorte do material de análise e da leitura quantitativa do corpus, que visam atenuar o grau de subjetividade de uma pesquisa, é inegável e até mesmo positiva a contribuição da perspectiva do sujeito na prática da ciência.

Stephen D. Reese (2011) também postulou suas contribuições para os estudos de enquadramento noticioso, do ponto de vista da sociologia da mídia, identificando que o “como” é mais importante do que “o que” se encontra no conteúdo midiático por meio da *framing analysis*. Para Reese, a análise de enquadramento identifica aspectos latentes de um texto, sistematizando os mesmos em formato científico. Em artigo anterior, Reese se refere à *framing analysis* como “modelo questionador que liga diferentes partes da pesquisa acadêmica que precisam estar em contato: a quantitativa com a qualitativa, a empírica com a interpretativa, a psicológica com a sociológica, a acadêmica com a profissional”. (REESE, 2007, p. 148, tradução nossa). Essa potencial interdisciplinaridade contida na análise de enquadramento é o que pode trazer perspectivas que vão além dos modelos filiados às noções de *agenda-setting* (MCCOMBS e SHAW, 1972), *gatekeeping* (WOLF, 2012 apud LEWIN, 1947) e *gatewatching* (BRUNS, 2005), pelos quais o jornalismo é visto como ofício de seleção de informações de acordo com valores-notícia e interesse do público (BRUGGEMAN, 2014). O estudo dos *news frames* envolve, além dessa noção de filtragem e tratamento do conteúdo midiático, a construção de sentidos presentes numa cobertura jornalística, enfatizando a atividade interpretativa dos

profissionais (mais do que a ação de selecionar informações) e ampliando as possibilidades de reflexão sobre a prática do jornalismo.

Aqui também cabe a contribuição de Elton Antunes (2009), que se voltou para a questão da temporalidade da notícia, aspecto determinante para o enquadramento de um assunto, já que as noções culturais também se atualizam com o tempo. Seu interesse pela *framing analysis* veio do objetivo de ver como os discursos de jornais impressos se relacionavam com a maneira como a questão do tempo era pensada no jornalismo. Antunes (2009) estudou jornais de alcance nacional, regional e local para identificar referências de passado, presente e futuro nas notícias, e como esses elementos de enquadramento construía o sentido das matérias. O autor sinalizou pela pesquisa o fato de que o relato jornalístico é orientado para o acontecimento e não para a problemática (ANTUNES, 2009), aspecto que tende a simplificar o enquadramento e constitui um dos desafios enfrentados pela mídia atual, o de abordar um enorme volume de conteúdo sem perder em profundidade interpretativa.

Pelos apontamentos reunidos até aqui, a teoria do enquadramento demonstra contar com definições próprias do Campo da Comunicação e do jornalismo. Ainda que baseadas nas visões sociológica e psicológica de Erving Goffman (1974) e Gregory Bateson (1976), que dizem sobre o caráter cognitivo da atividade de codificação e decodificação de mensagens - imbricadas no processo de enquadramento de ideias socialmente compartilhadas-, a *news framing analysis* nos mostra que a prática jornalística ultrapassa a simples seleção e formatação do conteúdo e aponta para o processo social de construção dos sentidos da notícia. Essa discussão será retomada não só no capítulo de análise, mas ao longo do trabalho, nos exemplos utilizados e na descrição metodológica do estudo. Ademais, por essa discussão reafirmamos a importância da *news framing analysis* para o desenvolvimento de metodologias próprias da área da Comunicação, que a consolidem no Campo científico.

Para refletir acerca do atual contexto de produção e consumo de conteúdo em plataformas digitais, que gera ainda mais enquadramentos possíveis por parte da mídia, seguiremos com apontamentos sobre o jornalismo na era digital, que está sendo transformado pelas atualizações tecnológicas ao mesmo tempo em que transforma a relação do leitor com as notícias.

## 2.3 NOTÍCIA DIGITAL: FONTE DE NOVOS RECURSOS PARA ENQUADRAR CONTEÚDO

O advento da internet transformou as relações sociais e impactou definitivamente o mercado de diversas profissões, dentre elas o jornalismo. O espaço virtual tem tanto para ser desbravado que, depois de décadas da invenção do computador e de tantos outros dispositivos que surgiram posteriormente, como celulares e *tablets*, não foram encontrados limites de armazenamento que impeçam a publicação de mais conteúdo, como afirma Sebastião Squirra (2012).

Este horizonte técnico-midiático acabou promovendo mudança radical no modelo de negócio das empresas jornalísticas, tendo atingido também os jornalistas, os conteúdos e os modelos de seleção e divulgação de notícias. E se já não bastasse, trouxe inéditas dúvidas sobre o próprio conceito de 'valor-notícia', sobre a volatilidade ou confiabilidade das fontes, sobre a inconstância ou a perenidade dos discursos. (SQUIRRA, 2012, p.109).

A incorporação da internet à vida das pessoas tem relação direta com os veículos de comunicação de massa, como a TV, o rádio e os jornais impressos, já que com o meio online vieram inúmeras possibilidades de produção e disseminação de conteúdo, inclusive integrando os meios tradicionais aos novos. Para o autor Manuel Castells (2009), a era digital configurou modelo massivo de produção e difusão inédito denominado *mass self-communication*, em que os sujeitos gerenciam o que é veiculado na *web* e nas redes sociais, e por isso reconfiguram o antigo papel da intermediação da indústria midiática do século XX, que naquela época não era marcada por diversas formas de interatividade com a audiência, como ocorre atualmente.

O referido horizonte técnico-midiático aponta para a convergência das mídias, discutida também por Henry Jenkins (2008), que afirma que essa conjuntura se dá tanto a partir de interesses empresariais ao criarem novas formas de "otimização dos fluxos e processos de produção de conteúdo" (JENKINS, 2008 apud D'ANDREA, 2012, p. 34), quanto a partir da cultura de participação dos sujeitos em interação nas redes, os quais interferem na escolha e no formato do que será publicado, assim como na repercussão das

mensagens, por meio de comentários, discussões online e compartilhamento das publicações em seus perfis nas redes.

Considerando o aspecto da convergência midiática, seria um engano pensar que a digitalização do jornalismo ocorre por simples transferência do material antes produzido de maneira analógica, por rádio ou televisão, para os *gadgets*, dispositivos móveis. Como afirmam os autores Cleber Gouvêa e Stanley Loh, “o caráter descentralizado da internet torna a web com seus *hiperlinks*<sup>13</sup> um ecossistema dinâmico não apenas de servidores, mas principalmente de pessoas que vem percebendo aos poucos seu valor nessa teia onde o conhecimento cresce e evolui a partir da periferia, das pontas” (GOUVÊA e LOH, 2012, p.73). A plataforma online oferece diferentes perspectivas e novos quadros para narrar histórias e promover o consumo dessas histórias.

A audiência que interage com o que vê, lê e ouve na internet participa de um processo transmidiático de complemento entre as plataformas, acessando informações sobre o mesmo assunto em diferentes locais. Sebastião Squirra sintetizou esse processo de exploração do conteúdo em diferentes formatos com a criação de um novo termo: “E, depois, mantendo os mesmos [**conteúdos**] disponíveis nos arquivos online e recomeçando tudo de novo. É o conceito que poderia ser chamado de ‘espiralação’ jornalística” (SQUIRRA, 2012, p. 121, adição nossa). Para elaboração da análise aqui proposta, interessa-nos o panorama geral das transformações provocadas pelo surgimento da internet, que vão desde a criação de sites de notícias nos anos de 1990 até plataformas que abarcam o jornalismo digital, como *smartphones*, *tablets* e até relógios (mais recentemente, com a criação de *smartwatches*). Todos eles comportam o conteúdo noticioso do qual falamos nesse estudo, produzido para leitores que vivem na sociedade em rede discutida por Manuel Castells (2009).

---

<sup>13</sup> Sobre esse assunto, ver MIELNICZUK, Luciana. Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 246f. Tese de Doutorado - Universidade Federal da Bahia, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2z6G5se>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2019.



### 2.3.1 Os valores-notícia no jornalismo digital

Em consonância com as mudanças no consumo de conteúdo da internet estão as transformações na dinâmica de produção jornalística. No jornalismo digital, conceitos básicos da comunidade profissional, que fazem parte da rotina dos jornalistas - como os critérios de noticiabilidade e valores-notícia (TRAQUINA, 2005; 2013) estão sendo ampliados nas plataformas digitais, que aceita conteúdos ainda mais diversos, mas nem sempre foi assim. Preceitos que levam um fato a merecer tratamento jornalístico até que se torne notícia são guiados por um conjunto de categorias de assunto cultivadas desde o surgimento do jornalismo (a atualidade, a excepcionalidade e o interesse coletivo - guardadas as diferenças de linhas editoriais - são exemplos de valores-notícia que se mantém nas redações de todo o mundo). Como afirma o autor português Nelson Traquina (2013, p. 61):

uma conclusão geral dos estudos sobre os conteúdos dos media noticiosos é que as notícias apresentam um 'padrão' geral bastante estável e previsível. A previsibilidade do esquema geral das notícias deve-se à existência de critérios de noticiabilidade, isto é, à existência de valores-notícia que os membros da tribo jornalística partilham. (TRAQUINA, 2013, p. 61).

Contudo, vale ressaltar que a notícia é um produto cultural, como afirmam Stuart Hall (1978) e Mauro Wolf (1985), e por isso acompanham a atualização da cultura de uma sociedade. Isso justifica o fato dos valores-notícia sofrerem mudanças com o passar do tempo, sobretudo na era digital. Mesmo que a atualidade, a imprevisibilidade e o interesse coletivo sejam elementos essenciais para a noticiabilidade de uma pauta, a lista de atributos que levam um assunto a virar notícia pressupõe que as pessoas já tenham repertório para entender determinado assunto, e esse repertório é incrementado e renovado constantemente, ainda mais na era digital. Assim, como afirmam os autores Bill Kovach e Tom Rosentiel (2004, p. 31), "a imprensa nos ajuda a definir nossas comunidades, nos ajuda a criar uma linguagem e conhecimentos comuns com base na realidade". Um exemplo dessa atualização dos valores culturais que impactou os critérios de noticiabilidade foi citado pela autora brasileira Sônia

Padilha (2012) ao retomar a obra de Tobias Peucer (1690), que foi um dos primeiros autores a refletir sobre a prática jornalística.

No século XVII o autor afirmou que prodígios estranhos, monstruosidades, obras ou produtos excepcionais tinham prioridade nas publicações; em segundo lugar estavam acontecimentos oficiais, relacionados ao governo ou figuras famosas; e em último lugar assuntos religiosos. Peucer também classificou assuntos que na opinião dele não deveriam interessar ao público da época, como a vida particular de membros da aristocracia, execução de criminosos e especulação sobre assuntos de Estado.

Padilha (2012) propõe uma reflexão acerca dos valores-notícia discutidos por Peucer, observando que “hoje é perceptível que ocorreram mudanças em relação ao século XVII no que se refere a assuntos não merecedores do status de notícia. Atualmente, mais do que em outras épocas, quase tudo o que as pessoas consideradas ‘proeminentes’ fazem em âmbito privado torna-se público”. (PADILHA, 2012, p. 201). Assim, embora o extraordinário, o insólito ou improvável, o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte sejam entendidos por vários autores, como o historiador Mitchell Stephens, como qualidades duradouras da atividade jornalística (STEPHENS, 1988 apud TRAQUINA, 2013) -, ocorre mudança significativa no processo de seleção de notícias a partir da difusão da internet, a qual gerou o aumento desenfreado do volume de informações publicadas.

O ‘álibi’ da limitação de espaço, que funcionava como um dos importantes filtros para publicação, deixou de fazer sentido na ‘era dos bits’. Quando os jornais eram exclusivamente em papel, as matérias elevadas à manchete passavam por escolha bastante concorrida. O editor precisava considerar que na capa do produto só havia espaço para uma grande manchete. Assim para que uma matéria ganhasse o status de manchete deveria ter atributos dos valores-notícia muito fortes. (PADILHA, 2012, p. 207).

Por essa constatação nota-se que a capacidade de armazenamento e formatação das notícias publicadas na internet geraram novo potencial de alcance de pessoas, que podem ler numa mesma página muito mais manchetes do que lêem num jornal impresso. Porém, a maior oferta de notícias pode provocar também menos atenção por parte do leitor, que corre o risco de se perder em meio a tantas opções. Como pontua Padilha (2012), “no esteio da

inversão escassez/abundância são sintomáticos os efeitos da experiência de se ter muita informação com pouco tempo para processamento. Esse é o motivo pelo qual a mineração de informação passa a ter um papel fundamental nas tarefas dos jornalistas e vem sendo debatida no meio acadêmico.” (PADILHA, 2012, p. 207), aspecto também ligado aos valores-notícia.

A nova dinâmica instaurada nas esferas de produção e criação de conteúdo digital afetou o jornalismo de tal maneira que, para além do problema do volume de informações, “vemos pela primeira vez o surgimento de um jornalismo baseado no mercado, mais e mais divorciado da ideia de responsabilidade cívica”. (KOVACH; ROSENTIEL, 2004, p. 49). Então, ainda que a mineração de informação ganhe importância dentro do ofício do jornalista, a discussão em torno das implicações mercadológicas da abundância informacional é igualmente relevante. Embora reconheçamos que desde a *penny press* o jornalismo dependia do respaldo comercial para ser veiculado, no século XXI vemos que a base mercadológica chega a ser preponderante e superar a importância da notícia, em exemplos de conteúdos que buscam apenas cliques. Um desses exemplos é a notícia de que Caetano Veloso<sup>14</sup> estacionou o carro em uma rua no Rio de Janeiro, um ato corriqueiro num bairro da cidade em que vivem diversas figuras públicas.

Além disso, o professor Carlos D’Andrea (2012) faz referência a uma das consequências vividas na prática pelos profissionais da mídia: “Para Salaverría e Garcia Áviles (2008), a principal mudança de convergência nas práticas jornalísticas é a polivalência exigida dos profissionais, de quem os veículos passam a exigir habilidades para elaborar notícias para diferentes suportes (p.43)”. (D’ANDREA, 2012, p. 38). As multifunções dos jornalistas, que para publicar notícias em tempo real escrevem, editam e realizam a divulgação do conteúdo online, demonstram que o ritmo acelerado do fluxo de publicações da web se reflete na rotina profissional.

Tomando como referência a pauta da Guerra Síria, que é tema do presente trabalho, vemos que noticiar num veículo digital a situação dos refugiados que chegam ao Brasil é tarefa que possivelmente exige que o mesmo

---

<sup>14</sup> Matéria publicada no portal de notícias UOL em 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2WgyLTs>. Último acesso em março de 2019.

jornalista faça apuração, verificação de informações, redação e roteiro de edição do material coletado. Após a publicação da matéria, os créditos logo abaixo da manchete mostram o nome de um jornalista. A acumulação de funções nos parece ser um agravante no desafio de tratar pautas humanitárias com a profundidade que merecem.

Ainda sobre o exemplo da pauta analisada nesse trabalho, além da recepção de refugiados ser uma notícia factual, que diz respeito à atualidade, diversos outros valores-notícia partilhados pelos profissionais de mídia justificam a cobertura do conflito por veículos brasileiros, como a visibilidade global do evento e o envolvimento de potências econômicas que mantêm relações com o Brasil, como Estados Unidos e Turquia, para articular o fim da guerra. Retomando aqui o conceito de noticiabilidade como o “conjunto de critérios e operações [como o extraordinário, o atual, as guerras, a calamidade e a morte] que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (TRAQUINA, 2013, p. 61), podemos afirmar que a temática da Guerra merece espaço na mídia tanto como pauta internacional, para que os brasileiros estejam atualizados sobre o conflito que se passa no Oriente Médio, quanto como pauta nacional, por nos impactar o fato de recebermos refugiados sírios no Brasil.

Ademais, o jornalismo é um meio para contribuir com a formação de uma opinião pública que abra espaço para compreensão daqueles que não têm alternativas, por possibilitar espaço para mostrar como é necessário agregar essas pessoas à cultura brasileira para que possam seguir a vida. Conforme as ideias discutidas por Walter Lippmann ainda nos primórdios da profissão, o mundo exterior e as imagens que temos dele em nossas mentes são moldados pelas ideias com as quais temos contato no convívio em sociedade. Para o autor, quando se trata de uma guerra, essas imagens acerca do mundo, que nessa análise chamamos de quadros de sentido (leia-se: enquadramentos), têm uma particularidade, por comoverem as pessoas em grande medida.

Há, portanto, somente uma atividade humana em que populações inteiras efetivam a sagrada união. Ela se dá nas fases intermediárias de uma guerra quando o medo, o espírito de luta e ódio garantiram completo domínio do espírito, tanto para derrotar qualquer outro instinto quanto para alistá-lo, e antes que o cansaço seja sentido (LIPPMANN, Walter, p.27, 1922).

Por essa linha de raciocínio, propomos aqui o que entendemos ser a função do jornalismo ao tratar do tópico da adaptação dos refugiados sírios que chegam ao Brasil. O problema humanitário da crise migratória que se instaurou globalmente é protagonizado por refugiados da Síria, e mais recentemente por migrantes venezuelanos, e para a compreensão do caos provocado por esse quadro a mídia desempenha papel relevante ao oferecer narrativas que alimentem o debate público.

Vimos também que a fragmentação de opiniões e de grupos brigando entre si na Guerra Síria dificulta o surgimento de um consenso, especialmente em relação ao acolhimento dos sírios mundo afora, pois cada nação vive seus próprios problemas políticos, econômicos e sociais e age de maneira específica sobre a questão do refúgio. Porém, diferente da época em que Lippmann postulou suas reflexões, no século XXI os governos têm mais condições para se articular e mobilizar a população em torno de um tema, assim como a mídia, pois contam com mais tecnologia e diretrizes do direito internacional, que regulamentam a questão dos Direitos Humanos e aprimoram a aplicação desses, ou pelo menos deveriam fazê-lo.

Dito isso, entendemos a mídia como um dos agentes que opera para configuração da opinião pública, pelo agendamento e enquadramento dos temas; e reiteramos as mudanças desse agente na era digital, bem como suas implicações na divulgação dos quadros de sentido que contribuem para o debate público. Há que se destacar aqui, que até mesmo o movimento da Primavera Árabe, que motivou os primeiros protestos contra o governo de Bashar Al Assad na Síria, foi organizado com o apoio da internet, por meio de redes sociais como *twitter* e *facebook*. A repercussão desse evento que deu origem à Guerra Síria foi abordada pelos sites de notícias<sup>15</sup> com referências a essas tecnologias digitais e compartilhada pelo público conectado às plataformas, o que simboliza a realidade do jornalismo na internet e seus recursos.

Além disso, ainda sobre o tratamento da pauta dos refugiados na realidade digital da profissão, para noticiar o tema é necessário ouvir não só autoridades relacionadas ao assunto, mas também pessoas que sofrem com o

---

<sup>15</sup> Exemplos dessa repercussão podem ser vistos nas matérias disponíveis em:  
<https://glo.bo/2GbAHsp>  
<https://bbc.in/2UMO6KN>

conflito. E nessa tarefa de ouvir diretamente os envolvidos na pauta, a rede conectada pela internet impõe mais uma questão que merece ser levantada. Como afirmam Kovach e Rosentiel, de uma maneira geral nos veículos jornalísticos “os cidadãos viraram uma espécie de abstração, alguma coisa sobre a qual a imprensa fala, mas com a qual não se comunica”. (KOVACH; ROSENTIEL, 2004, p. 46). A perda de profundidade na cobertura midiática se torna um risco ainda maior nos portais de notícia, que como já mencionamos, concorrem pelo clique dos leitores para garantir o sucesso do veículo.

Kovach e Rosentiel (2004) também salientam que

“A conglomeração de negócios informativos ameaça a sobrevivência da imprensa como instituição independente, à medida que o jornalismo se converte em um setor subsidiário dentro das grandes corporações essencialmente voltadas para os negócios”. (KOVACH, Bill.; ROSENTIEL, Tom. 2004, p. 54).

E as consequências que atingem a rotina jornalística no mundo digital não se encerram nesse aspecto. Além de se adequar às aspirações corporativas, o mercado deve se adaptar aos interesses da audiência.

### **2.3.2 Jornalismo na internet e as mudanças na prática profissional**

A adequação dos profissionais à realidade digital passa pela mudança nos critérios de produção da notícia, pensando no perfil de uma audiência conectada que se depara com uma infinidade de informações. Nesse cenário “será necessário reaprender a construir e a disponibilizar o contexto, a sair da fragmentação noticiosa e rumar para uma condução da audiência na busca de mais e mais informações correlacionadas”. (CORRÊA, 2011, p. 69). De acordo com essa noção, o jornalista que produz conteúdo para o meio digital deve estar muito mais atento à apuração, desempenhando verificação constante das informações que chegam das fontes. Como afirma Axel Bruns (2005), apesar da maior participação da audiência na produção e repercussão do conteúdo, a importância de seleção de informações não diminuiu com a chegada da internet, pelo contrário, o turbilhão de conteúdo exige a curadoria de jornalistas, que

adotam critérios para contribuir com pontos de vista sobre uma pauta. (BRUNS, 2005).

Por mais que as transformações provocadas pela era digital nos façam refletir sobre a essência do jornalismo, e de uma certa maneira buscar o resgate da razão de ser jornalista num contexto que se reconfigurou tanto, é inegável que o cenário de convergência midiática e de maior participação dos sujeitos no processo de consumo dos produtos midiáticos gera um dilema. A mesma capacidade de publicação e armazenamento que expande as possibilidades de produção de conteúdo é a que instaura a disputa por atenção, ou disputa pelo clique nas matérias.

A “notícia da hora” vai sendo atualizada minuto a minuto, de acordo com novos fatos e também com as publicações mais lidas, que são automaticamente compiladas no início da página. E já que pessoas do mundo todo acessam o mesmo portal de notícias, como organizar o que interessa ao público de cada local? Essa tarefa é feita pelos jornalistas em parceria com as tecnologias da informação. Os profissionais da mídia atuam como curadores das notícias e os *softwares* executam análises de dados dos portais, utilizando recursos como *tags*, que classificam os textos jornalísticos em categorias e permitem que o leitor filtre o conteúdo de acordo com o próprio interesse.

Para Gouvêa e Loh,

O consumo eficiente de informação na web está relacionado com o direcionamento de informações relevantes ao contexto do usuário (ex: no tempo e local certo). Para isso os sites jornalísticos devem se transformar de um simples repositório de informações para um ambiente sensível ao conhecimento, possibilitando a organização de dados, sua visualização de forma precisa, bem como sua distribuição e acesso além das fronteiras físicas de seus servidores. (GOUVEA; LOH, 2012, p. 85).

O G1, por exemplo, como tem redações em todos os estados brasileiros, além de agrupar as notícias por tema, disponibiliza as matérias de acordo com a localidade em que foram publicadas: “Nesse sentido o site G1 é o que apresenta a tecnologia mais precisa, separando o conteúdo por locais (no caso cidades) por meio de *tags*, apresentando uma ferramenta de busca que reconhece e diferencia localidades de termos comuns”. (GOUVEA; LOH, 2012, p. 83). Assim, fica evidente que a habilidade de organização e verificação permanece essencial

no ofício dos jornalistas, ainda que seja necessário recriar as formas de oferecer a informação às pessoas. Kovach e Rosentiel (2004) constatam que “os princípios e a finalidade do jornalismo são definidos por alguma coisa mais elementar - a função exercida pelas notícias na vida das pessoas”. (KOVACH; ROSENTIEL, 2004, p. 30). Mas, mesmo que a finalidade do jornalismo e a prática da profissão preservem valores fundamentais, como o da seleção e verificação de informações, essa função das notícias na vida dos sujeitos ganha novos significados à medida que as plataformas digitais se aprimoram.

Corroborando as ideias do autor Gerson Luiz Martins (2012, p. 181), observamos que “o advento de novas tecnologias da informação e da comunicação introduziu novas rotinas e novas linguagens no meio jornalístico, no ciberjornalismo, e o leitor/usuário se sente parte do processo jornalístico”. Esse cenário diz muito sobre o futuro da profissão e de como os profissionais de mídia são e serão vistos pela sociedade.

### **2.3.3 O futuro das práticas jornalísticas**

A credibilidade dos jornalistas está em foco no novo contexto das mídias e deve ser prezada e mantida pela transparência na divulgação de informações, que é tão importante quanto o equilíbrio na apuração de dados e depoimentos. Pelas reflexões da autora Marcia Benetti (2008, p. 21), “a credibilidade deriva da compreensão (social) de que o jornalismo é uma prática autorizada a narrar a realidade”. Na era digital a confiança no trabalho dos profissionais de mídia vem sendo questionada e um dos motivos está na facilidade de acesso a tecnologias que permitem que qualquer um narre a realidade que o cerca. Algumas plataformas, como o *Instagram*, possibilitam que os usuários façam transmissões ao vivo e utilizem ferramentas de edição de vídeo que, até o século XX, eram recursos próprios da prática jornalística e do cinema.

No entanto, a disseminação dessas tecnologias também abriu caminho para a divulgação de informações falsas ou distorcidas, que podem chegar a viralizar sem que ninguém tenha checado a procedência do conteúdo, levando-nos de volta ao ponto da credibilidade da comunidade jornalística, que mais do que nunca deve reafirmar seu papel de contribuir com interpretações sobre o mundo que nos cerca, a partir de um discurso próprio, de estruturas de produção



e profissionais capacitados para averiguar informações e enquadrar o conteúdo, lapidando-o, antes de apresentá-lo ao público.

Essas e outras transformações provocadas pelas tecnologias da informação não apagam a história da imprensa até chegarmos no século XXI. Aliás, as mudanças reforçam a relevância social dos jornalistas, que emergiu da sociedade moderna. Segundo Benetti,

Essa autoridade [do jornalismo] emerge de um percurso histórico desse modo de conhecimento, inscrito na trajetória da sociedade moderna, fundado em sua missão pública e em princípios relativamente consensuais na comunidade dos jornalistas - fundado no que Berger e Luckmann (2008) chamam de sedimentações coletivas objetivadas e acumulação de conhecimento. (BENETTI, 2008, p. 22).

As palavras de Benetti (2008) conversam com as reflexões propostas por Christa Berger e Frederico Tavares a respeito do gênero jornalístico. Ao retomarem o percurso histórico do estilo de texto que caracteriza a profissão, os autores discutem três etapas marcantes: da segunda metade do século XIX até meados do século XX a narrativa era mais opinativa e refletia uma imprensa “com muito poucas informações e mais comentários” (BERGER e TAVARES, 2008, p.11). A partir de 1920 se destaca na produção jornalística o relato dos fatos, característica que foi tomando o espaço das opiniões. Um terceiro momento toma forma após a Segunda Guerra Mundial, marcado por narrativas mais explicativas, que ganham profundidade para concorrer com a ascensão de veículos eletrônicos (rádio e televisão), que exploravam mais conteúdo do que o papel dos jornais comportava. Com base em professores de universidades espanholas (ALBERTOS,1972; FONTCUBERTA,1993), Berger e Tavares sugerem que esse percurso de evolução do texto jornalístico - que desde o seu surgimento envolve estrutura de produção e consumo em larga escala - resultou num estilo discursivo próprio da profissão.

A terceira fase, em que se fortaleceu o viés explicativo, também deu origem ao jornalismo especializado, que atendeu tanto à demanda do público, cada vez mais segmentado após a Segunda Guerra, quanto à necessidade dos veículos de comunicação, que buscavam mais qualidade para concorrer com uma variedade de meios para acesso à informação. Nesse sentido está o desenvolvimento de princípios consensuais que autorizam o jornalismo a narrar

a realidade até hoje, conforme pontuou Benetti, do ponto de vista institucional, “mais do que como o lugar reservado a uma ação individual do jornalista”. (BENETTI, 2008, p. 21). Em outra discussão sobre a credibilidade no jornalismo, Lisboa e Benetti (2017) afirmam que ela se constrói como um predicado epistêmico, “que está amparado em valores éticos e condicionado por valores históricos, culturais e sociais”. (LISBOA, BENETTI, 2017, p. 59). Nesse sentido, o percurso traçado pelo jornalismo até construirmos a concepção atual dessa atividade resultou de seguidos embates do público entre o que ele entende que deveria ser o jornalismo e aquilo que as empresas e a comunidade profissional de fato “entregam” ao público. Da síntese desses embates se criou a imagem do jornalismo como instituição socialmente credível.

Nessas fases históricas pontuadas por Berger e Tavares observamos como o discurso próprio da profissão foi se constituindo gradualmente, esculpido pelas mudanças tecnológicas e socioeconômicas, mas nada ainda havia se comparado à quebra do paradigma informacional provocada pela internet e as tecnologias digitais que derivam dessa invenção. Devemos ponderar que na realidade digital em que as práticas jornalísticas estão imersas ainda preserva estrutura textual própria e credibilidade para narrar e comentar os fatos. Na visão do professor Ronaldo Henn, “a linguagem jornalística ainda respira graças à sua reserva de códigos a serem acionados”. (HENN, p.115, 2004). O que se integrou a essa essência discursiva foi o aprimoramento ininterrupto das tecnologias da informação, que cada vez mais possibilitam que a experiência de navegar por um oceano de conteúdo seja organizada e personalizada segundo os interesses de cada sujeito.

O acesso ao conteúdo midiático também é constantemente facilitado, o que gera maior presença dos dispositivos tecnológicos, especialmente os digitais, no dia a dia das pessoas. A autora Elizabeth Corrêa (2011) resume as perspectivas geradas por essa nova conjuntura ao afirmar que a prática jornalística daqui em diante “passará pela capacidade de empresas e profissionais de resgatarem a ideia de que ler, acessar e ouvir notícias, não importando através de qual meio sustentado por tal tecnologia, seja um verdadeiro ritual social”. (CORRÊA, 2011). O cotidiano repleto de dispositivos móveis também promove a naturalização das tecnologias na vida dos sujeitos,

ainda que no Brasil perdure a discrepância econômica fruto da concentração de renda.

A leitura de notícias já se funde com a programação de lazer das pessoas, aspecto também relacionado à “aceleração dos processos da própria vida” (GLEICK, 2000 apud SQUIRRA, 2012), o que nos leva a crer que estamos migrando de uma realidade tecnológica anexada à realidade analógica, ou do jornalismo na web, ou mesmo do ciberjornalismo, referências que demarcam contextos disruptivos; para a mídia que opera na plenitude digital, cenário irreversível ao qual as experiências de sociabilidade e de consumo estão se adaptando. Aplicativos digitais como o *whatsapp* estão instalados em *smartphones* de pessoas das mais diversas classes sociais, seja a trabalho, seja para lazer. Na interação proposta por tecnologias como essa está o compartilhamento de notícias publicadas em portais digitais, o que resume a ideia da naturalização das inovações no cotidiano das pessoas, inovações que facilitam o acesso ao conteúdo jornalístico.

Kovach e Rosentiel (2004) complementam a reflexão ao resgatarem o que move as pessoas a consumirem notícias desde sempre, mas que foi potencializado com o surgimento da web,

[as pessoas] elas precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo, precisam estar a par de fatos que vão além de sua própria experiência. O conhecimento do desconhecido lhe dá segurança, permite-lhes planejar e administrar suas próprias vidas. Trocar figurinhas com essa informação se converte na base para criação da comunidade, propiciando as ligações entre as pessoas. (KOVACH; ROSENTIEL, 2004, p. 36, adição nossa).

Essas ligações entre as pessoas e a noção de comunidade são a razão pela qual o jornalismo, ou sua semente, existe desde a *Acta Diurna* divulgada na Roma Antiga pelo general Júlio César, que queria informar à população sobre acontecimentos da República do Império Romano (período a.c). Milênios depois, a partir do século XIX se estabeleceram fronteiras sistêmicas entre jornalismo e sociedade, num cenário em que o jornalista se vale de sua tecnicidade para impor um conhecimento sobre o mundo. (HENN, 1996). Nessas fronteiras opera um sistema de alta complexidade imbricado à realidade social, que portanto acompanha as transformações políticas e socioeconômicas à medida em que narra as ocorrências do mundo. (HENN, 2004). Atualmente, considerando o

percurso histórico do jornalismo, as atualizações tecnológicas e socioeconômicas são cada vez mais frequentes, e a mídia não só se adequa a elas como provoca, a partir delas, mudanças no acesso e consumo do conteúdo produzido.

E na iminência de transformações, sabendo que as atualizações mencionadas nos colocam num ritmo dinâmico de inovações socioeconômicas, certa é a grande potencialidade de criação de quadros para serem emoldurados pelo jornalismo, cada vez mais plurais e multimidiáticos. Para aproveitar essa realidade, é imperativa a fidelidade à essência investigativa da prática profissional, pela qual “o jornalista se converte numa espécie de moderador de discussões, e não em um simples professor ou conferencista”. (KOVACH; ROSENTIEL, 2004, p. 41). Essa noção sobre a atividade jornalística será base para a análise de enquadramento das matérias do corpus, afinal o contexto do jornalismo na era digital perpassa a cobertura da Guerra Síria feita pelos portais G1 e BBC Brasil.

Até chegarmos à discussão final do trabalho, em que a realidade aqui discutida será retomado, vejamos os passos metodológicos da *news framing analysis* seguidos para a realização desse estudo.

### 3 PASSOS METODOLÓGICOS

Como introduzido na seção 2.2 (p.33), a análise de enquadramento noticioso parte de princípios básicos da pesquisa científica. Primeiro é necessário ter contato com o material que será analisado, observando características que chamam atenção à primeira leitura. (VAN GORP, 2010). Texto, imagens, formatação, diversos elementos podem ser levados em conta como parâmetros para ler o objeto midiático de análise, o que vai depender do objetivo do trabalho e do olhar do pesquisador. (REESE, 2007). Esses parâmetros formam o que é chamado de matriz de atributos, pontos que guiam a leitura minuciosa do corpus.

No caso desse estudo, decidida a linha metodológica da análise, também foram lidos artigos, teses e dissertações, relacionados à teoria de enquadramento e à temática bélica - nos campo de estudos do jornalismo - reunindo pesquisas recentes que têm ligação com o presente trabalho e pensando em novas contribuições para o campo da Comunicação. Após a pesquisa bibliográfica e leitura do material de análise, o trabalho foi buscar elementos quantitativos (características que se repetem, exceções e peculiaridades das matérias) e dispor em planilhas do programa *Microsoft Excel* as variáveis que foram observadas, a fim de evitar um resultado estritamente subjetivo no momento de elaboração da análise. Em seguida, os resultados registrados nas planilhas foram interpretados e basearam a redação da análise apresentada no capítulo 4. Ao todo, foram quatro passos de aplicação da *news framing analysis*, adotados com base na definição de enquadramento postulada por Robert Entman (1993) (ver seção 2.2) e no estudo de pesquisadoras da universidade de Ku Leuven, na Bélgica, que propõe uma análise de enquadramento da Guerra Síria a partir de jornais impressos da Europa, Estados Unidos e Rússia (D'HAENENS; BERBERS; RIBBENS, 2014). Em suma, as etapas metodológicas adotadas na análise de enquadramento foram:

- a) Imersão na leitura do corpus (veremos mais sobre isso na seção 3.1) a fim de identificar questões-chave nos textos e construir um repertório de ideias recorrentes no material de análise (etapa constantemente retomada, para encontrar relações dentro dos quadros de sentido que compõem a abordagem das publicações);

- b) Elaboração de um livro de códigos (*codebook*, disponível no Apêndice B) que serviu como ficha de análise para ler cada uma das matérias do corpus, a fim de contabilizar a recorrência das questões-chave no corpus selecionado, que nesse trabalho estão ligadas ao conteúdo e à formatação das matérias, como veremos na seção 3.2;
- c) Assim que preenchido o livro de códigos com informações das 33 matérias do corpus (descritas no Apêndice A), foram agrupadas as respostas em comum resultantes das mesmas perguntas, assim como foram encontradas as exceções. Os chamados *clusters* - que também podem ser entendidos como aglomerados de sentido - oferecem números e índices sobre as matérias jornalísticas integrantes do corpus de pesquisa. Dessa forma, foi possível encontrar relações de sentido nas mensagens e na formatação das matérias e analisar quais *clusters* tiveram mais peso na cobertura jornalística. Exemplo: uma das perguntas feitas após a aplicação do *codebook* ao corpus e visualização das respostas em planilha - quando o texto possui menos palavras, é utilizado algum recurso visual além da escrita (vídeo, infográfico, montagem)? Assim observamos se o fato da matéria ser curta estava ou não condicionado ao uso de outros recursos narrativos nas coberturas aqui analisadas;
- d) Feita a etapa predominantemente quantitativa, partimos para a análise qualitativa, que tem como objetivo articular os enquadramentos encontrados mediante leitura e codificação do corpus e sinalizar pontos em comum e particularidades das perspectivas adotadas por G1 e BBC Brasil na cobertura em questão. Nessa etapa final são resgatados apontamentos feitos no capítulo 2, sobre a realidade digital que interpela e ressignifica a profissão, já que esse novo contexto impacta conseqüentemente o enquadramento das pautas. Por isso, inclusive, alguns dos elementos observados nas matérias dizem respeito ao formato para plataformas digitais.

Veremos mais detalhes sobre as etapas de análise nas seções 3.1, 3.2 e 3.3, a seguir.

### 3.1 SELEÇÃO DO CORPUS

A partir de buscas nos portais selecionados, por meio dos comandos “refugiados sírios” e “refugiados sírios Brasil” determinando o período de publicações (2012-2017), foram encontradas 33 matérias que abordam o processo de adaptação dos refugiados sírios à nova vida no Brasil, que compõem o corpus de análise. Esse tópico específico que contempla o acolhimento dessas pessoas num país de cultura tão diferente da de origem é o que delimita a análise aqui proposta.

Do total de matérias, 25 são do G1 e oito da BBC. Apesar do número de matérias do G1 ser mais do que o dobro de textos da BBC Brasil, a diferença é proporcional ao volume de produção de conteúdo dos portais. Observamos a ausência de publicações do G1 nos anos 2012 e 2013 sobre o tema selecionado para estudo, enquanto a BBC Brasil não publicou somente em 2017, como podemos ver no Quadro 2.

Quadro 2 - Matérias contempladas no corpus

	<b>G1</b>	<b>BBC Brasil</b>
2012	00	01
2013	00	01
2014	02	01
2015	14	04
2016	06	01
2017	03	00

Elaboração: Melissa Gomes, 2018

O fato da Guerra Síria envolver temas diversos, como economia e política, é um dos motivos para a falta de publicações nos anos mencionados, quando outros aspectos do conflito foram noticiados (bombardeios, ataques com armas químicas, resoluções da ONU). Por isso seguimos com o recorte temporal

de 2012 a 2017, considerando a totalidade do corpus e não somente as matérias ano a ano.

O Quadro 2 também mostra um pico de publicações sobre o tema no ano de 2015, em ambos os portais, quando o número de solicitações de refúgio por sírios cresceu além da média após atentados violentos na Europa e Oriente Médio e eclosão da crise migratória global, que provocou a morte de Alan Kurdi, criança síria de três anos que se afogou numa praia da Turquia enquanto tentava chegar à Grécia.

Reiteramos que o objetivo do trabalho não prioriza a comparação das duas coberturas sobre o tema refugiados sírios. Trata-se da análise de matérias dos portais de notícia com maior visibilidade no Brasil e por isso as leituras aqui propostas se somam em vez de se confrontarem. Na seção seguinte veremos detalhes sobre o livro de códigos formulado para guiar essas leituras e planilhar os resultados quantitativos.

### 3.2 LIVRO DE CÓDIGOS (*CODEBOOK*)

Após diagnosticar as questões-chave das matérias, foi necessário transformá-las em variáveis que orientassem a leitura de cada publicação. Foram elaboradas nove perguntas a partir do contato com o corpus, as quais funcionaram como parâmetro para ler cada uma das matérias analisadas. As respostas foram dispostas em planilha de maneira codificada (ver Apêndice C), para melhor visualização e organização desse mapeamento de enquadramentos, fornecendo uma visão planejada do todo. A disposição das respostas do *codebook* em números ainda favorece a mensuração dos enquadramentos presentes nas matérias, pois diminui a margem de erros de digitação, e constitui uma etapa fundamental da análise de enquadramento.

Ao agrupar as respostas encontradas em cada uma das matérias do corpus, os chamados *clusters* oferecem números e índices sobre material, que foram discutidos na análise. O formato do *codebook* é inspirado no trabalho desenvolvido por pesquisadoras da universidade de Ku Leuven, na Bélgica, em que foram criadas variáveis a partir de 36 perguntas<sup>16</sup>, elaboradas pelas autoras

---

<sup>16</sup> Ver codebook que serviu de referência para o presente trabalho: Anexo - p. 121.



enquanto observavam como a Guerra Síria era enquadrada em jornais de referência europeus, americanos e russos.

Assim como na pesquisa que serve de inspiração para o presente trabalho, as perguntas que compuseram as variáveis do *codebook* fornecem informações e sentenças que oferecem aglomerados (*clusters*) de fatos ou julgamentos (D'HAENENS; BERBERS; RIBBENS, 2014). No trabalho da Bélgica, as perguntas do *codebook* foram pensadas com base em categorias já adotadas pelos autores Benford e Snow (2000) e Semetko e Valkenburg (2000), que estudam o enquadramento jornalístico de temáticas sociais e humanitárias.

As categorias das duplas de autores foram pensadas a partir de duas noções: enquadramentos genéricos ou *generic frames* (SEMETKO; VALKENBURG, 2000), que descrevem características que resumem o foco das matérias e se aplicam a diferentes tópicos, períodos temporais e conjunturas - como *frame* humanitário, *frame* econômico e *frame* moral; e enquadramentos contextuais ou *diagnostic and prognostic frames* (BENFORD e SNOW, 2000), que consideram além do ângulo ou tópico escolhido pelo veículo e pelo jornalista para falar sobre um assunto, e trazem também o contexto do evento abordado. De acordo com Benford e Snow, sem o contexto a audiência foca a interpretação do assunto em eventos ou atores isolados, sem receber da mídia estímulos para refletir sobre o todo (BENFORD e SNOW, 2000). Ambas as categorias de enquadramento trazem contribuições importantes para a análise, pois mensuram tanto aspectos estruturais que sintetizam o assunto da matéria, pelos frames genéricos, quanto a profundidade de uma narrativa jornalística, por meio dos frames contextuais, que visam a abordagem do pano de fundo que envolve uma questão.

No nosso caso, a análise é voltada estritamente para a pauta dos refugiados sírios ao chegarem no Brasil e, como já sabemos que o assunto está diretamente ligado ao frame humanitário, não caberia aplicar a categoria dos *generic frames*. Aproveitamos, então, a categoria dos enquadramentos contextuais contemplando-a em três variáveis do *codebook* (V7, V8 e V9). Dessa maneira, observamos quais as cidades e estados brasileiros contemplados para falar da questão da adaptação, se as publicações traziam o contexto de dificuldades da chegada dos sírios ao Brasil e ainda se sugeriam possíveis caminhos para que reconstrução de suas vidas seja satisfatória (*diagnostic and*

*prognostic frames*). Essas variáveis também vão ao encontro à concepção de enquadramento noticioso postulada por Robert Entman (2004), lembrada algumas vezes no presente trabalho. Uma vez que o autor sugere que a ênfase dada a determinados aspectos de uma pauta jornalística opera no sentido de sugerir interpretações aos leitores e como consequência contribuem para o processo de debate e compreensão de um tema pela sociedade, buscamos justamente as ênfases conferidas ao conteúdo das matérias dos portais para então discutir suas contribuições à sociedade.

Nessa análise, as categorias de enquadramentos contextuais foram combinadas com elementos ligados à formatação das publicações, como tamanho do texto, tipos de recursos gráficos utilizados (V5 e V6). Esse é um dos diferenciais do presente trabalho, que buscou conectar reflexões sobre o enquadramento do conteúdo das matérias com características de formatação que influenciam o *framing* das publicações. Haja vista que as questões aqui levantadas sobre a realidade digital do jornalismo demandam que o contexto da sociedade em rede seja levado em conta nas análises de enquadramento, buscamos colocar em prática tanto a seleção de veículos de mídia digitais (G1 e BBC Brasil) - que foram vistos em menor número na revisão de trabalhos em periódicos da Comunicação; quanto a inclusão de variáveis relacionadas à produção de conteúdo para a web, as quais acreditamos que nos mostraram características do enquadramento noticioso em plataformas digitais.

No estudo em que nos baseamos, feito na Bélgica por D'Haenens, Berbers e Ribbens (2014), os frames inspirados em Benford e Snow e Semetko e Valkenburg também foram moldados para que servissem melhor ao objeto de pesquisa, como fizemos nesse trabalho. As autoras analisaram matérias dos jornais Le Figaro (França), The Daily Telegraph (Inglaterra) The New York Times (Estados Unidos) e The Moscow Times (Rússia) para saber quanto de espaço era dado à Guerra Síria por cada uma das publicações (quantas reportagens e notas e em quais editoriais foram publicadas) e se havia diferenças de abordagem dessa mesma pauta, em cada um dos jornais e em diferentes períodos de tempo. O aspecto do conflito selecionado para estudo foi seu surgimento, por isso observaram de que forma a Guerra Síria foi apresentada aos leitores pelos jornais e em que medida eram fornecidos também o histórico

que explica as causas do evento e possíveis apontamentos de soluções para o mesmo.

Assim como no trabalho referência, mais uma vez ressaltamos que nesse estudo foi levada em conta a potencialidade do jornalismo de não só informar ou apresentar pautas, mas de colocá-las em discussão pelo público. Esse motivo também reforça a escolha metodológica pela análise de enquadramento, já que a vertente de estudos considera que os temas de uma cobertura jornalística são organizados a fim de criar sentidos para o público. (ENTMAN, 2003). Segundo essa visão, a principal preocupação da análise de enquadramento noticioso é o uso do discurso midiático para construir interpretações sobre os temas em pauta, visto que é o emolduramento de sentidos (ou sua materialização na narrativa jornalística) que mune os leitores para participação da discussão sobre um tópico na sociedade.

Por fim, as nove perguntas que formam o livro de códigos aqui proposto incluem tópicos para identificação das matérias (data, veículo e editoria), outros para compreender o formato das publicações (número de palavras utilizadas no texto e uso de recursos gráficos além do texto) e ainda as variáveis relacionadas às categorias de frames contextuais inspiradas no trabalho de D'Haenens, Berbers e Ribbens, que, junto dos elementos que formatam os textos jornalísticos, ajudaram a identificar os enquadramentos presentes nas coberturas do G1 e da BBC Brasil.

O Quadro 3 mostra que as perguntas feitas para identificar enquadramentos nas coberturas jornalísticas são formuladas de acordo com o objetivo do trabalho, que é compreender como os portais G1 e BBC Brasil abordam a adaptação de refugiados sírios à nova vida no Brasil. Em outras palavras, queremos entender quais as relações contidas nos discursos dos veículos para falar do assunto configuram os enquadramentos jornalísticos das matérias.

Quadro 3 - Exemplos das variáveis que compõem o livro de códigos

Variáveis utilizadas para identificar enquadramentos noticiosos	Como a resposta foi inserida no livro de códigos
A matéria cita a região ou estado do Brasil em que o refugiado sírio está morando?	1= SP 2= ES 3= PR 4= MG 5= RJ 6= PA 7=SC 8=RS 9= MT 10= PE 11=DF
Algum recurso gráfico acompanha o texto?	0= não 1=foto 2=vídeo 3=galeria de fotos 4=infográfico 5=arte com citações de entrevistados ou montagem de fotos
Quais dificuldades do processo de adaptação no Brasil são mencionadas?	1= barreiras culturais (idioma, religião, hábitos) 2= barreiras econômicas 3= barreiras emocionais (traumas, tristeza, saudade) 4= preconceito 5= barreiras políticas ou burocráticas (visto, obtenção de documento de identidade, legalização, moradia)
Qual caminho para adaptação dos refugiados é mencionado na matéria?	0=nenhum 1= emprego 2= empreendedorismo 3= ajuda de igreja ou ONG 4= trabalho informal 5= ajuda do governo 6= apoio de comunidade síria no Brasil 7= adaptação à cultura brasileira 8= ajuda da sociedade civil 9= volta dos refugiados aos estudos (escola/faculdade)

Elaboração: Melissa Gomes, 2018.

Como afirma o autor Stephen D. Reese (2007, p. 11), “frames estão no campo simbólico, tanto é que estão entremeados aos discursos”, e somente buscando uma a uma as molduras de sentido do texto, é que esmiuçamos os elementos que se combinam para trazer à tona o ponto de vista construído pela mídia sobre um assunto, por isso se justifica a criação das variáveis.

Ao final dos anos 1990, autores brasileiros, como Christa Berger (1996), trouxeram reflexões sobre o jornalismo que já respaldavam o uso da *news framing analysis* como ferramenta metodológica para estudar os quadros de sentido na linguagem jornalística, embora a autora não utilize o conceito de enquadramento noticioso propriamente dito. Acerca do discurso jornalístico, Berger (1996) afirmou que a imprensa enuncia mensagens pela linguagem própria da profissão, refletindo visões de mundo dos veículos de comunicação e dos jornalistas por um código discursivo que não só descreve a realidade, mas também a constitui, produzindo sentido sobre um acontecimento. (BERGER, 1996). Décadas depois, mesmo em meio ao processo de revolução das mídias provocado pela internet, o discurso próprio continua sendo o que caracteriza a prática jornalística, e o texto ainda é a forma de expressão mais utilizada nos portais de notícias, fato que se explica por fatores históricos, técnicos e econômicos (CANAVILHAS, 2014). Por isso as molduras de sentido foram procuradas no texto dos veículos, incluindo as falas contidas em vídeos das publicações e as frases usadas nas artes das matérias, o que será exemplificado no capítulo 4.

Feitas as considerações sobre o *codebook* e o propósito da inclusão de variáveis relacionadas ao discurso e à formatação das matérias, veremos como foi estruturada a etapa final desse estudo, que é a análise das respostas obtidas após a codificação do corpus.

### 3.3 TECITURA DA ANÁLISE

Concluído o levantamento de dados sobre o corpus por meio do *codebook*, seguimos o que foi indicado por Baldwin Van Gorp (2010):

Procure por combinações lógicas entre as colunas [das planilhas]: definições, responsabilidade causal para a pauta em questão, soluções e quantas outras saltarem aos olhos. O propósito é se ater a um número limitado de pacotes de enquadramentos, que apresentem vínculos de sentido representativos. (VAN GORP, 2010, p. 96, tradução nossa).

Assim, foi possível tecer os pontos observados e também entender, separadamente, quais são os fios que formam a costura dos sentidos da cobertura jornalística em questão. Nessa etapa, ficam evidentes padrões culturais ou pacotes interpretativos (REESE, 2010) acionados repetidamente para falar sobre o tema da cobertura.

A construção dessa análise está vinculada à matriz de atributos (REESE, 2007) construída na fase de leitura do corpus. Reese (2007) também afirma que “as saliências do discurso expostas pela codificação do material serão comparadas às saliências presentes na mente do público, que são as noções compartilhadas a respeito do assunto de uma cobertura jornalística” (REESE, 2007, p. 152, tradução nossa). Nessa etapa do trabalho considera-se que o jornalista inclui nas matérias que elabora o conteúdo que ele entende que o público irá assimilar, apresentando-o de maneira que ele e o veículo acreditam ser acessível a quem lê. Isso porque, como afirma o autor Michael Bruggemann, “é impossível que um ser humano se dê conta do mundo sem ter referências compartilhadas socialmente e que se tornaram acessíveis para interpretar um determinado fenômeno (BRUGGEMAN, 2014, p.65)”. Outra premissa para analisar o objeto de pesquisa é costurar as informações quantitativas e qualitativas por meio de exemplos das matérias do corpus, visto que o leitor do trabalho não verá cada uma das publicações.

As categorias de enquadramento que demonstram visões contidas na cobertura jornalística foram ilustradas com destaques ou breves excertos das matérias do G1 e da BBC Brasil que legitimem a análise. Para organizar os resultados encontrados, dividimos primeiramente as discussões a respeito de

cada portal de notícias e sobre eles elaboramos as observações dos aspectos relacionados à forma e ao conteúdo das matérias. Dessa maneira, apresentamos comentários sobre dois aspectos diferentes considerados na análise de enquadramento - evidenciando particularidades das coberturas - e, na sequência, tecemos comentários articulados sobre o G1 e a BBC Brasil, também traçando conexões entre a forma e o conteúdo das publicações.

Entendemos que essas relações estruturam os quadros de sentido das matérias e potencializam as experiências dos leitores na medida em que oferecem estímulos de conteúdo multimídia (ex: vídeos, infográficos) inseridos por meio da internet em diversas plataformas e dispositivos. No capítulo de análise vamos discutir, pois, os pacotes de enquadramentos encontrados e a problematização advinda dos quadros de sentido que formam as coberturas jornalísticas de ambos os sites de notícias.

#### 4 ANÁLISE REALIZADA

Num primeiro momento, observar uma pauta a respeito de um conflito ainda em curso, a partir de matérias escritas para veículos digitais, que também é um meio em constante transformação, pode parecer ir contra o distanciamento necessário em relação ao objeto de estudo. Entretanto, desde a invenção da internet no final da década de 1960, vê-se que a mudança é uma constante e torna as transições de contexto cada vez mais fluidas.

Alguns pesquisadores já discutem a vigência de um eterno presente (CAETANO; BARBOSA; QUADROS, 2011), que sugere um processo interminável, não de atualizações abruptas ou de quebras de paradigmas, mas de adaptações praticamente diárias e disponibilização de um grande volume de informações, em canais diversos. Passado o período de ineditismo das plataformas digitais e meios pensados para a sociabilidade em rede, a iminência de novos dispositivos e novas lógicas de mercado torna-se comum, habitual.

Em concordância com essa conjuntura, os eventos em pauta na mídia digital são acompanhados em tempo real, a partir de diversas fontes e enquadramentos jornalísticos. Assim também terá de ser a pesquisa, guardadas as proporções, para que a ciência dê conta de compreender as transformações de acordo com a velocidade em que elas se apresentam. Nesse sentido, as matérias analisadas no presente trabalho compreendem um passado recente, um frame temporal da guerra que ainda acontece na Síria, o que sugere que os apontamentos aqui contidos deverão ser debatidos e atualizados com maior frequência.

Dito isso, um dos pontos prioritários dessa análise vai ao encontro à atividade de tratar e organizar informações, por meio do discurso midiático, que significa construir o enquadramento:

por mais que tenhamos acesso a milhões de informações, há sempre no jogo de guardar o ato de descartar. E entre guardar e descartar há também o poder sobre o que guardar e o que descartar, colocando em destaque o poder de quem pode realizar o ato de produzir memória (e esquecimento) para o futuro. (CAETANO; BARBOSA; QUADROS, 2011, p. 98).



A leitura do corpus de estudo mostrou que quando a matéria jornalística traz relatos de refugiados que estão reconstruindo suas vidas no Brasil, a Guerra Síria é contada de maneira a dar corpo às histórias de sofrimento e superação, e vai permeando a narrativa do texto a partir da perspectiva humanitária. Não se fala do conflito de maneira cronológica e factual, mas nem por isso ele deixa de ser descrito ao público, o que demonstra uma escolha de abordagem e seus efeitos de sentido: priorizar os relatos de refugiados em vez de estatísticas e posicionamentos de órgãos oficiais sobre a questão migratória fornece ao leitor uma visão humanitária sobre a guerra, o que a divulgação de números por si só não seria capaz de fazer.

Nessa discussão seguiremos com os resultados encontrados por veículo e na sequência traremos apontamentos articulados, que consideram o corpus de estudo como um todo. Vale ressaltar que os elementos utilizados para analisar o material de pesquisa foram identificados a partir das perguntas do *codebook* e referem-se à formatação e ao conteúdo das matérias. Como mencionado na descrição dos passos metodológicos (ver capítulo 3), cada pergunta que fizemos às publicações representa uma variável, e para essas variáveis indicamos possíveis respostas que nos auxiliaram a categorizar os enquadramentos contidos nas matérias, como detalharemos a seguir.



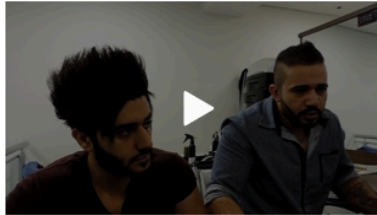
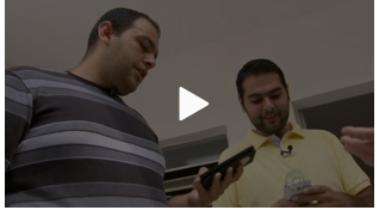
#### 4.1 ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS NAS MATÉRIAS DO G1

As 25 matérias do portal G1 consideradas nesse estudo se destacam primeiramente pela regionalização da cobertura jornalística da pauta em questão. Foram dez estados brasileiros contemplados: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Pará, Pernambuco, mais o Distrito Federal. As publicações trazem histórias de refugiados que se alocaram nas capitais desses estados, exceto nos casos de SP, RJ, MG e RS, que também apareceram em matérias de cidades do interior, como Araçatuba (SP), Sorocaba (SP), Vassouras (RJ), Andradas (MG) e Bagé (RS).

A variável do livro de códigos (*codebook*) que nos possibilitou observar as localidades em que as matérias foram feitas foi a número sete (V7), que pergunta se a matéria cita a região ou o estado em que os refugiados

entrevistados estão morando. São Paulo teve a maior representação no corpus, com nove matérias feitas no estado, sendo seis de cidades do interior (Sorocaba, Itapetininga, Piracicaba e Araçatuba), ilustradas na Figura 1. Itapetininga e Araçatuba aparecem com duas matérias cada, enquanto a cidade de São Paulo aparece em três publicações.

Figura 1 - Matérias do portal G1 feitas no estado de SP

<p><b>SÃO PAULO</b></p> <p>01/06/2016 13h05 - Atualizado em 01/06/2016 13h18</p> <h3>Refugiados sírios se formam em curso de português em São Paulo</h3> <p>Alunos não sabiam nada da língua e tinham dificuldades para obter trabalho. Engenheiro conseguiu validar diploma após não faltar nenhuma aula.</p> <p>Do G1 São Paulo</p>  <p>Sírios refugiados no Brasil concluíram em São Paulo a primeira turma de um curso de português realizado em uma mesquita da capital. Em uma noite de gala, a turma se formou sob supervisão da Missão Paz, encarregada do projeto em parcerias com o Consulado dos Estados Unidos. Para os sírios, o diploma só um detalhe. Aprender o português é o primeiro passo para acabar com a exclusão social.</p> <p>Segundo o coordenador, Paulo Parise, "surgiu essa ideia de um curso adaptado para árabes, e aí surgiu o curso de português para eles (os sírios refugiados no Brasil)". Os alunos dizem que não sabiam falar nada de português quando chegaram ao país e que, inicialmente, falavam inglês, até conseguirem aprender a língua portuguesa na mesquita.</p>	<p><b>RIO PRETO E ARAÇATUBA</b></p> <p>22/09/2015 08h00 - Atualizado em 22/09/2015 08h40</p> <h3>Há um mês no Brasil, refugiado sírio consegue emprego em restaurante</h3> <p>Dona de comércio árabe em Rio Preto se sensibilizou e ofereceu emprego. Homem revelou ter trabalhado como chef em hotel cinco estrelas, na Síria.</p> <p>Do G1 Rio Preto e Araçatuba</p>  <p>O sírio Safarian Al Nakoula, refugiado no Brasil, já estava pro e ansioso para começar a trabalhar logo pela manhã de segunda-feira (21). Acompanhado da dona - jaqueta usada por chefes de cozinha e que foi o uniforme dele por 25 anos -, Safarian foi para um shopping, em São José do Rio Preto (SP), para seu primeiro dia de emprego, depois de um mês no Brasil.</p> <p>A dona de um restaurante árabe cidade, Regiane dos Reis, conta que se sensibilizou ao assistir uma reportagem da TV TEM em que mostrou o drama de Safarian e outros sírios que estão na região. Ao saber que sírio era um chef, ofereceu emprego a ele.</p>
<p><b>SOROCABA E JUNDIAÍ</b></p> <p>23/09/2015 08h33 - Atualizado em 23/09/2015 14h32</p> <h3>'Se voltar para a Síria, me matam', diz refugiado há 2 anos em Sorocaba</h3> <p>Ferdi Shan fugiu de Damasco para não defender Bashar al-Assad. Atualmente, jovem e o irmão trabalham como cabeleiros na cidade.</p> <p>Amanda Campos Do G1 Sorocaba e Jundiaí</p>  <p>A vida no Brasil faz um dos milhares de refugiados sírios que escapa do regime do ditador Bashar al-Assad lembrar de um provérbio conhecido em seu país: "Não oc algo que te aconteceu, porque, vezes, há coisa boa nisso". Há 2 anos, Ferdi Shan, de 22 anos, viu obrigado a abandonar a vida que tinha no país natal. Ele se estabeleceu em Sorocaba, interior de São Paulo, e hoje comemora conseguir reconstruir a rotina e deixou ao sair de Damasco, capital da Síria, com o diferencial de não viver mais sob o medo da guerra.</p> <p>G1 acompanhou o dia a dia do refugiado, que trabalha em um salão de cabeleiros da cidade. (Veja vídeo acima)</p>	<p><b>ITAPETININGA E REGIÃO</b></p> <p>17/11/2015 07h00 - Atualizado em 17/11/2015 07h00</p> <h3>Dentistas na Síria, amigos planejam vender salgadinhos para viver no Brasil</h3> <p>'Quero falar a meus filhos que eles são brasileiros, não sírios', diz um deles. Itapetininga (SP) foi escolhida por semelhanças com cidades onde moravam.</p> <p>Do G1 Itapetininga e Região</p>  <p>Os amigos dentistas Hussam Ariam e Hussam Saib, refugiados sírios que vieram com as esposas ao Brasil neste ano, pretendem viver da venda de salgadinhos árabes com esfihas e quibes a partir de 2016 em Itapetininga (SP). Eles aguardam a data em que se completa um ano da chegada do primeiro deles para abrir uma empresa e começarem a venda formalizada. Por enquanto, vivem do dinheiro que trouxeram da Síria. "Eu quero falar para os meus filhos que eles são brasileiros, não sírios. Não árabes também", diz Hussam Ariam.</p>

Fonte: portal G1<sup>17</sup>

<sup>17</sup>Matérias disponíveis em:  
<https://glo.bo/2zq6aRP>  
<https://glo.bo/2quVqxu>  
<https://glo.bo/2JJpgat>  
<https://glo.bo/2ztlihr>  
<https://glo.bo/2JBGfv0>  
<https://glo.bo/2qrsdt>

A recorrência do estado se justifica pelo fato da maioria dos refugiados sírios chegarem ao Brasil pela capital paulista, como afirma o Conare, órgão do Ministério da Justiça brasileiro. Além disso, o estado que tem um dos melhores índices econômicos do país e concentra indústrias e produção agrícola internacionalmente reconhecidas, é visto como fonte de oportunidades de emprego e renda, não só na capital como nas cidades do interior de SP. Grandes afiliadas da Rede Globo também têm sede nas cidades mencionadas, como a TV Tem, em Sorocaba e região, e a EPTV, em Piracicaba e região, que também são sede de redações do G1. Esse último fato ainda explica o uso de vídeos nas publicações do portal, que são replicados das reportagens televisivas.

Outro aspecto que chama a atenção é o volume de entrevistados na cobertura jornalística do G1. No total, 50 refugiados sírios aparecem nas matérias, incluindo estudantes, jovens solteiros, famílias, crianças e idosos. Como mostram os exemplos na Figura 1 (p.65), as publicações vieram de editorias locais (contabilizadas pela variável V4, em que foram categorizadas as matérias locais, nacionais e internacionais) e trazem relatos de entrevistados que não se repetiram no portal ao longo dos anos.

#### **4.1.1 Análise do formato das matérias do G1**

Um dos aspectos observados foi a utilização de recursos gráficos nas matérias, que acompanham o texto e em alguns casos não só ilustram o que está escrito como também complementam o conteúdo. Encontramos fotos, vídeos, infográficos e arte com montagens de imagem e texto, que foram contabilizadas a partir da variável seis (V6), correspondente ao tipo de material gráfico ou audiovisual presentes nas publicações. Do total de 25 matérias do G1, 88% apresentam fotos; 72% incluem vídeo sobre os entrevistados; 56% contém arte com citações de entrevistados, montagem de fotos ou chamada para outras matérias relacionadas e apenas uma tem infográfico ao final do texto.

A presença de fotos na maioria das publicações demonstra que o formato tradicional de texto acompanhando imagem fotográfica ainda é preponderante no site de notícias, mas a inclusão de vídeos em 72% matérias também é um indício de que os recursos audiovisuais estão associados ao formato jornalístico para a

internet - embora no caso do G1 os vídeos adicionados ao conteúdo venham de reportagens da TV, sendo apenas reproduzidos numa outra plataforma e somados a textos que descrevem o que está gravado em vídeo. Já as artes gráficas contendo citações, montagem de fotos e chamadas para matérias ligadas à Guerra Síria e à crise migratória que se instaurou no ano de 2015 aparecem em menor número, sugerindo que os novos recursos para o meio digital ainda estão sendo incorporados à produção do portal. Destacamos que, se comparadas à utilização de foto e vídeo as artes gráficas são menos recorrentes, mas, avaliando o número total, esses recursos estão presentes em mais da metade das matérias do portal, o que também evidencia a abertura para novos formatos de construção da notícia.

Na Figura 2 (p.68) podemos ver o infográfico adicionado à primeira matéria do portal dedicada à adaptação dos refugiados sírios no Brasil, publicada em 2014. O mesmo material foi utilizado em várias outras notícias anteriores, que não estão no corpus de estudo, mas foi visto em publicações que explicam as origens do conflito e trazem índices sobre a conjuntura de guerra (mortes, pessoas feridas e ataques violentos). O fato do infográfico não ter sido reproduzido nas 24 matérias seguintes demarca uma mudança na cobertura do conflito, representada pelo foco em narrativas sobre os refugiados que estão vivendo no Brasil e não mais na contextualização da Guerra como evento internacional distante da realidade brasileira.

Figura 2 - Infográfico de contextualização da Guerra Síria

### Entenda os conflitos na Síria

Confrontos iniciados em março de 2011 se transformaram em guerra civil e chegaram à capital, Damasco



**Início**

Em março de 2011, um ato em Deraa (sul) pedia mais democracia no país. O governo respondeu com dureza. A repressão impulsionou outros protestos pelo país



**Mortes**

Segundo o Observatório Sírio para Direitos Humanos, mais de 140 mil pessoas já morreram no conflito, entre elas 7 mil crianças



**Oposição**

Em outubro de 2011, foi criado o Conselho Nacional Sírio, composto pelos perseguidos sunitas. Dissidentes também formaram o Comitê de Coordenação Nacional e o Exército Livre Sírio



**Governo**

Assad diz que 'terroristas' estão infiltrados entre os manifestantes. Ele encerrou o estado de sítio, que durava 48 anos, acenou com reformas e promoveu eleições parlamentares, recebidas com reservas pela oposição



**Coalizão**

Maior parte da oposição se organiza na Coalizão Nacional Síria, fundada em novembro de 2012 e baseada no Egito. O grupo pede armas e ajuda internacional. Com o tempo, eles perdem força e deixam de ser reconhecidos pelos rebeldes



**Refugiados**

Segundo a ONU, mais de 2,4 milhões de pessoas já deixaram a Síria. Os países que mais receberam refugiados são Líbano, Jordânia, Turquia e Iraque



**Expansão da crise**

O conflito tem ultrapassado as fronteiras, envolvendo também Israel – que lançou ataques contra Damasco. Estados Unidos e Rússia tentam mediar uma solução pacífica entre o governo de Assad e os rebeldes.



**Armas químicas**

Ataque com armas químicas em agosto de 2013, atribuído ao governo, mata 1,4 mil pessoas, segundo os EUA. Obama e Putin fazem acordo para negociação, e resolução da ONU determina a destruição do arsenal químico de Assad. Eliminação das armas é iniciada



**Conflitos entre rebeldes**

Os rebeldes contra Assad e combatentes jihadistas do Estado Islâmico do Iraque e do Levante (grupo vinculado à Al-Qaeda), inicialmente aliados, passam a se enfrentar. Os combates deixam mais de mil mortos em menos de um mês



**Negociações**

Uma conferência de paz iniciada em 22 de janeiro de 2014 tenta estabelecer um governo de transição e uma trégua. Discordâncias e acusações mútuas esvaziam o encontro, que tem uma segunda rodada também sem resultados

<sup>18</sup> Disponível em: <https://glo.bo/2CXBP6H>

Também foi observada a utilização de artes temáticas que chamam o leitor para outras matérias relacionadas à Guerra e à crise migratória global, iniciada em 2015. Em vez de adicionar apenas um box com o título “saiba mais”, comumente adotado em sites de notícias, 32% das publicações do G1 trazem a chamada “Imigrantes” (Figura 3) e uma matéria contém a chamada “Guerra na Síria”, também contida na Figura 3, com os principais tópicos que envolvem essas temáticas. O recurso gráfico agrupa notícias em categorias que geraram grande número de matérias, numa solução para catalogar o conteúdo digital publicado sobre o assunto há anos. Dentre os grupos de assunto do box “Guerra na Síria” estão os tópicos “refugiados no Brasil”, “refugiados no mundo” “saga de professora”, o que mostra que o enquadramento da questão humanitária é relevante na cobertura do conflito, para além da abordagem factual sobre o evento que ocorre na Síria.

Figura 3 - Chamadas para matérias afins



Fonte: portal G1<sup>19</sup> Fonte: portal G1<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Disponível em: <https://glo.bo/2D5eJoL>

<sup>20</sup> Disponível em: <https://glo.bo/2F3B4pc>

Já o box “Imigrantes” reúne matérias sobre a crise migratória que levou milhares de pessoas de diversos países da África e do Oriente Médio a fugirem de seus locais de origem pelo mar, sem segurança alguma, em barcos que apresentavam péssimas condições ou mesmo nadando. A crise se desencadeou em 2015 e um dos casos mais chocantes relacionados a essa cobertura envolveu a Síria, quando o menino Alan Kurdi, de apenas três anos, foi encontrado morto às margens de uma ilha na Grécia, após tentar escapar do país em guerra. A excepcionalidade desse ocorrido, que se somou ao fato de haver imagens da criança morta, resultou na inclusão dessa notícia como um tópico do box, outra característica que evidencia uma das facetas do enquadramento jornalístico dado pelo G1 à cobertura da Guerra Síria.

A organização das notícias utiliza como critério fatos extraordinários e desdobramentos ligados à pauta, o que ilustra a tentativa de dar ordem ao turbilhão de informações compartilhadas no meio digital, como mencionado na seção 2.3 (p. 38) do presente trabalho. A curadoria de conteúdo se faz necessária para orientar o público e contribuir com interpretações que levam o leitor a formar opiniões sobre os temas da hora.

Para chamar a atenção desse leitor também são utilizados outros recursos gráficos, como montagens de fotos que dão destaque à fala dos refugiados entrevistados. Os exemplos das imagens da Figura 4 (p.71), extraídos de matérias do G1 contidas no corpus de estudo, mostram o rosto dos refugiados entrevistados e em outro caso inclui imagem do quarto em que sírios estão dormindo desde que foram acolhidos no Brasil.

Figura 4 - Falas de refugiados sírios sobre adaptação no Brasil

Fonte: portal G1<sup>21</sup>Fonte: portal G1<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Disponível em: <https://glo.bo/2JBGfv0>

<sup>22</sup> Disponível em: <https://glo.bo/2CZsmipi>



O enquadramento das falas desses refugiados foi observado não só por esses elementos gráficos que destacam afirmações (ver Figura 4), mas também no corpo do texto, por meio das variáveis oito e nove (V8 e V9), que serviram para identificar o que foi incluído nas matérias como barreiras encontradas pelos refugiados sírios para se adaptarem ao Brasil e como soluções encontradas para se adequarem à nova vida. Na sequência iremos discutir esses e outros resultados que se relacionam ao conteúdo das publicações do portal.

#### **4.1.2 Análise do conteúdo das matérias do G1**

Retomemos novamente a definição de enquadramento noticioso proposta por Entman (2004), que indica que os quadros de sentido construídos pelos jornalistas devem estar articulados na matéria a fim de promover a interpretação dos leitores sobre o tema, bem como a proposição de soluções para os problemas abordados. As variáveis V8 e V9 do codebook estão alinhadas com essa definição de enquadramento e foram adotadas com objetivo de buscar nas matérias justamente a contribuição do conteúdo jornalístico para promover reflexões por parte dos leitores sobre a situação dos refugiados sírios. Procuramos quais falas dos entrevistados contendo dificuldades encontradas no processo de adaptação foram incluídas, assim como quais soluções para integração à sociedade brasileira são propostas nos depoimentos dos refugiados.

Certas matérias do corpus sugerem já nas manchetes um enquadramento positivo em relação ao processo de integração dos sírios à sociedade brasileira. No exemplo da Figura 5, retirado da publicação do G1 Pará, notamos a perspectiva otimista na narrativa logo no título.

Figura 5 - Matéria do portal G1

09/09/2015 10h42 - Atualizado em 09/09/2015 10h56

**Refugiados sírios encontram esperança de vida nova em Belém**

Refugiados relatam histórias de sobrevivência e esperança. Pelo menos dois mil sírios deixaram o país e vieram para o Brasil.

Do G1 PA

FACEBOOK TWITTER



Para fugir do horror da guerra na Síria, muitos refugiados procuram diversos países no Ocidente para garantir a sua sobrevivência com dignidade. Para dois homens sírios, a cidade de **Belém** foi o lugar escolhido para construir uma nova vida.

Omar Nabil Amir está na capital paraense há 1 ano e 3 meses. Ele fugiu da Síria para procurar uma oportunidade de recomeçar a vida no Brasil. Mas ainda falta trazer a filha de três anos e a esposa, que ficaram no Oriente Médio. Assim

como a saudade, a dor de deixar para trás tudo o que conquistou também é grande.

Fonte: portal G1<sup>23</sup>

No entanto, mesmo quando a abordagem traz superações e experiências positivas, os entraves da trajetória dos refugiados até chegarem no Brasil não ficaram de fora. Uma das dificuldades para adaptação que mais apareceram foi a barreira cultural (idioma, religião, hábitos), mencionada em 72% das matérias. Identificamos essa recorrência em trechos como esse, que descreve o relato do sírio Amer Masarani, de 42 anos:

Muitas vezes, [Amer] serve de tradutor enquanto eles [outros refugiados] não aprendem o idioma. Foi assim que fez o contato entre uma gestante e a ginecologista que a examinava: do lado de fora da sala, com um celular, ele falava com a paciente e a médica para permitir que se comunicassem (G1, 22/03/2014).

Em outra matéria, feita em Minas Gerais, um padre sírio que mora em Belo Horizonte há anos e dá apoio a refugiados que chegam na cidade afirmou em seu relato,

<sup>23</sup>Matéria disponível em:  
<https://glo.bo/1KEJDDg>

Menino vem aqui tão longe, de uma cultura diferente, de uns costumes diferentes. Vem para começar um serviço aqui, em Belo Horizonte, no Brasil. Está difícil para um brasileiro, imagina para um estrangeiro (G1, 21/04/2014).

Falas como essa contemplam duas barreiras de adaptação, a cultural e a econômica, por incluir a dificuldade de encontrar emprego. Essa última categoria, envolvendo a questão de emprego e renda, foi a segunda que mais apareceu, encontrada em 48% das matérias do portal G1.

Algumas publicações mostram barreiras econômicas junto de barreiras emocionais, como o medo, que apareceu em 76% das matérias analisadas. Na fala de Hussan, refugiado que na Síria era professor de literatura árabe, além dos obstáculos para conseguir uma fonte de renda, é mencionada a pressão psicológica sofrida por quem enfrenta a guerra:

Se eu não conseguir trabalho, vou ter que voltar para a Síria. Minha mulher está me esperando. Mas a situação é muito ruim. Há medo em toda a parte (G1, 09/09/2015).

A burocracia para se manter no país, que inclui obtenção de visto e documentos de identidade, foi mencionada 20% das vezes, uma delas em razão das exigências necessárias para alugar um imóvel:

É muito difícil alugar casas para eles. São refugiados, onde vão arranjar fiador? Ou então exigem três aluguéis como depósito. Eles não têm esse dinheiro' Amer Masarani, refugiado (G1, 22/03/2014).

Outros entraves burocráticos e políticos apareceram, como a dificuldade de conseguir apoio no Brasil mesmo depois da obtenção do visto que permite residência no país.

Sobre a variável V9, que guiou a busca por sugestões de caminhos para a adaptação dos refugiados sírios no Brasil, encontramos nove respostas nas matérias do G1, sendo que algumas continham mais de uma delas: geração de emprego; empreendedorismo; ajuda de igreja ou ONG; trabalho informal; ajuda

do governo; ajuda da comunidade síria no Brasil; adaptação à cultura brasileira (costumes e hábitos); ajuda da sociedade civil e estudos (formação escolar e universitária).

A variável mais recorrente foi a sugestão de adaptação à cultura brasileira, em 68% das matérias; em seguida veio a geração de empregos para os refugiados, contida em 52% das publicações. Os dois enquadramentos de solução para o acolhimento dos sírios se relacionam, já que em geral a adaptação à cultura envolve estar empregado e levando uma rotina no novo país. Um dos textos, porém, menciona essa adaptação pelo ensinamento do idioma e resgate de memórias afetivas. A matéria inclui depoimento da síria Afife, que décadas atrás deixou a Síria para morar no Brasil, e fala como foi receber os sobrinhos que fugiram da Guerra:

A gente foi ensinando a eles os costumes. Por exemplo, ensinando eles a falar português... eu, meus filhos [ensinamos]. Fiz feijão pra eles, porque a loucura deles era o feijão. Eu sempre levava feijão lá pra eles comer [sic]”, explicou Afife, tia dos refugiados (G1,07/11/2016).

Já a necessidade de empregos para se estabelecerem no país aparece em trechos como esse, na fala da refugiada Eman Kadar, de 40 anos:

Eu tinha uma loja de roupas na Síria, mas tivemos que fugir por causa das bombas. Muitas bombas mesmo. Eu vim com meus dois filhos de 15 e 18 anos. Meu marido ainda está lá, trabalhando. Espero conseguir viver bem aqui, arrumar um trabalho. Aqui é bom, as pessoas são boas (G1,12/04/2016)

As outras categorias de resposta para caminhos de adaptação no Brasil aparecem em menor número, com destaque para ajuda de igrejas e ONGs, mencionada em 32% matérias como instituições fundamentais para amparar refugiados recém-chegados; e empreendedorismo, que aparece em 24% das matérias focadas em refugiados que abriram o próprio negócio ao chegarem no país, como restaurantes e barbearias. Ajuda do governo e ajuda da sociedade

civil aparecem em 28% das matérias, em que a fala dos entrevistados sugere a necessidade de mais políticas públicas para auxiliar na adaptação de refugiados à nova cultura e a solidariedade das pessoas como solução, a exemplo da Figura 6, que mostra o caso de uma brasileira que recebeu um casal de sírios em sua casa.

Figura 6 - Matéria do portal G1 aborda brasileira que recebeu sírios em sua própria casa



06/10/2015 16h38 - Atualizado em 06/10/2015 19h34

### Pernambucana abriga casal de refugiados sírios com filho bebê

Morando no Brasil há cerca de seis meses, casal teve um filho em São Paulo. Eles vão morar em um sítio em Igarassu, na Região Metropolitana do Recife.

Katherine Coutinho  
Do G1 PE

O casal sírio Mouammar e Nermin chegou ao Recife nesta terça-feira (6), com o filho Ameer, de apenas cinco meses, com a esperança de começar uma nova vida. Os estrangeiros chegaram ao Brasil há cerca de seis meses e o bebê nasceu em São Paulo. Agora, serão acolhidos pela bancária pernambucana Bruna Guedes, que disponibilizou um quarto da casa onde mora, em Igarassu, na Região Metropolitana, para a família. [Veja vídeo acima.](#)

A ideia de receber refugiados veio depois que Bruna viu notícias nos jornais sobre a guerra e cidades destruídas. Mãe de um menino de dois anos, o Benjamin, Bruna diz que se compadeceu e se viu impelida a fazer algo sobre a situação. Começou, então, a buscar pela internet um meio de ajudar gente daqueles países. "Foi quando conheci uma mulher, a Marah, que veio da Síria e está fazendo um trabalho bonito em São Paulo, ajudando os refugiados da terra dela. Foi ela quem me apresentou ao casal", explicou a bancária.

Fonte: portal G1<sup>24</sup>

Matérias como essa estão ligadas ao valor-notícia do extraordinário, segundo a classificação de Nelson Traquina (2004), visto que não é comum convidar pessoas desconhecidas para morar na própria casa, mas a atitude de acolher refugiados dessa maneira também foi mostrada em matéria da BBC Brasil, como veremos na seção seguinte da análise. O fato se repetiu e demonstra atos de solidariedade, que ao serem compartilhados com inúmeros leitores dos portais, podem inspirar outras pessoas - além de demonstrar que há brasileiros que se preocupam com os refugiados sírios e suscitar reflexões a partir desse enquadramento humanitário.

No decorrer da análise iremos retomar os elementos aqui descritos, para estabelecer outras relações com a cobertura da BBC Brasil e, ao final, para

<sup>24</sup> Disponível em: <https://glo.bo/2JE1IZE>

compor a discussão sobre os enquadramentos encontrados no material de estudo. A seção 4.2, a seguir, reúne os resultados quantitativos encontrados nas matérias do outro veículo analisado, com base nas mesmas variáveis utilizadas para interpretar as publicações do G1.

#### 4.2 ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS NAS MATÉRIAS DA BBC BRASIL

As matérias da BBC Brasil correspondem a oito do total de 33 publicações do corpus de análise. Contudo, é válido ressaltar que o volume de produção do site de notícias entre 2012 e 2017 foi maior do que a amostra de análise, que filtrou apenas as matérias que dizem respeito à adaptação de refugiados sírios no Brasil. O site traz matérias apenas de estados do sudeste (SP, MG e RJ), sendo seis publicações feitas na cidade de São Paulo, uma feita em Belo Horizonte e outra na capital do Rio de Janeiro. Em relação à editoria das matérias, nesse portal elas foram alocadas na aba “notícias”, sem distinção de conteúdo nacional ou internacional. Essa organização nos pareceu estar alinhada com o perfil de jornalismo internacional da BBC Brasil, que possui sucursais em diversas partes do mundo e ao tratar de um assunto referente à Guerra Síria, evento estrangeiro com repercussões locais em vários países, inclui a matéria na aba geral de notícias.

Destacamos que duas das oito matérias têm vídeos repetidos e foram publicadas em dias seguidos; e em outras duas reportagens o mesmo entrevistado foi acionado, pontos que iremos comentar no decorrer da análise. A assinatura das matérias também foi levada em conta na leitura do corpus assim que observamos publicações da BBC Brasil que não só continham o nome dos repórteres como o perfil desses nas redes sociais, possivelmente para que os leitores entrem em contato para tirar dúvidas, sugerir pautas ou apenas para seguir os jornalistas nas redes e acompanhar o trabalho.

Sobre as matérias com conteúdo repetido, como é possível ver na Figura 7 (p.78), os mesmos vídeos foram publicados com diferentes manchetes, sendo que na primeira é acompanhado por um longo texto, que descreve o conteúdo que está nas imagens e o complementa com observações do repórter. Já na publicação do dia seguinte, o vídeo está em evidência (antes da manchete) e é acompanhado de apenas dois parágrafos de texto.

Figura 7 - Matérias da BBC Brasil que utilizam os mesmos vídeos

**Saga síria: o drama dos refugiados que vivem como sem-teto em SP**

Ricardo Senra - @ricksenra  
Da BBC Brasil em São Paulo

16 setembro 2015

**Refugiados da Síria dividem prédio com sem-teto em SP**

17 setembro 2015

Eles fugiram de 28 cidades na Síria, todas destruídas pela guerra que afeta o país há mais de quatro anos. Há dois meses, vivem juntos nos andares mais altos de um antigo prédio comercial, recém-ocupado por famílias sem-teto.

Longe de milícias, rebeldes armados e exércitos, esses 51 árabes - incluindo sírios, palestinos, egípcios e uma marroquina - tentam recomeçar suas vidas em um bairro de nome sugestivo no centro de São Paulo.

Um grupo de 51 árabes - entre sírios, palestinos, egípcios e uma marroquina - tenta recomeçar suas vidas em São Paulo, depois de cruzar a fronteira síria, passar pela embaixada brasileira no Líbano, fazer escala nos Emirados Árabes, aterrissar em Guarulhos e tentar, em vão, vagas em abrigos públicos e hotéis baratos no centro da capital paulista.

Eles narram à BBC Brasil a tristeza da perda de pessoas queridas para a guerra, as dificuldades para recomeçar a vida do outro lado do mundo e revelam esperança - tanto no futuro no Brasil, quanto em reerguerem um dia suas velhas casas.

Fonte: BBC Brasil<sup>25</sup>

O fato de serem dois dias consecutivos pode estar relacionado com a intenção de potencializar a repercussão do conteúdo, que foi inédito na ocasião de publicação. As cenas do vídeo demonstram esforço de apuração do repórter, que entrevista uma família e outros três refugiados, todos em inglês. Nos depoimentos, estão falas impactantes como a da jovem refugiada Amina, que está com a família nas imagens:

Sinto falta da vida. De meus amigos na Síria. Meus parentes na Síria. Todo mundo na Síria. A vida na Síria. Minha respiração na Síria. Meu coração na Síria. (BBC Brasil, 16/09/2015)

O músico Abdel, que desde que chegou da Guerra sobrevive vendendo doces, sugere em seu relato que a cobertura do conflito pode não refletir o que de fato acontece no país:

<sup>25</sup> Matérias disponíveis em:  
<https://bbc.in/2Lak4fC>  
<https://bbc.in/2OoJVBi>

Provavelmente muitos analistas e os grandes da política não sabem para onde o conflito sírio caminha. (BBC Brasil, 16/09/2015)

Como visto na Figura 8:

Figura 8 - Fala do refugiado Abdel no frame do vídeo da reportagem do portal BBC Brasil



Fonte: BBC Brasil<sup>26</sup>

O conteúdo do vídeo justifica que a divulgação fuja do convencional e dentro do corpus de análise esse foi o único caso de publicação consecutiva de uma matéria. Outro entrevistado da mesma reportagem<sup>27</sup> fala das diferenças culturais que enfrenta desde que chegou ao Brasil. Mohammed diz que os brasileiros presumem que ele seja libanês quando o veem (ver Figura 9, p.80), o que indica que não conhecem a diversidade do povo árabe.

---

<sup>26</sup> Vídeo na íntegra disponível nas seguintes matérias:

<https://bbc.in/2Lak4fC>

<https://bbc.in/2OoJVBi>

<sup>27</sup> Optamos pelo termo reportagem especificamente nesse caso, em virtude da extensão da matéria e da variedade de fontes entrevistadas



Figura 9 - Fala do refugiado Mohammed no filme do vídeo da reportagem do portal BBC Brasil



Fonte: BBC Brasil<sup>28</sup>

Essa fala do entrevistado demonstra uma das barreiras para adaptação no Brasil, o preconceito, contabilizada pela variável oito (V8) do *codebook*. Sobre a aparição do mesmo entrevistado em duas matérias, Amer Masarani, representante da Revolução Síria no Brasil, é fonte da BBC Brasil em 2012 e 2013, apesar do portal ter ouvido 11 refugiados sírios no decorrer dos anos de cobertura, que vão de 2012 a 2017. O sírio também foi fonte de uma matéria do G1, conforme mencionado na seção 4.1 (p. 74), e se mostrou como figura política relevante, simbolizando o engajamento de sírios radicados no Brasil em prestar apoio aos conterrâneos. Amer chegou em São Paulo há mais de 10 anos e, segundo as reportagens, oferece ajuda aos refugiados que chegam no país. Em uma das publicações ele fala sobre a rede de apoio criada pela comunidade síria que vive na capital paulista, como pode ser visto na figura 10 (p.81).

---

<sup>28</sup> Vídeo na íntegra disponível nas seguintes matérias:  
<https://bbc.in/2Lak4fC>  
<https://bbc.in/2OoJVBi>

Figura 10 - Matérias da BBC Brasil que apresentam críticas à recepção de refugiados sírios pelo governo brasileiro

**BBC** Menu

**NEWS | BRASIL**

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês



**Sírios no Brasil criam rede de apoio a refugiados**

1 agosto 2012

f t e Compartilhar

A comunidade síria em São Paulo vem se organizando para receber compatriotas que fogem da violência que atinge o país desde o ano passado.

---

**BBC** Menu

**NEWS | BRASIL**

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**Sírios dizem que Brasil dificulta vinda de refugiados**

João Fellet  
Da BBC Brasil, em Brasília

9 setembro 2013

f t e Compartilhar

Quando, há três meses, seu cunhado foi morto e teve o corpo atirado em frente à casa dos filhos na cidade de Homs, Mohamad encorajou sua família na Síria a fugir para o Brasil.



Em São Paulo há 14 anos, ele temia que outros parentes se somassem aos cerca de cem mil sírios que, segundo a ONU, morreram desde a eclosão dos conflitos no país árabe, em 2011.

Mohamad e Amer Masarani tentam trazer os familiares, sem sucesso, e criticam Itamaraty

Fonte: BBC Brasil<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Matérias disponíveis em:  
<https://bbc.in/2PaiY9F>  
<https://bbc.in/2AEzDJv>

Já na outra matéria da BBC Brasil o entrevistado denuncia o governo brasileiro em seu relato, dizendo que as autoridades dificultam a vinda de refugiados. Ambos os depoimentos trazidos pela BBC Brasil contém críticas às barreiras encontradas pelos sírios ao chegarem no novo país que deveria acolhê-los, e essas posições ganham legitimidade quando formuladas por um representante da comunidade síria no Brasil. Nesse caso fica clara a escolha do veículo de expor os problemas enfrentados pelos refugiados sírios, que é reforçada inclusive pelas imagens das matérias, como pode ser visto na Figura 10 (p.81), que não mostra entrevistados sorrindo ou confortáveis em poses espontâneas, o que ocorre em outras matérias do corpus.

#### **4.2.1 Análise do formato das matérias da BBC Brasil**

Sobre os recursos gráficos, foram utilizados fotos e vídeos, que nesse veículo foram produzidos para a internet e não replicados de emissoras de televisão. A edição do conteúdo audiovisual deixa claro que o formato foi pensado para o meio digital, com muito mais referências de documentários do que de VTs televisivos tradicionais, o que é notado pela inserção de frases explicativas, sem aparições de repórteres, e também pela trilha sonora, presente ao longo de todo o vídeo. Esses elementos dão caráter mais conceitual às produções, que não remetem ao estereótipo da reportagem em vídeo, marcado por inserção de offs, passagens de repórteres e entrevistas com microfone da emissora. Como exemplificado na Figura 11 (p.83), o caminhar do refugiado sírio, filmado também de perfil, assim como o destaque dado ao enquadramento da paisagem, lembram mais o formato do cinema do que de produções jornalísticas, apesar de serem vídeos curtos, de dois a quatro minutos.

Figura 11 - Frames de vídeo da reportagem do portal BBC Brasil



Fonte: BBC Brasil<sup>30</sup>

#### 4.2.2 Análise do conteúdo das matérias da BBC Brasil

O exemplo contido na Figura 11 representa o formato de vídeos produzidos pelo portal, mas há que se evidenciar que ele faz parte da série especial chamada #Olhares, feita em 2016 ao longo dos Jogos Olímpicos realizados no Brasil, que trouxe depoimentos de estrangeiros de várias nacionalidades que estão morando no país. Esse exemplo também demonstra a menção feita em 87% matérias da BBC Brasil a barreiras emocionais enfrentadas pelos refugiados sírios, como a saudade, o medo e a tristeza.

As barreiras culturais também apareceram como obstáculos para a adaptação no Brasil, em 75% das matérias do portal. Uma das publicações foi inteiramente feita com foco nas diferenças culturais observadas por um refugiado, Abdubasset Jarour, como visto na Figura 12 (p.84), em que o entrevistado analisa os contrastes entre o idioma árabe e o português, as religiões muçulmana e cristãs e elementos do Brasil como a noite (“baladas”) e o temperamento dos brasileiros. A matéria mostra curiosidades do processo de

<sup>30</sup> Vídeo na íntegra disponível em: <https://bbc.in/2ERIDA7>

adequação à nova cultura a partir da história de acolhimento desse refugiado por um casal de brasileiros que o convidou para morar na casa deles.

Figura 12 - Matéria da BBC Brasil sobre diferenças culturais observada por refugiado sírio

## As diferenças culturais na visão de um refugiado sírio no Brasil

José Paulo Lanyí  
De São Paulo para a BBC Brasil

10 novembro 2015

f WhatsApp Twitter Email Compartilhar



O jovem sírio Abdulbaset Jarour (ao centro) foi acolhido pelos brasileiros Silvío e Valdívia

Abdulbaset Jarour, sírio de 25 anos, foi conhecer uma balada na boêmia rua Augusta, na região central de São Paulo. Adorou o espaço, mas, desprevenido, ficou chocado ao ver uma moça beijar dois rapazes em questão de minutos.

Fonte: portal BBC Brasil<sup>31</sup>

Nessa reportagem também é destacada a barreira econômica junto às barreiras burocrática e emocional, mostradas pela dificuldade em conseguir tratamento de saúde para o refugiado entrevistado:

Embora leve tudo no bom humor, não faltam problemas para o jovem sírio. Desempregado, ele sente muitas dores no joelho afetado pelo bombardeio em Damasco e espera por uma consulta para marcar uma cirurgia no SUS. (BBC Brasil, 10/11/2015)

O total de 75% matérias do portal também aborda barreiras econômicas no texto. O portal trouxe ainda uma matéria que dá destaque às mulheres sírias

<sup>31</sup> Disponível em: <https://bbc.in/2Le7dcb>

refugiadas, enfoque que chama atenção por contemplar a desigualdade de gênero. Em 2014, ano de Copa do Mundo, foi organizado um torneio de futebol para seis comunidades de refugiados que moram no Brasil. O evento foi pensado para ter apenas times masculinos e as sírias reivindicaram participação no campeonato, situação que o portal descreveu na matéria:

Estávamos falando sobre a festa [de encerramento do campeonato] com um grupo de sírios na nossa aula de português e elas, que estavam meio de canto, perguntaram: E nós?’, disse o diretor executivo do Instituto de Reintegração do Refugiado, à BBC Brasil. (BBC Brasil, 03/07/2014)

Como pode ser visto na Figura 13, a matéria ainda contém um vídeo do jogo de futebol do time de refugiadas.

Figura 13 - Matéria da BBC Brasil aborda jogo de futebol com time de refugiadas sírias



**BBC** Menu

**NEWS | BRASIL**

Notícias | Brasil | Internacional | Economia | Saúde | Ciência | Tecnologia | Aprenda Inglês

**Mulheres sírias jogam em copa de refugiados no Brasil**

© 3 julho 2014

f t e Compartilhar

O que seria uma Copa do Mundo para seis comunidades de refugiados - formada inteiramente por times masculinos - acabou por incluir também um espaço para as mulheres.

A organização do evento, uma associação que presta auxílio a refugiados e solicitantes de pedidos de refúgio em São Paulo, foi surpreendida pelo pedido de sírias que queriam jogar.

Fonte: portal BBC Brasil<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Disponível em: <https://bbc.in/2qtd0SI>

Assim como as mulheres sírias da reportagem precisaram reivindicar a vontade de participar do torneio de futebol por não serem reconhecidas pelos organizadores do evento, outros sírios são invisíveis ou vistos negativamente aos olhos de brasileiros que não recebem bem os refugiados. Metade das matérias da BBC Brasil contidas no corpus abordaram o preconceito e a discriminação sofridos por essas pessoas, como mostra o trecho em que o padre sírio conta experiências difíceis vividas por refugiados que ele recebe em Belo Horizonte, Minas Gerais:

George [o padre] já relatou casos de uma vizinha que disse 'não aguentar' a presença dos sírios e outro refugiado foi agredido com um copo de café com leite no rosto por um cliente da padaria em que trabalha. (BBC Brasil, 11/09/2015)

A presença de relatos como esse nas matérias do portal indica o enquadramento noticioso de barreiras que prejudicam a adaptação dos sírios no Brasil e precisam ser debatidas pelos brasileiros.

A variável V8, adotada para encontrar nas publicações os quadros de sentido que evidenciam obstáculos a serem vencidos pelos sírios no processo de integração a uma nova cultura, também previa barreiras políticas e burocráticas mencionadas nas matérias. Foram encontradas menções a respeito de vistos de refúgio, necessidade de políticas públicas e dificuldade de comunicação com autoridades e familiares em quatro publicações da BBC Brasil, como no trecho em que o refugiado afirma que há dificuldades burocráticas para obterem visto de residência no Brasil:

Os brasileiros estão com os braços abertos, mas o governo está complicando tudo (BBC, 09/09/2013)

Sobre a variável nove (V9), pela qual buscamos nas matérias sugestões para que o acolhimento dos sírios pelos brasileiros se dê de forma satisfatória, foi visto que a ajuda do governo por meio de políticas públicas e a adaptação dos sírios aos hábitos e costumes brasileiros são os caminhos mais recorrentes

nas falas dos entrevistados. Ambas as sugestões aparecem em metade das matérias da BBC Brasil analisadas.

A geração de empregos aparece em seguida, mencionada em 37% das matérias. Ajuda de igrejas e ONGs, apoio da comunidade síria que vive há mais tempo no Brasil e trabalho informal - como venda em camelôs e produção de doces e salgados árabes para vender nas ruas - são outras respostas mencionadas em 25% das matérias do portal (cada uma delas apareceu em duas publicações). Ajuda da sociedade civil aparece uma vez, na reportagem que aborda o casal de brasileiros que acolheu o refugiado sírio Abdul na casa onde moram; e finalmente encontramos o estudo universitário como caminho para reconstrução da nova vida no Brasil, no depoimento de um jovem refugiado que conseguiu bolsa no curso de Química da UFRJ e dá aulas do idioma árabe para brasileiros no Rio de Janeiro.

Adel é o nome do refugiado entrevistado pela BBC Brasil (14/08/2016) que destacou a importância dos estudos. Ele também contou ao portal que é ateu e que existem mais de 3.000 palavras do árabe que deram origem a palavras do português, como tambor, enxaqueca e açúcar, pronunciadas de forma muito parecida no idioma dos sírios. Esses pontos evidenciados na fala de Adel também indicam que o enquadramento dado ao assunto pela BBC Brasil busca desmistificar algumas ideias que os brasileiros têm sobre os árabes, como a de serem todos muçulmanos e radicais em relação à religião e ainda falarem uma língua “impossível”, que segue outro alfabeto e regras muito diferentes do português.

Outros pontos que compõem os enquadramentos da cobertura da BBC Brasil serão vistos na seção seguinte (4.3, p.89), que traz distanciamentos e aproximações observados nas coberturas dos dois sites de notícias. Reiteramos que não é a prioridade dessa análise estabelecer comparações entre o G1 e a BBC Brasil, mas sim somar apontamentos encontrados, até porque trata-se de duas propostas diferentes: o primeiro portal é um veículo nacional e o outro é uma filial de um grupo britânico de mídia, que possui outras sucursais ao redor do mundo. Juntos os portais trazem duas referências de peso para o presente estudo, por serem as de maior audiência (mais acessadas na internet, como mostra o Apêndice D).



### 4.3 A COSTURA DOS ENQUADRAMENTOS NOTICIOSOS ENCONTRADOS

As 33 publicações analisadas foram codificadas em planilha, de acordo com as variáveis do livro de códigos, com o intuito de organizar o corpus de estudo, que pôde ser visualizado por características de formatação e de conteúdo que compõem as publicações e não estritamente pela matéria pertencer a um veículo ou outro. Os recortes e ênfases conferidos à situação de refugiados em adaptação no Brasil foram observados dentro da soma da produção dos dois portais de notícias com maior número de acessos em seus segmentos (o G1 de origem brasileira, com produção em todo o território nacional e a BBC Brasil de origem britânica, com foco em pautas de relevância internacional).

Por esse material vimos que os enquadramentos presentes nos veículos de notícia digitais com maior visibilidade no Brasil fazem parte de coberturas jornalísticas compostas por entrevistas e depoimentos de 61 refugiados sírios, quando somado o conteúdo dos dois portais ao longo de cinco anos (2012-2017). Pessoas que expuseram nas matérias suas angústias, superações e expectativas, apesar de todos os trechos que compõem as narrativas terem sido extraídos de relatos maiores, provavelmente de entrevistas longas, mas que tiveram de ser recortados pelos jornalistas para produzir a notícia. Ainda que seja marcante o fato de todas as matérias do corpus terem falas de refugiados e essas falas ganharem mais espaço do que as estatísticas e afirmações de órgãos oficiais a respeito dos sírios que chegam da Guerra, ressaltamos que o enquadramento jornalístico envolve o descarte de informações em favor de outras, ato inerente à construção da notícia.

Recursos gráficos e audiovisuais foram vistos como uma forma de complementar a narrativa em texto, o que permite ao leitor ter contato com as histórias por mais tempo e por meio de diferentes estímulos (vídeo, infográfico, fotografias). Nesse sentido, as perspectivas dos sites de notícias procuraram abarcar elementos noticiosos que vão além das impressões do repórter e citações indiretas. Parte das histórias são contadas por quem as viveu de fato, o que confere maior legitimidade às matérias.

Destacadas as observações iniciais que guiaram a interpretação do corpus como um todo, também levantamos nessa análise aproximações e

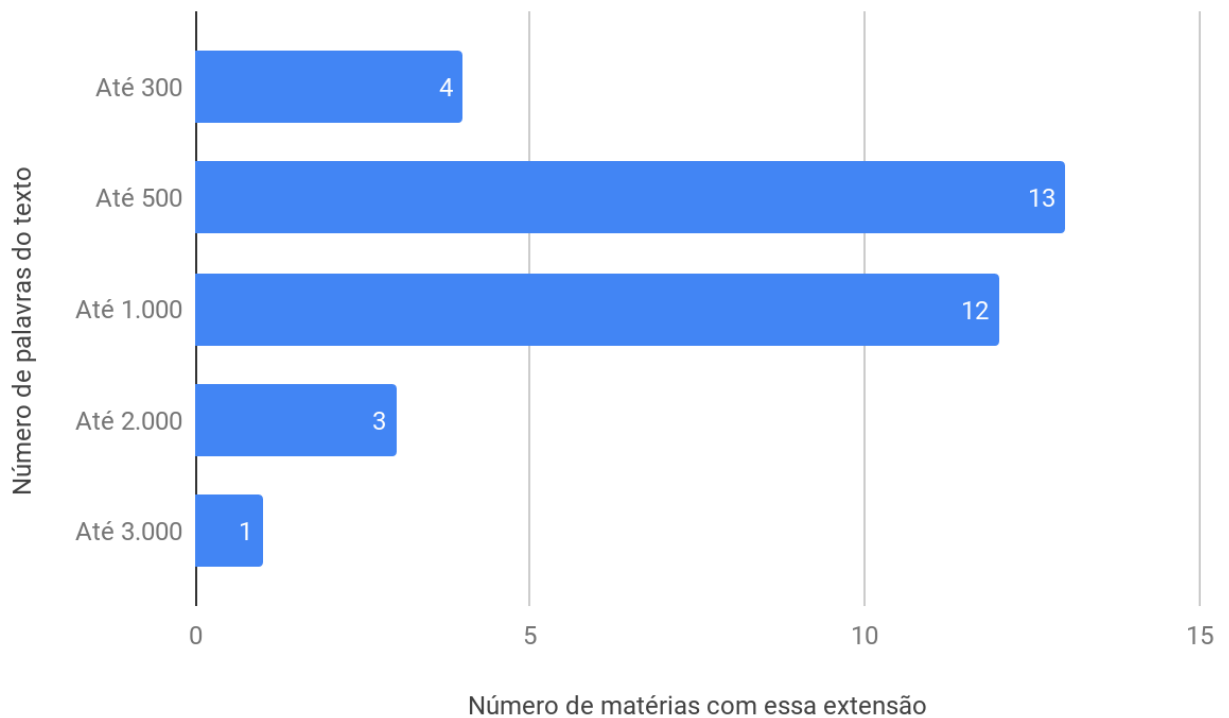
distanciamentos entre as coberturas. Alguns pontos fora da curva chamaram atenção, como a divulgação de contatos de instituições que prestam auxílio aos refugiados sírios, o que foi feito em 18% das 33 matérias com menção a pontos de coleta de doações e campanhas de ONGs e igrejas. A campanha “Juntos pela Síria”, organizada pela Arquidiocese de Belo Horizonte, foi mencionada três vezes, sendo uma em matéria da BBC Brasil e duas pelo G1.

Particularidades se mostraram na assinatura dos repórteres nas publicações. Enquanto a BBC Brasil disponibilizou o nome dos jornalistas em 75% das matérias consideradas, o G1 especificou a autoria de 56% das publicações e 44% foram publicadas com crédito geral para a equipe do veículo. No portal BBC Brasil uma das matérias sobre refugiados em Minas Gerais foi feita por um repórter localizado em Londres, embora o portal tenha redação na cidade de São Paulo.

Essa publicação tem como fonte o padre sírio George Massis, que mora no Brasil há décadas e está atuando diretamente na recepção de refugiados pela Arquidiocese de Belo Horizonte. Ele aparece quatro vezes no corpus e foi entrevistado pelos dois sites de notícias, ganhando destaque em duas publicações (uma de cada veículo), como será comentado mais adiante. Outro sírio entrevistado em reportagens do G1 e da BBC Brasil foi Amer Masarani, representante da Revolução Síria no Brasil e radicado na capital de São Paulo, que é mencionado em três publicações, duas delas são da BBC Brasil. Sírios que não apareceram nas entrevistas, mas estão em fotos adicionadas ao longo do texto (com nomes nas legendas) representam três reportagens do corpus.

Também foi constatada a diferença de tamanho dos textos do G1 em relação aos da BBC Brasil, contabilizada pela variável cinco (V5). Embora a maioria das matérias tenha aproximadamente entre 500 e 1.000 palavras, como mostra o Gráfico 2 (p.91), o G1 publicou três reportagens com extensão entre 2.000 e 3.000 palavras, enquanto a BBC Brasil tem uma matéria com texto de até 2.000 palavras, e nenhuma com mais do que isso, o que se mostrou como uma exceção ao padrão de tamanho do conteúdo escrito do portal. Essa única publicação mais extensa é mencionada na seção 4.2 (p.78) e trata de refugiados sírios sem-teto no Brasil.

Gráfico 2 - Extensão dos textos das matérias do corpus (por número de palavras)

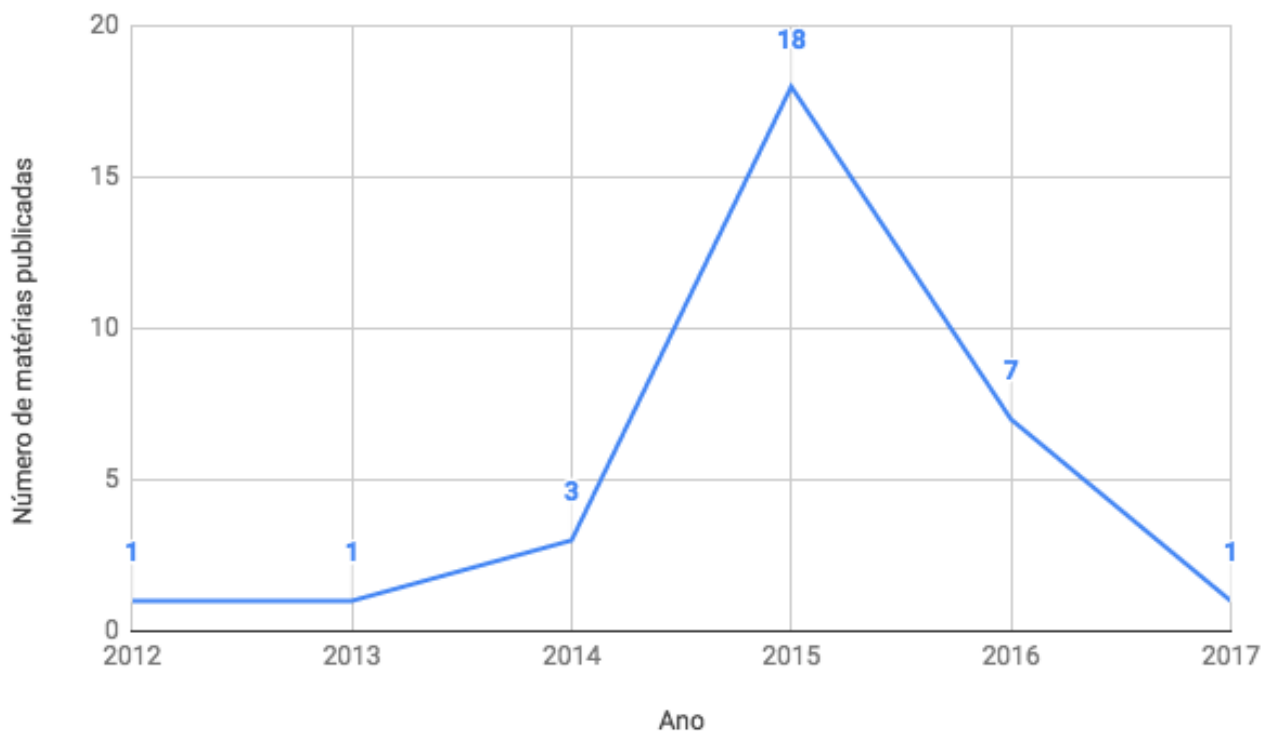


Elaboração: Melissa Gomes, 2019.

A BBC Brasil também publicou três dos quatro textos de até 300 palavras, como mostra o gráfico, e apenas um de até 500 palavras e três de até 1.000 palavras. Embora a extensão tenha variado ao longo dos anos, além dos textos serem curtos no geral, houve menor diversidade no uso de recursos gráficos em relação ao G1. A BBC Brasil utilizou apenas fotos e vídeos nas publicações enquanto o G1 explorou infográfico e outras artes com imagens. O curioso é perceber que, ainda que os textos sejam mais curtos e sigam o padrão foto/vídeo mais texto, o material do portal de origem britânica explorou maior variedade de enquadramentos do conteúdo: o preconceito sofrido pelos refugiados, a dificuldade de obtenção do visto brasileiro e a desigualdade de gênero são exemplos de aspectos que ganharam mais foco da BBC Brasil do que do G1 para falar dos sírios que estão tentando reconstruir a vida no Brasil.

Em relação ao número de matérias por ano, 54% das publicações do corpus são de 2015 e 61% dessas são do mês de setembro, período em que houve *boom* de reportagens em função da crise migratória global, como demonstrado no Gráfico 3. O ano de 2016 é o segundo com mais matérias e apareceu no corpus 21% das vezes.

Gráfico 3 - Matérias publicadas por ano



Elaboração: Melissa Gomes, 2019

Vale ressaltar novamente (ver capítulo 3) que apenas entre os anos de 2014 (que soma três publicações no corpus) e 2016 foram contabilizadas matérias dos dois portais. Em 2012 e 2013 só BBC Brasil publicou conteúdo sobre a pauta em questão (uma vez por ano), abordando refugiados sírios em São Paulo. O G1 aparece no corpus a partir de 2014 e tem matérias até o ano de 2017, quando a BBC Brasil não publicou reportagens sobre o tema da análise.

Outro ponto curioso é que houve apenas uma pauta em comum entre os dois veículos, explorada a partir de ângulos parecidos. As reportagens foram feitas em setembro de 2015 e publicadas com poucos dias de diferença,

primeiramente pelo G1 e em seguida pela BBC Brasil. Os textos tratam do acolhimento de refugiados sírios pelo padre George Massis, em Belo Horizonte - MG. O G1 utiliza o título “Refugiados sírios tentam recomeçar a vida em Belo Horizonte” (G1, 09/09/2015) e no corpo do texto aborda a importância do padre no auxílio das pessoas que chegam da Guerra, com maior foco nos depoimentos de refugiados. Já o portal de origem britânica enfoca Massis desde a manchete: “Padre sírio vira referência para refugiados no Brasil” (BBC Brasil, 11/09/2015), mencionando-o como ponto central da narrativa.

Sobre o restante do corpus, enquanto a BBC Brasil priorizou críticas à recepção brasileira desses refugiados, o G1 publicou mais textos otimistas, ainda que mencionasse obstáculos encontrados no percurso em quase todas as publicações (uma das matérias não explicita nenhuma barreira para adaptação dos refugiados e se atém a sugestões para que a integração se dê de forma satisfatória). Em 2012 e 2013, quando o G1 não produziu matérias sobre o assunto em questão, a BBC Brasil deu espaço para reivindicações dos refugiados sobre a dificuldade de obtenção do visto brasileiro.

Essa observação sobre diferentes abordagens demonstra que, independente do volume de publicações dos dois portais, foram feitas escolhas editoriais que salientam um aspecto relacionado ao processo de adaptação dos refugiados sírios no Brasil. A BBC Brasil optou por dar foco aos entraves enfrentados para retomar a vida longe do conflito e incluir reivindicações dos entrevistados, enquanto a cobertura do G1 enfatizou casos bem sucedidos de adaptação em diferentes estados do país - evidenciando, ao contrário do outro veículo, a facilitação para obtenção do visto por parte do governo brasileiro.

Esse contraste de abordagem entre as coberturas foi identificado pela análise quantitativa do corpus, que faz parte da *news framing analysis*, ao contabilizarmos que metade das matérias da BBC Brasil trazem como ponto central críticas às barreiras políticas, burocráticas e socioeconômicas encontradas pelos sírios ao chegarem no país em que tentam retomar suas vidas; e 76% das matérias do G1 trazem histórias positivas de sírios, ainda que sejam mostrados os horrores vividos na Guerra e as dificuldades superadas desde que chegaram ao Brasil.

As cenas difíceis presenciadas no conflito estão nas manchetes do portal G1, que chama a atenção do leitor com dizeres como “Se voltar para a Síria me

matam’, diz refugiado há 2 anos em Sorocaba” (G1, 23/09/2015) e “Refugiados sírios em Araçatuba vivem a angústia de ver familiares no meio da guerra” (G1, 14/05/2017). Esses títulos das matérias remetem à discussão sobre o jornalismo digital, pela qual levantamos a realidade da busca permanente por cliques, os quais significam o sucesso de um veículo na internet. Sem os anúncios e comerciais convencionais vistos anteriormente nos meios impressos e televisivos, o título deve ser atraente o suficiente para merecer a atenção do leitor em meio a tantas outras manchetes. Mais do que no jornalismo tradicional, em que a formatação também importa, na mídia digital a apresentação das notícias ganha ainda maior relevância, visto que a experiência do usuário da internet não passa por virar páginas até que o jornal seja inteiramente lido. As páginas de sites de notícias são constantemente atualizadas e o “rolar” do mouse pode durar horas e horas, inclusive para buscar notícias no arquivo de um site.

Em virtude da abundância de conteúdo, é preciso selecionar o que será acessado. As informações são divididas pelas editorias conhecidas pelos leitores, mas também necessitam das *tags* e hiperlinks para serem encontradas na infinitude de opções sobre um tema. No entanto, devemos retomar também o ponto da credibilidade do jornalismo. O ofício da profissão, que envolve o enquadramento de temas no formato de notícias e reportagens, presume a contribuição social no sentido de oferecer visões sobre um assunto que serão fonte para que os sujeitos formem suas opiniões a respeito do que acontece no mundo, e isso é mais do que apenas informar as pessoas ou fazer com que elas cliquem no *link* das notícias.

Quando se trata de temas que expõem fronteiras entre continentes diferentes, como essas envolvidas na abordagem da adaptação dos refugiados no Brasil, surge o limite simbólico e cultural tanto para a mídia brasileira, que produz pautas sobre o tema, quanto para os refugiados que chegaram ao novo país de residência, o que deveria provocar entendimentos mútuos sobre os povos que interagem no novo contexto.

Considerando essas fronteiras simbólicas e culturais presentes na cobertura do tema em questão, entendemos que as matérias da BBC Brasil exploram três pontos pertinentes que não estão explicitados nas publicações do G1. Primeiramente o preconceito vivido pelos refugiados sírios, que foi abordado

em quatro matérias do portal da BBC. O problema é citado pelo padre sírio George Massis quando entrevistado pelo site de origem britânica e não aparece na fala dele na matéria do G1, o que demonstra um ponto não aproveitado pela cobertura do portal da Rede Globo; outro elemento exposto pela BBC Brasil é a desigualdade de gênero, que foi pano de fundo da narrativa sobre o campeonato de futebol entre refugiados que inicialmente não previu a participação de times de mulheres. Ainda que este não seja um problema ligado apenas à adaptação dos refugiados no Brasil, mas referente a uma questão global que é o machismo, trazê-lo para a cobertura jornalística foi uma contribuição significativa do portal.

O terceiro ponto trazido pelo site da BBC e não visto no G1 de forma explícita na fala dos sírios foram estereótipos dos árabes na cultura brasileira. A visão reducionista em relação aos povos do Oriente Médio que vivem no Brasil foi levantada, por exemplo, na entrevista em que o refugiado disse ser visto como libanês pela maioria dos brasileiros logo que o conhecem, que já assumem uma nacionalidade antes mesmo de perguntá-lo de onde ele vem. A abordagem do estereótipo enriquece a cobertura sobre o tema ao expor para os leitores uma interpretação equivocada sobre a nacionalidade dos refugiados, que pode ser repensada a partir da matéria.

Todas essas particularidades das coberturas dos sites de notícias foram levadas em conta nessa análise por envolverem enquadramentos que não se repetiram. Contudo, reiteramos que foram as características gerais do corpus as que nos permitiram encontrar padrões, os quais nos possibilitam indicar os *frames* recorrentes no volume de 33 matérias sobre a pauta escolhida para estudo.

Como uma das características gerais, destacamos que não foi encontrada no corpus a diferença entre refugiados de guerra e refugiados de pobreza extrema. Apesar dessas pessoas serem comumente incluídas em apenas uma designação, no Brasil, por exemplo, boa parte dos sírios acolhidos por ONGs e instituições religiosas chegam com seus diplomas e história numa carreira profissional, fruto de uma vida organizada na terra de origem, e muitas vezes no novo país não conseguem exercer o ofício, cabendo-lhes poucas opções para trabalho ou nenhuma. Conforme afirma a ONU, esse perfil é diferente do de refugiados de outras nacionalidades, como haitianos, que

chegam ao Brasil para tentarem melhores oportunidades de emprego e renda do que as disponíveis no país onde nasceram.

Para que se resolva esse problema de interpretação em relação aos tipos de imigrantes, a mídia desempenha um papel importante e pode criar espaço para esclarecimento da diferença, ajudando a evitar o descontrole do número de doações de roupas e mantimentos, que se perdem em função da falta de informação sobre famílias que chegam fugidas da Guerra. Esses necessitam de acolhimento imediato para serem salvos da perseguição e do risco de morte, enquanto refugiados de pobreza, ou migrantes (de acordo com o ACNUR<sup>33</sup>), podem vir para tentar prosperar financeiramente, numa aposta em um país com mais oportunidades. Arminka Helic, integrante da Câmara Alta do parlamento britânico e ex-refugiada bósnia, juntamente com Angelina Jolie, atriz e enviada especial do Alto Comissário da ONU para os Refugiados, escreveu em artigo no jornal londrino *The Times*<sup>34</sup>: “Devemos estar conscientes da distinção entre imigrantes econômicos, que estão tentando escapar da pobreza extrema, e refugiados que estão fugindo de uma ameaça imediata às suas vidas” (HELIC e JOLIE, 2015, tradução da agência Reuteurs). Esse é um dos possíveis enquadramentos a ser aproveitado nas pautas do G1 e da BBC Brasil que trazem histórias dos refugiados que vieram para o Brasil.

Nos resultados totais da codificação das publicações, como visto no Gráfico 4 (p.97), as barreiras culturais (V8.1) para adaptação apareceram em em 75% das 33 matérias, assim como as barreiras emocionais (V8.3), também encontradas 78% das vezes; os entraves econômicos (V8.2) foram expostos em 57% das publicações; as barreiras políticas e burocráticas (V8.5) apareceram em 27% das matérias e, em último lugar no enquadramento de barreiras que prejudicam a adaptação dos refugiados ficou o preconceito (V8.4), abordado 12% das vezes apenas em publicações da BBC Brasil.

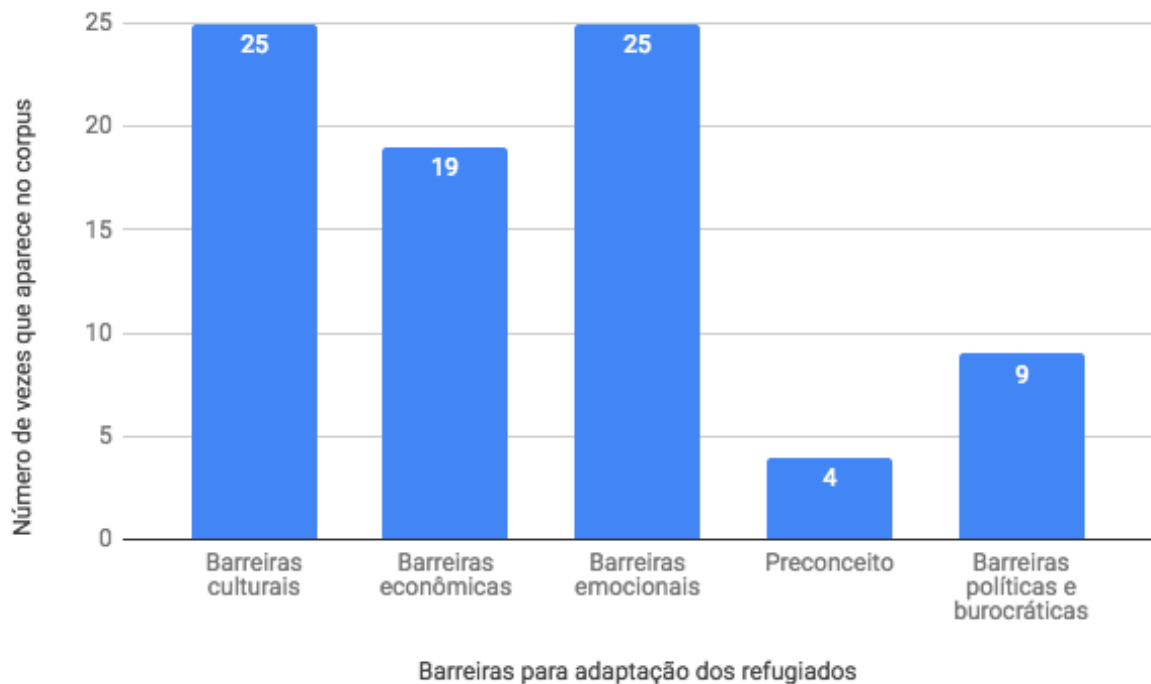
---

<sup>33</sup> Ver mais sobre a diferença entre refugiados e migrantes em: <https://bit.ly/2MaFVnq> (último acesso em julho de 2018)

<sup>34</sup> Ver o artigo na íntegra em: <https://bit.ly/2uxCnVu> (último acesso em julho de 2018)



Gráfico 4 - Barreiras para adaptação dos refugiados sírios no Brasil encontradas nas matérias do corpus



Elaboração: Melissa Gomes, 2019

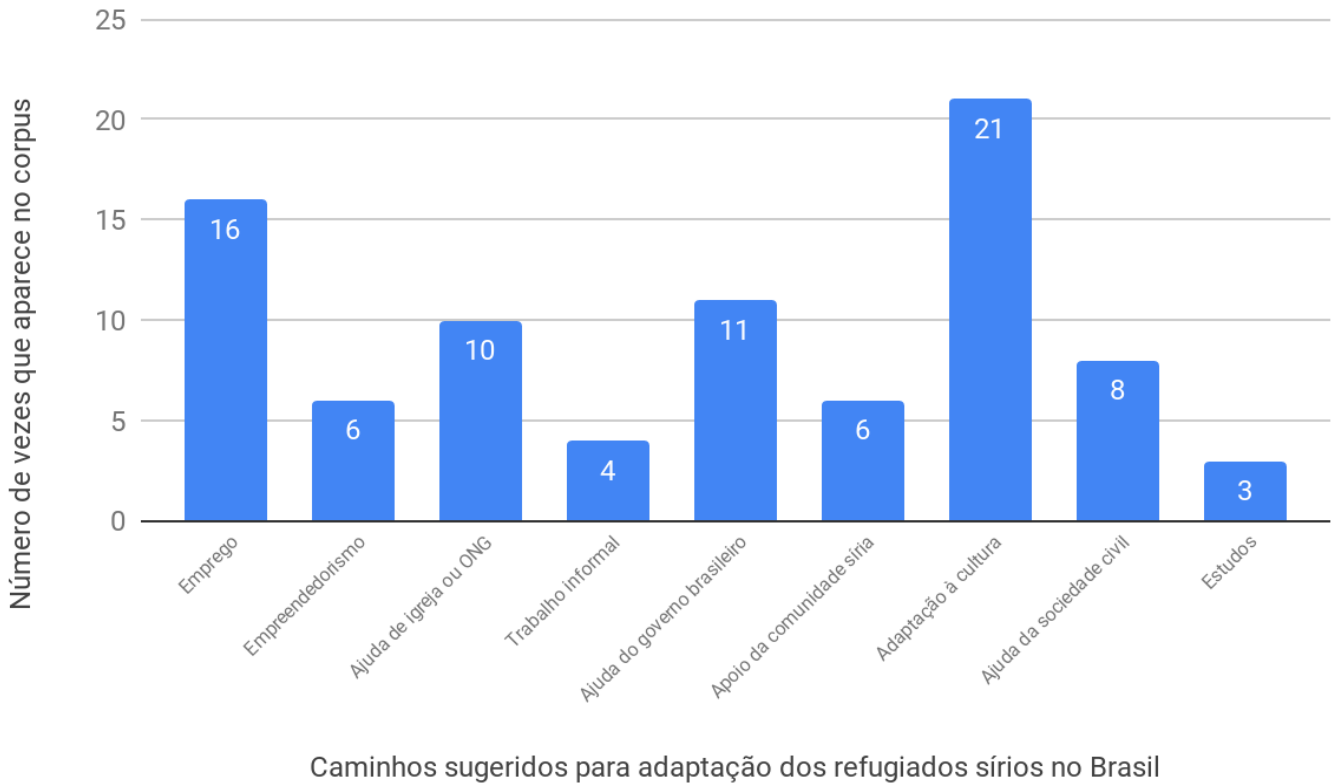
Por um lado, a alta recorrência de barreiras culturais, como o idioma, alimentação e diferenças de hábitos e costumes demonstra que os relatos de refugiados sírios entrevistados contêm menções a esses obstáculos já conhecidos pelos brasileiros, que dizem respeito aos elementos percebidos imediatamente no contato entre diferentes culturas. Por outro lado, as barreiras emocionais, que aparecem na mesma proporção no corpus de análise, referem-se aos entraves típicos de crises humanitárias, que impedem o bem estar dos refugiados e prejudicam a reestruturação da vida dessas pessoas num novo país. O medo, a saudade de casa, o luto por entes queridos que foram mortos na Guerra e diversos traumas vividos por quem presenciou o conflito estão nas falas dos sírios entrevistados nas matérias analisadas e, nesse caso, não representam experiências óbvias de choque entre culturas. Essas barreiras emocionais enfrentadas pelos sírios têm relevância sobretudo por justificarem o acolhimento imediato de refugiados, que têm suas vidas ameaçadas caso não saiam do país em guerra.

Os obstáculos econômicos vinculados à falta de oportunidades de emprego e à chegada no Brasil sem reservas de dinheiro para ter onde morar e

o que comer também apareceram na maioria das matérias do corpus, e se justificam igualmente por sugerirem que os leitores se sensibilizem com a situação vivida pelos refugiados sírios e reflitam sobre a necessidade de integração digna dessas pessoas à sociedade brasileira. O Gráfico 4 (p.97) também mostra que barreiras políticas e burocráticas, assim como o preconceito sofrido pelos sírios que chegam ao Brasil, foram menos presentes nas coberturas jornalísticas, o que reforça a saliência das barreiras culturais, econômicas e emocionais no corpus de estudo.

Já em relação às sugestões expostas nas publicações para que a adaptação dos refugiados sírios seja bem sucedida (V9), apresentadas no Gráfico 5 (p.99), a incorporação de hábitos e costumes da cultura brasileira (V9.7) apareceu em primeiro lugar, em 63% das matérias; em segundo lugar foi visto o emprego (V9.1) como solução para integração dos sírios no novo país de residência, mencionado 48% das vezes; na sequência apareceu a ajuda do governo (V9.5), sugerida em 33% das publicações; a ajuda de igrejas ou ONGs (V9.3) apareceu 30% das vezes nos textos e, finalmente, foram mostradas a ajuda da sociedade civil (V9.8) como solução (em 24% das matérias), empreendedorismo (V9.2) e apoio da comunidade síria no Brasil (V9.6) aparecem 18% das vezes cada, trabalho informal (V9.4) é mencionado 12% das vezes e estudos (V9.9) são destacados como solução para adaptação em 9% das matérias.

Gráfico 5 - Sugestões de caminhos para adaptação dos refugiados sírios no Brasil encontradas nas matérias do corpus



Elaboração: Melissa Gomes, 2019.

As proposições para que ocorra a integração dos refugiados sírios ao Brasil foram variadas, o que evidencia um ponto positivo da cobertura. Nove caminhos para contribuir com a adaptação dessas pessoas foram mencionados nas falas de entrevistados das 33 matérias, sendo que em 21% delas um desses caminhos foi explorado com destaque. Os tópicos ajuda da sociedade civil e adaptação à cultura brasileira foram mencionados isoladamente tanto do G1 quanto da BBC Brasil. Já a sugestão de ajuda do governo brasileiro apareceu com destaque apenas em matéria do portal de origem britânica; o empreendedorismo foi evidenciado como um caminho possível para adaptação de sírios apenas em uma publicação do G1.

Nas outras 26 matérias apareceram mais de uma solução, entremeadas nos relatos e dados incluídos nas narrativas jornalísticas. Uma das reportagens do G1 não trouxe nenhuma sugestão de caminho para adaptação dos sírios, destacando apenas a angústia vivida pelos refugiados em saber que seus

familiares ainda estão na Guerra. Especificamente nessa publicação o foco foram as barreiras que impedem os sírios entrevistados de terem uma nova vida tranquila no Brasil. Com o título “Refugiados sírios em Araçatuba vivem a angústia de ver familiares no meio da guerra” (G1, 14/05/2017), já mencionado nessa análise, a matéria enquadra o sentimento de preocupação dos refugiados em saber que seus parentes estão correndo riscos no local do conflito, principalmente porque o contato fica inviável e eles não têm notícias das pessoas.

As ideias aqui apresentadas e relacionadas nos levaram a identificação de elementos textuais, gráficos e sobre a localidade em que as matérias jornalísticas foram produzidas, os quais compõem enquadramentos noticiosos de histórias positivas sobre os refugiados sírios no Brasil e de reivindicações dessas pessoas que estão reconstruindo suas vidas na América do Sul. Esses elementos observados no material de análise, como uso de vídeos e fotos além do texto, e estados brasileiros que apareceram nas matérias como locais em que os refugiados chegaram, foram estruturados a partir da definição do conceito de enquadramento segundo o professor Robert Entman (2004) e tendo como inspiração empírica a pesquisa realizada pelas professoras Anna Berbers e Leen d’Haenens, com participação do pesquisador Wannes Ribbens (BERBERS, D’HAENENS e RIBBENS, 2014), que propõem uma análise de enquadramento da cobertura da Guerra Síria em jornais internacionais impressos. A base científica desses trabalhos nos permitiu testar a *news framing analysis* aplicada a coberturas de sites de notícias, adotando como guia o *codebook* (livro de códigos) que nada mais é do que uma ficha de análise elaborada com respaldo na teoria do enquadramento noticioso.

Tal teoria está alinhada com a perspectiva de construção da notícia por meio de ideias socialmente compartilhadas, que são pontos de partida no momento de produção jornalística para enquadrar fatos e informações na mídia. Jornalistas e repórteres, assim como as pessoas em geral, partem de noções já estabelecidas para ler o mundo em que vivem. Nesse sentido, entendemos haver dois enquadramentos-chave nas coberturas do G1 e do portal da BBC, que sugerem molduras distintas para a interpretação da questão dos refugiados sírios no Brasil.

Esses enquadramentos principais não impediram a existência de outros, apenas foram mais recorrentes e evidenciam um padrão nas coberturas. Um deles é marcado por colocações e ênfases em críticas sociais, que chamaremos no presente trabalho de *enquadramento de reivindicações dos refugiados sírios*. Por esse *framing* não são as possíveis soluções para o problema que preponderam na narrativa, mas sim as questões que inquietam os entrevistados e grupos sociais em questão, nesse caso os refugiados sírios que vivem no Brasil. O outro enquadramento-chave foi nomeado de *enquadramento de histórias positivas*, e corresponde às matérias do corpus que, apesar de ressaltarem as barreiras enfrentadas pelos refugiados sírios no processo de retomada da vida num outro país, evidenciam superações e conquistas dessas pessoas.

Cada um dos *frames* aqui nomeados é predominante nas publicações de um veículo, sendo o *enquadramento de reivindicações* recorrente na cobertura da BBC Brasil e o *enquadramento de histórias positivas* a base das matérias do G1. Assim, entendemos que a leitura do corpus pode ser feita conforme o esquema da Figura 14.

Figura 14 - Enquadramentos-chave encontrados no corpus de estudo



Os enquadramentos-chave sintetizam aglomerados de sentido (*clusters*) provenientes das nove variáveis observadas nas matérias do corpus, de maneira que os resultados encontrados nos possibilitaram observar a composição de *frames* fundamentais nas coberturas jornalísticas selecionadas. Quando relacionamos esses *frames* à linha editorial dos portais de notícias, mencionadas brevemente na introdução do trabalho, vimos que o Grupo Globo (em que se insere o G1) afirma ter como princípios da informação de qualidade a isenção, a correção e a agilidade. Ao final do documento disponibilizado no site da empresa estão os “valores cuja defesa é um imperativo do jornalismo” (Seção III do documento ‘Princípios Editoriais do Grupo Globo’<sup>35</sup>), que são: independência, apartidarismo, laicidade, democracia, liberdades individuais, livre iniciativa, direitos humanos, república, avanço da ciência e preservação da natureza.

Já o Grupo BBC defende onze valores editoriais<sup>36</sup>, também enumerados no site da empresa, são eles: confiabilidade, verdade e precisão, imparcialidade, integridade editorial e independência, proteção dos mais vulneráveis contra injustiças e ofensas, servir ao interesse público, justiça, privacidade, proteger o bem estar e a segurança das crianças, transparência em relação à fonte do conteúdo publicado e prestação de contas aos leitores.

Esmiúçar os compromissos firmados pelos dois veículos nos renderia um outro trabalho, também relevante, mas nesse momento mencionamos os pontos defendidos nos guias editoriais a fim de discutir os resultados encontrados na análise. Dentre o que é dito pelo Grupo Globo, a defesa dos direitos humanos justifica o volume de matérias feitas de 2012 a 2017 sobre a adaptação dos refugiados no Brasil, assim como as liberdades individuais e o apoio à democracia corroboram com a cobertura jornalística a partir de histórias de sírios que estão vivendo em cidades brasileiras. Entretanto, não há um valor que determine o compromisso explícito com críticas sociais e denúncias a serem feitas em defesas de grupos vulneráveis na sociedade, como defende o Grupo BBC, o que nos leva a inferir que o enquadramento-chave de *histórias positivas* está de acordo com a linha editorial do G1.

---

<sup>35</sup> Ver documento na íntegra em: <https://glo.bo/2pYDZG9>

<sup>36</sup> Ver todos os valores editoriais defendidos pela BBC em: <https://bbc.in/2HKq5SM>

Da mesma forma, a empresa britânica de mídia enumera compromissos com o público a partir de valores menos genéricos que os do Grupo Globo, deixando claro que é necessário proteger os marginalizados e servir ao interesse público, sendo essas as prioridades do trabalho jornalístico, segundo a BBC, o que justifica a predominância do *enquadramento de reivindicações*. Por esses referenciais vemos que os levantamentos contidos nessa análise vão ao encontro a coberturas que adotam dois pontos de vista, compatíveis com os compromissos editoriais de cada portal. As abordagens contribuem para que haja a multiplicidade de enquadramentos noticiosos na mídia. No capítulo seguinte faremos considerações a partir dos resultados da análise de enquadramento aqui proposta.

## 5 CONSIDERAÇÕES

Pelas matérias aqui discutidas, sinalizamos que os veículos noticiosos podem chegar perto de histórias e nomes da comunidade de refugiados sírios no Brasil, mais do que de números e estatísticas sobre migrantes em razão da Guerra. Até porque, repassar dados de fontes oficiais, ainda que seja parte do trabalho jornalístico, não é o que constitui a essência dessa profissão. Mesmo a atividade de resumir eventos complexos e torná-los didáticos para os leitores, essa também não traduz a essência da atividade jornalística. Ainda mais em tempos de difusão da internet e das interações entre as pessoas pelo meio digital, que possibilitam que qualquer sujeito com um pequeno dispositivo produza conteúdo e o divulgue para multidões.

A função que não se perde é a de adotar um discurso próprio, que oferece parâmetros para o debate público. Ainda que os dispositivos móveis tenham aberto espaço para a produção de conteúdo independente, ao alcance das mãos, e que isso possa significar também a prática jornalística sem formação acadêmica para tal, as instituições da imprensa podem se multiplicar e se pluralizar, mas não perderão seu lugar na estrutura social como entidade que precisa ser avaliada, criticada e sobretudo mantida como um braço da democracia.

Sobre a prática profissional, deixamos como principal ponto do presente trabalho a reflexão de que a essência jornalística passa pelo código discursivo particular e pelo esforço investigativo e de seleção do conteúdo publicado nos moldes da notícia. Já em relação à formação profissional, por meio da fresta que é *news framing analysis*, vemos um caminho para diagnosticar quadros de sentido componentes de coberturas jornalísticas e refletir sobre esses, observando com olhar crítico os elementos da linguagem característica da profissão, e assim formando jornalistas de amanhã e reformando as noções dos jornalistas de hoje a respeito da atividade de enquadrar temas com responsabilidade e equilíbrio - sobretudo na era digital.

O exercício aqui proposto, que é o de esmiuçar coberturas jornalísticas e estabelecer relações entre elas, a fim de compreendê-las, parece ser um dos caminhos viáveis ao ensino da profissão, que é constantemente questionado e ameaçado pelas inovações tecnológicas e de mercado. Ao propormos reflexões



sobre a essência do jornalismo em fases turbulentas como a que vivemos na era digital, contamos com a metodologia de análise aqui proposta para pensar a atividade jornalística do futuro enquanto observamos exemplos práticos da mídia. Relacionado a esse estudo do enquadramento noticioso está também o desenvolvimento de metodologias próprias do Campo da Comunicação, especialmente de estudos em jornalismo, que carece de ferramentas de pesquisa que demarquem a área científica a partir de olhares próprios – que não impedem o intercâmbio com teorias de outros Campos de estudo, como a Sociologia, a Filosofia, a História, a Economia e as Ciências da Informação.

A análise de enquadramento aplicada ao jornalismo também possibilita o estudo aprofundado do conteúdo de outras mídias digitais, como a televisão, e outros dispositivos móveis fruto da criação da internet, como *smartphones* e *smartwatches*, por exemplo, que oferecem diversos aplicativos para consumo de notícias. Como visto na fase inicial desse estudo, até o momento, dentre os objetos de pesquisa selecionados para a *framing analysis* na Comunicação predominam os veículos impressos e os debates em redes sociais, e sobra espaço para análises de material jornalístico feito para a internet.

Ainda sobre a metodologia utilizada, evidenciamos mais uma oportunidade de aprimorar o exercício de análise aqui iniciado. Ao nos depararmos com o trabalho da professora Vanessa Veiga de Oliveira (2013) sobre as controvérsias explicitadas em abordagens jornalísticas sobre o Terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), vimos a possibilidade de realizar testes de confiabilidade da análise de enquadramento. Apesar do trabalho de Veiga não adotar a *news framing analysis* propriamente dita (e sim o método do DQI, proposto por Jurg Steiner e seus colegas no início dos anos 2000), também lança mão da codificação do corpus, e garante que pelo menos dois pesquisadores façam a interpretação da amostra de pesquisa e preenchimento dos dados da ficha de análise, para posterior discussão sobre resultados e eliminação de possíveis dúvidas no processo analítico.

Embora não tenhamos realizado o teste dessa vez, registramos aqui uma medida que conversa com a teoria de enquadramento estudada, e que pode amenizar ainda mais o caráter subjetivo na etapa quantitativa da análise. Por fim, mas não menos importante, devemos reconhecer outras limitações do estudo, tanto pelo recorte do corpus, que é uma necessidade empírica, adequada para o

tempo de realização da dissertação, mas que merece continuidade e ampliação do trabalho aqui iniciado. Outra ponderação seria a oportunidade de busca do número de refugiados junto a órgãos oficiais de cada estado brasileiro, já que o Ministério da Justiça, por meio do Conare, e a Polícia Federal não puderam fornecer dados regionais sobre sírios que vivem no Brasil de forma legalizada. Com essas informações em mãos seria possível entender o impacto da chegada dessas pessoas em cada estado e então ter um parâmetro para analisar a visibilidade que o assunto ganhou nas editorias locais do G1, por exemplo, e como isso foi explorado em termos de enquadramento noticioso.

Tomando como base as opiniões socialmente cristalizadas que formam a opinião pública, reiteramos que as análises de enquadramento noticioso devem buscar no discurso jornalístico os elementos que acionam e reforçam essas ideias compartilhadas, que vêm de imagens do mundo que nos cerca e da autoimagem de cada um. No presente trabalho, a busca por esses quadros de sentido nos mostrou pacotes interpretativos de críticas sobre o processo de adaptação de refugiados sírios pelo Brasil e da superação de barreiras enfrentadas por essas pessoas no novo país, por meio dos chamados *enquadramento de reivindicações* e *enquadramento de histórias positivas*.

No interior dessas duas molduras amplas, que guardam escolhas de abordagem para um mesmo assunto, também vimos como enquadramentos específicos o preconceito, estereótipos dos brasileiros em relação ao povo árabe, a dificuldade para obtenção de visto brasileiro, o desemprego e a falta de moradia digna para muitos sírios que tentam se reconstruir num outro país. Vimos o empreendedorismo como saída encontrada por alguns refugiados, o trabalho informal como alternativa para outros, o estudo universitário e de idiomas como formas genuínas de integração social, mas também identificamos pessoas que dependem da ajuda de ONGs, igrejas e civis brasileiros para terem o mínimo necessário à sobrevivência no Brasil.

As ideias acima resumem a imagem dos sírios que chegaram ao Brasil, assim como nos mostram muitas de suas necessidades e propósitos, aspectos pontuados ainda na década de 1920 por Walter Lippmann para se referir ao que constitui imagens socialmente cristalizadas que formam a opinião pública. Todos esses tópicos contidos nas matérias foram recortados e organizados por jornalistas que trabalham para veículos de comunicação, que fizeram suas

escolhas com base em outras imagens já construídas sobre o mundo e a partir do contato com os relatos dos refugiados entrevistados. Dessa dialética inerente ao processo de construção da notícia (ideias socialmente cristalizadas versus o contato com novos fatos e eventos em curso) surge a síntese sobre um tema na mídia.

Inferimos então, que a mídia jornalística é uma tela que tanto reflete a opinião pública, ao trazer o posicionamento de agentes sociais, quanto contribui para escrever ou pintar essas ideias cristalizadas na mente das pessoas, pelo fato de oferecerem interpretações credíveis sobre os temas abordados. Por consequência, a *news framing analysis* poderia ser vista como a lupa que amplia e ilumina os limites de sentido socialmente compartilhados pelas notícias, que surgem na tela. Nessa direção o presente estudo pretende suscitar mais reflexões e render trabalhos que avancem a partir daqui.

## REFERÊNCIAS

ALDÉ, A. Mídia e guerra: enquadramentos do Iraque. In: **XIII Encontro Anual da Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)**, 2004, São Bernardo do Campo (SP), 2004.

ALSINA, Miquel Rodrigo. *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós, 2005.

ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 85-99, dez. 2009.

BATESON, Gregory. *A Theory of Play and Fantasy*. In: SCHECHNER, Richard; SCHUMAN, Mady. **Ritual, Play and Performance: Readings in the Social Sciences**. New York: Seabury Press, 1976.

BATISTA, Jandré Corrêa. **O lugar da notícia nos processos regionais de integração**: os enquadramentos dos jornais de referência sobre as cúpulas de chefes de Estado do Mercosul. 325f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

BENFORD, R.D.; SNOW, D.A. *Framing processes and social movements: an overview and assessments*. In: **Annual Review of Sociology**, n 26, p. 611-639, 2000.

BERGER, Christa. Em torno do discurso jornalístico. In: NETO, Fausto A.; PINTO, Milton José. **O indivíduo e as mídias**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico de Mello B. (Re)pensando o jornalismo: contribuições espanholas. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, p. 1-20, 2008.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**. V. 14, n. 1. Brasília: Compós, 2011.

BRUNS, Axels. *Gatewatching: collaborative online news production*. New York: Peter Lang Publishing, 2005.

CAETANO, Kati; BARBOSA, Marialva; QUADROS, Claudia. Dispositivos e práticas jornalísticas em um mundo sem fronteiras. In: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro. **Jornalismo e convergência**: ensino e práticas profissionais. Covilhã, Portugal: Lab-Com, UBI, 2011.

CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2014.

CASTELLS, M. **The rise of the network society**. 2. ed. Malden: Blackwell, 2000.

CASTELLS, Manuel. **Power Communication**. Oxford: University Press, 2009.

CALEGARI, Marília; JUSTINO, Luciene. Refugiados sírios em São Paulo: o direito à integração. In: **Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”**, 2016. Memorial da América Latina, São Paulo. Disponível em: <[http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/9\\_MC.pdf](http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/9_MC.pdf)>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

CARDOSO, Anelise Zanoni. **Jornalismo para paz ou para a guerra: o refugiado na cobertura jornalística brasileira**. 185f. Tese de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/105023>>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

CARVALHO, Carlos Alberto. O Enquadramento como Conceito Desafiador à Compreensão do Jornalismo. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 14, 2009, Rio de Janeiro, Intercom Sudeste. Anais. Rio de Janeiro: UFRJ – Intercom, 2009. V.1.p.1-13.

CORRÊA, Elizabeth Saad. Estratégias de conteúdo para meios digitais: ciclos de reconfiguração e os rumos para um novo período. In: QUADROS, Claudia; CAETANO, Kati; LARANGEIRA, Álvaro. **Jornalismo e convergência: ensino e práticas profissionais**. Covilhã, Portugal: Lab-Com, UBI, 2011.

CURI, Guilherme Oliveira. Webdiásporas e a Construção das Identidades Transnacionais e Interculturais: O Caso dos Imigrantes Sírio-libaneses no Sul e Sudeste do Brasil. In: **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Foz do Iguaçu, PR, Intercom 2014. São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2014/resumos/R9-1824-1.pdf>>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

D’ANDREA, Carlos. WebTVs no cenário da(s) convergência(s): a produção audiovisual por veículos jornalísticos de tradição. In: LONGHI, Raquel; D’ANDRÉA, Carlos. **Jornalismo convergente: reflexões, apropriações, experiências**. Editora Insular: Florianópolis, 2012.

D’ANGELO, P. *News Framing as a Multiparadigmatic Research Program: a Response to Entman*. In: **Journal of Communication**, 2002.

D’ HAENENS, L.D; BERBERS, A.; RIBBENS, W. **What’s in a frame? Framing the Syrian War**. LEUVEN, Ku. Faculteit Sociale Wetenschappen. In: Master of Science In Decommunicatiewetenschappen, 2014.

ENTMAN, Robert. M. *Framing: towards clarification of a fractured paradigm*. **Journal of Communication**, p. 51-58, 1993.

ENTMAN, Robert. M. *Projections of power: framing news, public opinion and U.S Foreign Policy*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

FERNANDES, Paulo Roberto. **Miditização das migrações contemporâneas: a cobertura noticiosa no Jornal Nacional e sua Recepção por imigrantes residentes em Porto Alegre**. 202f. Dissertação de Mestrado - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), 2006.

GITLIN, Todd. *The whole world is watching: mass media in the making & unmaking of the new left*. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, E. *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. New York: Harper, 1974.

GONÇALVES, Telmo. A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo. **Caleidoscópio**: Revista de Comunicação e Cultura, n. 5/6, Jul. 2011.

GOMES, M. N. O conceito de enquadramento noticioso nos estudos publicados em periódicos científicos (2013-2016). In: **XL Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Intercom 40, 2017, Curitiba. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017>>. Acesso em: 10 de julho de 2018.

GOUVEA, Cleber; LOH, Stanley. Jornalismo semântico: uma visão em direção ao futuro do jornalismo online. In: LONGHI, Raquel; D'ANDRÉA, Carlos. **Jornalismo convergente: reflexões, apropriações, experiências**. Florianópolis: Insular, 2012.

HALL, Stuart et al. **A produção social das notícias: o mugging nos media**. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.

HENN, Ronaldo Cesar. **Pauta e notícia: uma abordagem semiótica**. Canoas: Ulbra, 1996.

HENN, Ronaldo Cesar. **Os fluxos da notícia**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

HIGGINS, Dick. *The something Else Newsletter*. **Something Else Press**, Nova Iorque, v. 1, p. 1-4, 1966.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

KOVACH, Bill; ROSENTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**: que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2010.

LISBOA, Silvia; BENETTI, Marcia. Credibilidade no jornalismo: uma nova abordagem. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 162-174, 2017.

LOBATO, José Augusto Mendes. O olhar sobre o outro no jornalismo internacional: caminhos e estratégias de representação da diferença em narrativas de conflitos. In: **II Simpósio Internacional Jornalismo em Ambientes Multiplataforma**, SIMPJOR, 2016. ESPM, São Paulo, SP. Disponível em: <[http://anais-iisimpjor2016.espm.br/PDF/3/C1\\_Jose\\_AugustoMendesLobato.pdf](http://anais-iisimpjor2016.espm.br/PDF/3/C1_Jose_AugustoMendesLobato.pdf)>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

LUCENA, Gleydson Gonzaga de. **A geopolítica da guerra civil síria e suas implicações para o Brasil**. 146f. Universidade de Brasília, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/31598>>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2019.

MAIA, Rousiley; GOMES, Wilson. **Comunicação e democracia**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTINS, Gerson Luiz. Protocolo de qualidade em ciberjornalismo na Espanha e no Brasil. In: LONGHI, Raquel; D'ANDRÉA, Carlos. **Jornalismo convergente**: reflexões, apropriações, experiências. Florianópolis: Insular, 2012.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. *The agenda-setting function of mass media*. In: **The Public Opinion Quarterly**. v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, p. 187-235, 2012.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 246f. Universidade Federal da Bahia, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2z6G5se>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2019.

MONTEIRO, Talissa; HELLER, Reginaldo. **O Papel da Imprensa em Conflitos Armados: O Caso da Guerra Civil na Síria**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom 38, 2015, Rio de Janeiro, RJ. São Paulo: Intercom 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1694-1.pdf>>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

MOREIRA, Deodoro José. **Islã e terror: estratégias de construção na mídia impressa**. 168f. Tese de Doutorado - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2009.

OLIVEIRA, Vanessa Veiga. **Direitos Humanos e suas justificativas na mídia: a controvérsia envolvendo o caso do PNDH-3.177f**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: < <https://bit.ly/2SFdFQs>>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2019.

PADILHA, Sônia. Os valores-notícia no webjornalismo. In: LONGHI, Raquel; D'ANDRÉA, Carlos. **Jornalismo convergente: reflexões, apropriações, experiências**. Florianópolis: Insular, 2012.

PAULINO, Rafael Rodrigues. **Os meios de comunicação em situações de guerra dos estados unidos da américa: um estudo teórico-histórico-mediático**. 105f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília (UNB), 2009.

PITT, A.J; HELIC, A. "Don't blame refugees for seeking a better life". **The Times**. 2015. Disponível em:<<https://www.thetimes.co.uk/article/dont-blame-refugees-for-seeking-a-better-life-56p53mbqdv>>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

PORTO, Mauro. Enquadramento da mídia e política. In: **Comunicação e política: conceitos e abordagens**. Salvador/São Paulo: Edufba/ Unesp, 2004.

REESE, Stephen D. Finding frames in a web of culture. In: D'ANGELO, P.; KUYPERS, J. A. **Doing news framing analysis: empirical and theoretical perspectives**. New York: Routledge, 2010.

SCHEUFELE, Dietram A. *Framing as a theory of media effects*. **Journal of communication**, 1999.

SEMETKO, H. A.; VALKENBURG, P. M. *Framing european politics: a content analysis of press and television news*. **Journal of Communication**, v. 50, p. 93-109, 2000.

SILVA, Igor Marx Freire Ferreira Lima e. **Enquadramentos de Guerra – A cobertura do recente conflito no Iraque em dois jornais brasileiros**. 169f. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília (UNB), 2006.

SQUIRRA, Sebastião. Convergências tecnológicas, mídias aditivas e espiralação de conteúdos jornalísticos. In: LONGHI, Raquel; D'ANDRÉA, Carlos. **Jornalismo convergente: reflexões, apropriações, experiências**. Editora Insular: Florianópolis, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.



TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional**. V.2. Florianópolis: Insular: 2013

TUCHMAN, Gaye. ***Making News: a Study of the Construction of Reality***. New York: Free Press, 1978.

VAN GORP, Baldwin. Strategies to take subjectivity out of framing analysis. In: D'ANGELO, P.; KUYPERS, J. A. ***Doing news framing analysis: empirical and theoretical perspectives***. New York: Routledge, 2010.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1987.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ZAREHDDINE, Danny. A crise na Síria (2011-2013): uma análise multifatorial. **Revista Conjuntura Austral**, V.4, n.20, p.6-23, outubro de 2013.

## APÊNDICE A

### Resumo das matérias do corpus de análise

Ano de publicação	Resumo da matéria	Link para matéria
<b>BBC Brasil</b>		
2012	Sírios que vivem no Brasil há muito tempo recebem refugiados da Guerra. Matéria cita comunidade síria que vive em SP	<a href="https://bbc.in/2PaiY9F">https://bbc.in/2PaiY9F</a>
2013	Entrevistas com sírios que chegaram ao Brasil e informações sobre concessão de visto a refugiados	<a href="https://bbc.in/2AEzDJv">https://bbc.in/2AEzDJv</a>
2014	Refugiadas solicitam participação em torneio de futebol para refugiados, que previa apenas participação masculina. Mulheres pediram para jogar e lembram da infância na Síria, quando se divertiam com esse esporte nas ruas de onde moravam	<a href="https://bbc.in/2qtd0SI">https://bbc.in/2qtd0SI</a>
2015	Relatos de refugiados sírios que estão morando em BH - MG e que estão sendo amparados por padre de origem síria. Padre também é fonte ao longo de todo o texto	<a href="https://bbc.in/2NMeykX">https://bbc.in/2NMeykX</a>
2015	Grupo de sírios que chegou ao Brasil vive em prédios ocupados por sem-teto e relata os horrores vividos na Guerra. Menção da facilitação de visto para refugiados	<a href="https://bbc.in/2Lak4fC">https://bbc.in/2Lak4fC</a>
2015	Matéria em vídeo sobre o mesmo grupo de refugiados da reportagem do dia anterior, que vivem como sem-teto em SP	<a href="https://bbc.in/2OoJVBi">https://bbc.in/2OoJVBi</a>
2015	Barreiras linguísticas e religiosas são destacadas por sírios que estão vivendo no Brasil há algum tempo. Elementos como a noite (baladas) e o temperamento dos brasileiros são analisados pelos entrevistados sírios da matéria	<a href="https://bbc.in/2Le7dcb">https://bbc.in/2Le7dcb</a>
2016	Jovem refugiado conta sua história de adaptação até se tornar professor de idiomas numa ONG	<a href="https://bbc.in/2ERIDA7">https://bbc.in/2ERIDA7</a>
<b>G1</b>		
2014	Sírios que vivem no Brasil há muito tempo recebem refugiados da Guerra. Matéria cita comunidade síria que vive em SP e descreve como está sendo a adaptação dos que chegam	<a href="https://glo.bo/2CXBpH6">https://glo.bo/2CXBpH6</a>
2014	Refugiados entrevistados contam o que viveram na guerra. Matéria indica contexto de crescimento do número de refugiados no Brasil	<a href="https://glo.bo/2zww4EU">https://glo.bo/2zww4EU</a>
2015	Entrevista com refugiados que chegaram até Belém sobre a trajetória para sair do país em guerra e sobre adaptação no Brasil	<a href="https://glo.bo/1KEJDDg">https://glo.bo/1KEJDDg</a>

2015	Casal de sírios conta como está reconstruindo a vida no Brasil (frequentam igreja católica em que o padre é sírio). Matéria traz número de refugiados que chegaram em Belo Horizonte	<a href="https://glo.bo/2D33k8z">https://glo.bo/2D33k8z</a>
2015	Entrevista com refugiados abrigados em paróquia localizada no bairro Botafogo	<a href="https://glo.bo/2CZsmpi">https://glo.bo/2CZsmpi</a>
2015	Matéria destaca que não há apoio governamental aos refugiados que chegam em SC e paróquias e outras associações não governamentais têm dado apoio aos sírios	<a href="https://glo.bo/1ih0lpF">https://glo.bo/1ih0lpF</a>
2015	Entrevista com dois sírios que moravam no mesmo bairro e se encontraram no Brasil e recomeçaram a vida no interior do RS, após viverem em campo de refugiados	<a href="https://glo.bo/2DIY155">https://glo.bo/2DIY155</a>
2015	Sírio relata horrores vividos na Guerra e fala sobre suas perspectivas de voltar para o país de origem. Matéria destaca trabalho de ONG que auxilia refugiados que chegam ao estado	<a href="https://glo.bo/1Y3oo1L">https://glo.bo/1Y3oo1L</a>
2015	Relato do processo de adaptação de sírios que chegaram ao Rio de Janeiro e informações para quem deseja ajudar os refugiados na cidade	<a href="https://glo.bo/2DILlpr">https://glo.bo/2DILlpr</a>
2015	Entrevista com sírios que estão vivendo em BH e enfrentando desafios de adaptação	<a href="https://glo.bo/2RAplTZ">https://glo.bo/2RAplTZ</a>
2015	Matéria mostra que depois de reportagem do canal de TV local da cidade, dona de restaurante árabe se sensibilizou e contratou refugiado que era chef na Síria	<a href="https://glo.bo/2qsrstdt">https://glo.bo/2qsrstdt</a>
2015	Entrevista com jovens sírios que saíram do país por discordarem do governo do presidente Bashar Al Assad, e que por isso não podem viver na Síria. Ambos, irmãos, já trabalham e estão se adaptando ao Brasil	<a href="https://glo.bo/2JJpgat">https://glo.bo/2JJpgat</a>
2015	Refugiado de 90 anos, que chegou no Brasil há muitos anos, conta que acredita que os refugiados que chegam da Guerra atualmente devem se integrar de tal forma ao país que não retornarão ao país de origem, assim como ele	<a href="https://glo.bo/2F3B4pc">https://glo.bo/2F3B4pc</a>
2015	Casal de refugiados que eram médicos na Síria se adaptam à vida no Brasil com as duas filhas crianças. Com ajuda de doadores conseguem apartamento em Cuiabá e são "apadrinhados" por voluntários que os ajudarão nos quesitos alimentação, saúde, educação, doando por um ano o necessário para que a família reconstrua sua vida	<a href="https://glo.bo/2AKxBYu">https://glo.bo/2AKxBYu</a>
2015	Bancária disponibilizou um quarto na casa onde mora para acolher casal sírio que teve bebê no Brasil, depois de procurar pela internet uma forma de ajudar os refugiados	<a href="https://glo.bo/2JE1IZE">https://glo.bo/2JE1IZE</a>

2015	Entrevista com pais de duas famílias que chegaram ao Brasil e estão se reerguendo no interior de São Paulo, onde encontraram semelhanças com as cidades que viviam na Síria. Eram dentistas no país de origem e agora encontram funções alternativas para sustentar a família	<a href="https://glo.bo/2ztlihr">https://glo.bo/2ztlihr</a>
2016	Parceria entre Arquidiocese e escola de BH oferecem aulas de português a refugiados sírios. Sírios são entrevistados sobre o aprendizado do idioma e relatam o que deixaram quando saíram do país em guerra	<a href="https://glo.bo/2qtDGct">https://glo.bo/2qtDGct</a>
2016	Refugiado que deixou o país para não ter que fugir o exército sírio cursa odontologia na Unicamp e conta que não vê solução viável para que jovens construam suas vidas num país em guerra	<a href="https://glo.bo/2quVqxu">https://glo.bo/2quVqxu</a>
2016	Relato da história de um refugiado que abriu restaurante de comida síria, mas deseja exercer sua profissão por formação, a de engenheiro civil	<a href="https://glo.bo/2zAdOrh">https://glo.bo/2zAdOrh</a>
2016	Formandos sírios do curso de português oferecido numa mesquita da capital são entrevistados sobre o processo de adaptação no novo país	<a href="https://glo.bo/2JBGfv0">https://glo.bo/2JBGfv0</a>
2016	Refugiados que trabalham numa indústria na cidade de Andradas, no Sul de Minas, estão adaptando-se ao Brasil e felizes com as perspectivas no novo país. Entrevista aborda vida pessoal e questões culturais como a prática da religião muçulmana	<a href="https://glo.bo/2DmSqeS">https://glo.bo/2DmSqeS</a>
2016	Relato de um sírio que tenta validar o diploma de farmacêutico para exercer a profissão no Brasil. Ele conta um pouco do que viveu na Guerra, no bairro em que morava (bombardeios, medo, destruição).	<a href="https://glo.bo/2D5eJoL">https://glo.bo/2D5eJoL</a>
2017	Estabelecimento abre vagas preferenciais para refugiados. Dona é descendente de sírios e se sensibilizou com a situação de quem chega da Guerra. Matéria entrevista os funcionários e menciona quantidade de sírios vivendo no Brasil	<a href="https://glo.bo/2DmbrOO">https://glo.bo/2DmbrOO</a>
2017	Refugiados que deixaram familiares na guerra relatam o sentimento de preocupação em saber que estão correndo riscos da Guerra, principalmente porque o contato fica inviável e eles não têm notícias das pessoas.	<a href="https://glo.bo/2zq6aRP">https://glo.bo/2zq6aRP</a>
2017	Técnica de corte de cabelo utilizada na síria fez sucesso em Brasília, onde refugiado abriu barbearia para se reconstruir. Vídeo do sírio realizando o corte viralizou nas redes e a procura está alta. O entrevistado conta sobre o percurso de fugir da Guerra e chegar ao Brasil	<a href="https://glo.bo/2APAMvv">https://glo.bo/2APAMvv</a>

## APÊNDICE B

### **Livro de códigos (codebook)– Variáveis de análise**

#### **Variáveis de identificação das matérias**

V1. Ano da publicação

- 1=2012
- 2=2013
- 3=2014
- 4=2015
- 5=2016
- 6=2017

V2. Mês da publicação

1 a 12 (janeiro a dezembro)

V3. Veículo

- 1= G1
- 2= BBC Brasil

V4. Em qual editoria do portal a matéria foi publicada?

- 1=nacional
- 2=internacional
- 3=notícias (geral)
- 4= local

#### **Variáveis para observação do formato das matérias**

V5. Qual o número de palavras do texto?

- 1= Até 300
- 2= Até 500
- 3= Até 1000
- 4= Até 2000
- 5= Até 3000

V6. Algum recurso gráfico acompanha o texto?

- 0=não
- 1= foto
- 2= vídeo
- 3= galeria de fotos
- 4= infográfico

5= arte com citações de entrevistados ou montagem de fotos

#### **Variáveis para observação de enquadramentos contextuais das matérias**

(adaptadas com base na categorização *diagnostic and prognostic frames* proposta por Semetko e Valkenburg, 2000)

V7. A matéria cita a região ou estado do Brasil em que o refugiado sírio está morando?

- 1= SP
- 2= ES
- 3= PR
- 4= MG
- 5= RJ
- 6= PA
- 7=SC
- 8=RS
- 9= MT
- 10= PE
- 11=DF

V8. Quais dificuldades do processo de adaptação no Brasil são mencionadas?

- 1= barreiras culturais (idioma, religião, hábitos)
- 2= barreiras econômicas (emprego)
- 3= barreiras emocionais (traumas, tristeza, saudade)
- 4= preconceito
- 5= barreiras políticas e burocráticas (visto, obtenção de documento de identidade, legalização, moradia)

V9. Qual caminho para adaptação é mencionado na matéria?

- 0=nenhum
- 1= emprego
- 2= empreendedorismo
- 3= ajuda de igreja ou ONG
- 4= trabalho informal
- 5= ajuda do governo brasileiro
- 6=apoio de comunidade síria no Brasil
- 7=adaptação à cultura brasileira
- 8= ajuda da sociedade civil
- 9= estudos

**APÊNDICE C**  
**Codificação das matérias do corpus**

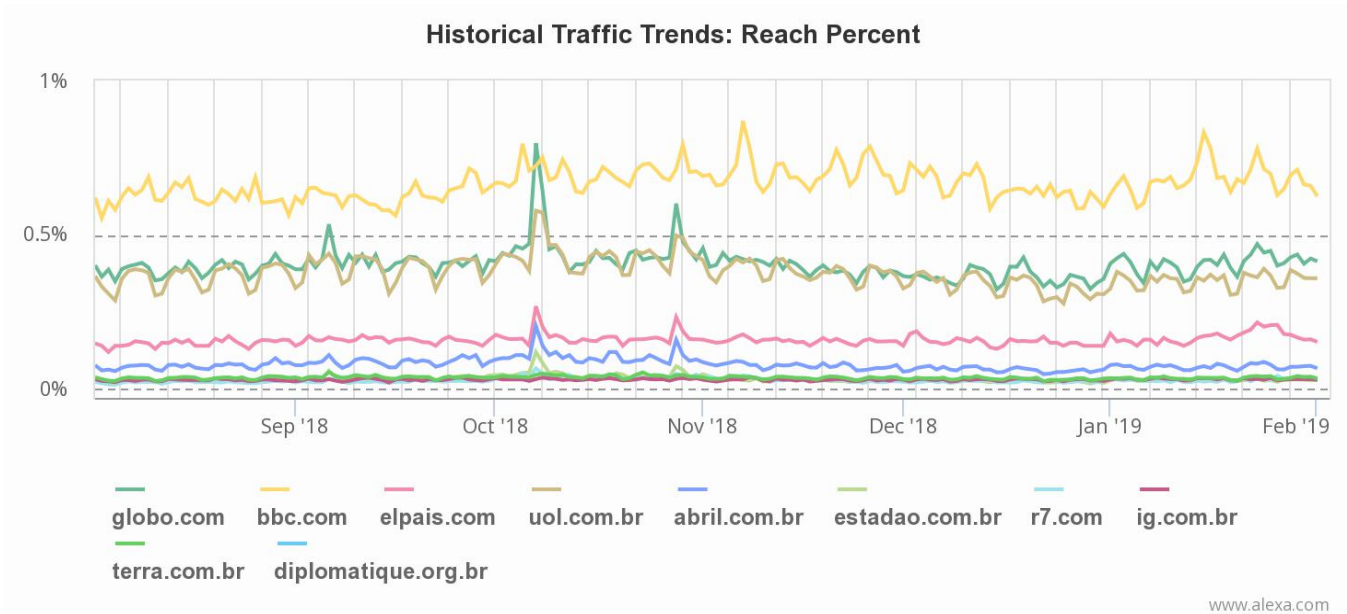
Ano	Mês	Veículo	Editoria	N de palavras	Tem imagens?	Estado do BR	Barreiras para adaptação	Caminho para adaptação
1	8	2	3	1	1;2	1	1;3;5	5;6
2	9	2	3	3	1	1	1;2;5	5
3	7	2	3	2	1;2	1	3	7
4	7	2	3	3	1	4	1;2;3;4	1;3;5
4	7	2	3	4	1;2	1	1;2;3;4;5	1;7;4
4	7	2	3	1	2	1	1;2;3;4;5	1;7;4
4	11	2	3	3	1	1	1;2;3;4	8
5	8	2	3	1	1;2	5	2;3	3;5;6;7;9
3	3	1	4	4	1;2;4;5	1	1;2;3;5	1;2;4;5;7
3	4	1	4	2	2	4	1;2;3	1;3;5
4	9	1	4	3	1;2	6	2;3;5	2;7
4	9	1	4	2	1;2;5	4	2;3;5	1;3;7
4	9	1	4	4	1;5	5	1;2;3	1;3;4;5;7
4	9	1	4	3	1;2;5	7	1;2;3;5	3;5
4	9	1	4	2	1;2;5	8	3	6;7
4	9	1	4	5	1;5	2	1;2;3	1;3;5;6;7;8
4	9	1	4	3	2	5	1;2;3	1;2;7;8
4	9	1	4	2	1;2;5	4	1;2	7;3;8
4	9	1	4	3	1;2	1	1;3	1;5
4	9	1	4	3	1;2;5	1	1;3	1;7
4	9	1	4	2	1;5	1	1	6;7
4	10	1	4	3	1;5	9	1;2;3	7;8
4	10	1	4	2	1;2	10	1;3	8
4	11	1	4	3	1;2;5	1	1;2;3	1;2;6;7
5	4	1	4	2	1;5	4	1;3	1;3;7;8
5	4	1	4	3	1;5	1	1;5	5;7;9
5	4	1	4	2	1	1	0	2
5	6	1	4	2	1;2;5	1	1	1;7;9
5	8	1	4	2	1;2	4	1;3	1;7
5	11	1	4	2	2;5	5	1;3	7
6	2	1	4	1	1;2	11	2	1;8
6	5	1	4	2	1;2	1	3	0
6	12	1	4	3	1;2;5	11	1;2;3	2;3

## APÊNDICE D

### Gráficos que mostram resultados da plataforma Alexa - SEO

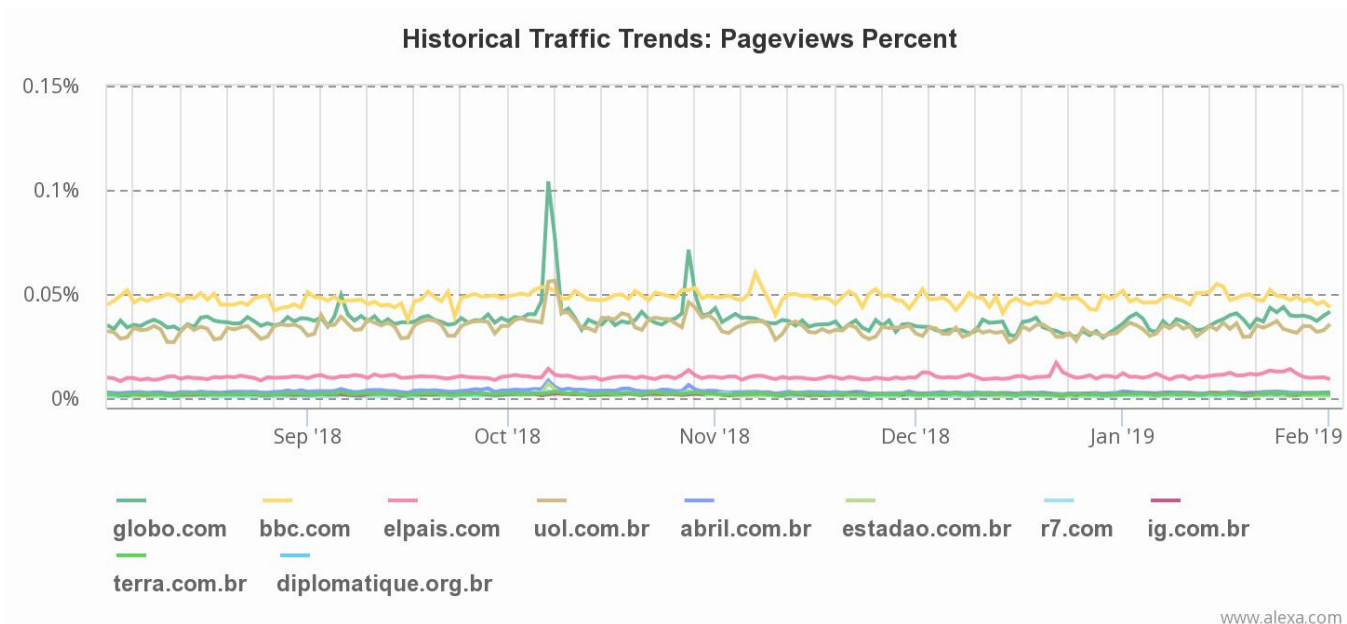
Nos gráficos abaixo, o portal G1 aparece como globo.com, provedor dos sites do Grupo Globo, e BBC Brasil aparece como bbc.com, que hospeda a versão do site em português. Ambos lideram as posições no período de seis meses de monitoramento (setembro de 2018 a fevereiro de 2019).

#### 1- Gráfico do número de acesso dos principais portais de notícias brasileiros (%)



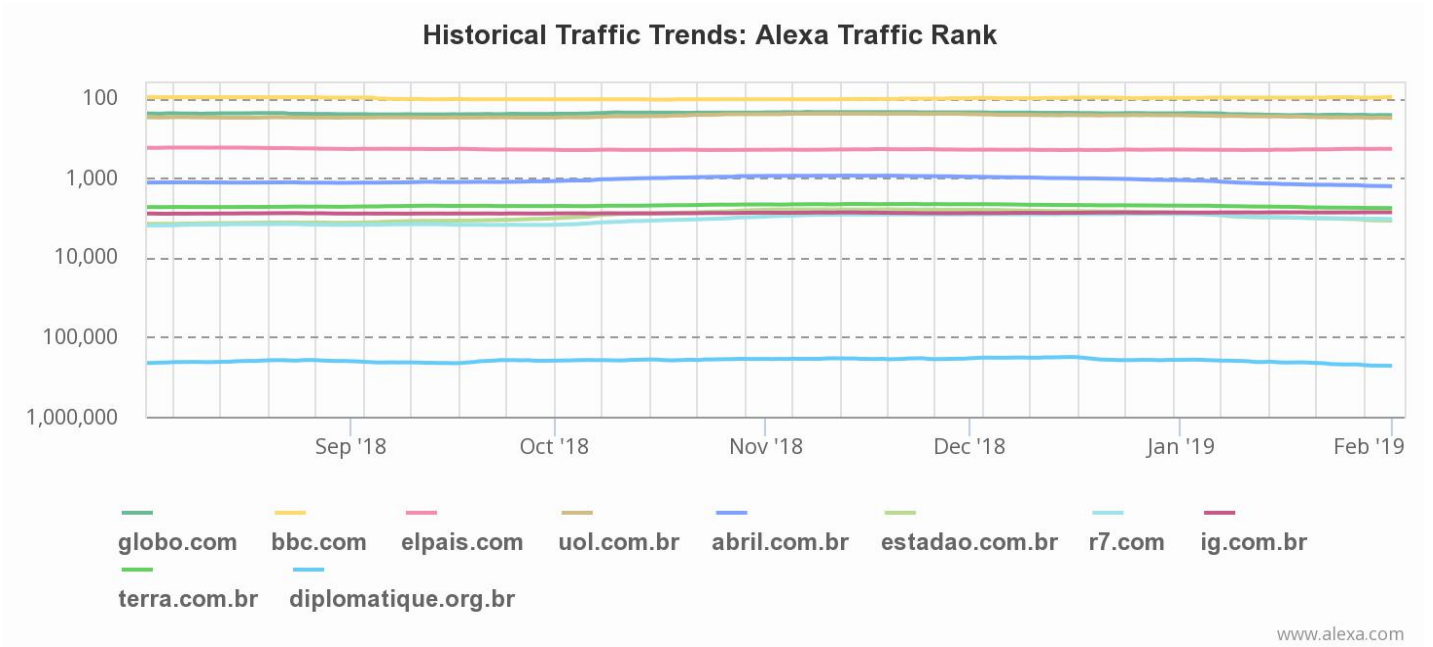
Fonte: Alexa

#### 2- Gráfico do número de visualizações de páginas dos portais de notícias (%)



Fonte: Alexa

**3- Gráfico referente ao tráfego dos usuários pelos portais de notícias (tempo de navegação)**



Fonte: Alexa



## ANEXO

### Livro de códigos das autoras de Ku Leuven (Bélgica)

#### **Annex 1: codebook**

**V1. Article number.** Enter the article number of the article. Use the next consecutive number.

**V2. Date.** Enter the date of the article: dd.mm.yy. Use chronological order.

**V3. Medium (Newspaper).** Enter from which newspaper the story is derived. There are five possibilities: (1) De Telegraaf, (2) the Daily Telegraph, (3) Le Figaro, (4) the New York Times, and (5) the Moscow Times.

**V4. Country Newspaper.** This variable displays the country of the newspapers used. There are five possibilities: (1) The Netherlands, (2) United Kingdom, (3) France, (4) United States, and (5) Russia.

**V5. Title.** Enter the title of the news article

**V6. Page number.** Enter the number of the page the article appeared in the newspaper.

**V7. Number of words.** Enter the number of words the article exists of.

**V8. Journalistic genre.** This variable indicates the journalistic genre to which the article belongs. These categories are based on Van Gorp (2004) and are translated and adapted by the researcher:

1. **News item.** This includes articles from the news genre; a general news story, a short story, cover story, backstory and research article. A general news story here is the most common and has a clear headline, introduction and body copy. A short story (can span multiple columns in the newspaper) is a short message with high information content, without quotes, without introduction and generally not significant. A cover story is an article with the biggest head on the top half of the front page of the newspaper. Background stories and research articles are articles in which journalists delve deeper into the background of the daily events and place them in a wider context, for instance by comparing them to a historical example.

2. **Opinion editor.** This includes articles of the genre opinion editorial, news analysis, and editorial columns. These texts are written by an in-house editor or an unaffiliated that regularly contributes to the newspaper. If it is not clear, it is coded as opinion externally. They often an editorial written by the editor and is usually on page 2 of the newspaper. Google the name of the newspaper and the name of the writer. If you find 2 or more hits, consider the writer internal and enter 2, if you find 2 or less consider the writer external, enter 2. In addition, if you see any indication online (e.g. Twitter, Facebook or LinkedIn profile) that the writes regularly contributes to a newspaper, also enter 2.
3. **Opinion external.** These include articles of the genre third party opinions, opinions written by someone unaffiliated with the newspaper's editorial board, and opinions from readers. This refers to on the one hand to opinion pieces written by third parties (e.g., a professor who makes a one-time contribution to the newspaper) and on the other letters that have been submitted by readers of the newspaper. If written by a third party, google the name of the newspaper and the name of the writer. If you find more than 3 hits, consider the writer internal and enter 2, if you find 3 or less consider the writer external, enter 3.
4. **Interview.** These include articles of the interview genre or portrait. An interview is a text in interview form (so question and answer) or in which the majority of the area is occupied by a representation of a conversation, so more than one a text with a couple quotes. When in doubt encode news (1). A portrait is sketch of a certain person, but not necessarily described by the person him- or herself (for example, described by friends or opponents).
5. **Report.** These include articles of the genre reportage and travelogue. A report is a personal news item, where the journalist has been on site and describes what he himself has experienced and seen. A travel story is similar.

6. **Other.** This is a residual category, including articles from all other genres such as cartoons, reviews, etc.
7. **Unknown.** This includes articles with no clear journalistic genre.

**V6. Frames.** In the core of this thesis, the used news frames are investigated: the generic frames of Semetko and Valkenburg (2000), the collective action frames of Benford and Snow (2000) and the nationalization frame of Gelder, Joris and Vancauwenberghe (2009). Each variable is considered as a dummy-variable (0 of 1).

*Generic frames.* This variable examines whether or not the article contains one or more of the generic frame as proposed by Semetko and Valkenburg (2000). Each frame is measured through of a scale, which is composed of a number of questions. The last original question of the human interest scale (e.g. visual information) was omitted since that information was not obtained. The other frames were slightly adopted as proposed by Semetko and Valkenburg (2000), with minor modifications by the researcher.

#### **A. Conflict frame**

1. Does the story revolve around disagreement between parties-individuals-groups-countries?
2. Does the story refer to fights, riots, and confrontation between two or more parties, individuals, groups, countries?
3. Does the story refer to two sides or more than two sides of the problem?
4. Does the story refer to winners and losers?

#### **B. Human interest frame**

5. Does the story provide a human example or 'human face' on the issue?
6. Does the story employ adjectives or personal vignettes that generate feelings of outrage, empathy-caring, sympathy or compassion?

7. Does the story emphasise how individuals and groups are affected by the issue/problem?
8. Does the story go into the private or personal lives of the actors?

**C. Economic consequences frame**

9. Is there a mention of financial losses or gains now or in the future?
10. Is there a mention of the costs/degree of expense involved?
11. Is there a reference to economic consequences of pursuing or not pursuing a course of action?

**D. Morality frame.** This frame tells about how you should live or behave in order to be a good person. Purely the mention of the 'Allah', 'Christian, 'Islam' ... is not enough. There has to be something written about how you must live differently, or about the laws prescribed in the Koran etc, or about how you can be a good citizen, or how you should donate money or provide humanitarian support for the innocent civilians, ...

12. Does the story contain any moral message?
13. Does the story make reference to morality, God, Allah, and other religious tenets?
14. Does the story offer specific social prescriptions about how to behave?

**E. Responsibility frame**

15. Does the story suggest that some level of government has the ability to alleviate the issue/problem?
16. Does the story suggest some level of the government (including President Assad) is responsible for the issue/problem?
17. Does the story suggest that an individual or group of people in society (including any coalition of the rebels) is responsible for the issue/problem?
18. Does the story suggest solutions to the issue/problem?
19. Does the story suggest the problem requires urgent action?

*Collective action frames*

**F. Diagnostic frame.** This variable examines whether the article contains a diagnostic frame or not. In other words, whether there is a mention in the text of the causes and reasons of the escalation/continuation of the Syrian conflict. The categories listed below are based upon our theoretical studies of the policies of the countries in addition the categories listed by Benford and Snow (2007, pp. 9-10). It is important that the elements that are offered within one of the six categories are **explicitly mentioned** as a cause. Finally, remember that this frame is about causality and that, for instance, the prescriptive norms about how to behave (in a certain religion) are typed as normative frames.

20. **Political causes:** does the article mentions corruption, a lack of political freedom, and/or unfair elections as a (possible) cause of the continuation/escalation of the Syrian conflict?
21. **Socio-economic causes:** does the article mentions inflation, rising unemployment, poverty or a lack of prosperity, limited educational opportunities and/or generation gap between young and old Syrians as a (possible) cause of the Syrian conflict?
22. **A lack of human rights:** does the article mentions infringement or lack of the freedom of speech, opinion, religion, equal rights or human rights in general, and/or war crimes against civilization or the violation of international law as a (possible) cause of the continuation/ escalation of the Syrian conflict?
23. **Religious prescriptions:** does the article mentions extremists or jihadists, disagreement between diverse religious groups, and/or the character or culture of religious groups as a (possible) cause of the continuation/escalation of the Syrian conflict?

24. **Concrete reasons:** does the article mentions the brutal arrest of the boys of Daraa, movement through social media, the many (innocent, civilian) victims, and/or a chemical weapons attack as a (possible) cause of the continuation/escalation of the Syrian conflict?
25. **Others:** this is a residual category for unforeseen causal element.

**G. Prognostic frame.** This variable examines whether the article contains a prognostic frame or not. In other words, whether there is a mention in the text of (possible) solutions for the escalation/continuation of the Syrian conflict. These solution may be hypothetical (i.e. what is seen as the best solution) or already taken. The categories listed below are based upon our theoretical study of the policies of the countries and the development of the conflict in addition to the categories listed by Benford and Snow (2007, pp. 9-10). It is important that the elements that are offered within one of the six categories are **explicitly mentioned** as a solution of the continuation/escalation of the Syrian conflict.

*Military action:*

26. **Military intervention:** does the article mentions suppressing the fights with action by their military, and/or a no-fly zone as a (possible) solution of the continuation/escalation of the Syrian conflict?
27. **Military assistance:** does the article only mentions military assistance as a (possible) solution of the continuation/escalation of the Syrian conflict?
28. **Rejecting military action:** doest the article mentions that any military action is rejected or will only deteriorate the Syrian conflict?
29. **Governmental changes:** does the article mentions the dismissal of President Bashar al-Assad or his entire regime

and/or the appointment of a new government as a (possible) solution of the continuation/escalation of the Syrian conflict?

30. **Diplomacy:** does the article mentions open dialogue between two or more major players of the Syrian conflict, an international trial, and/or at least a peace agreement/conference as a (possible) solution of the continuation/escalation of the Syrian conflict?
31. **Monetary action:** does the article mentions economic cooperation with other countries of the international community to provide monetary support, and/or economic measures against one or more parties involved as a (possible) solution of the continuation/escalation of the Syrian conflict?
32. **Internal reforms:** does the article mentions internal reforms in terms of political issues, socio-economic issues, religious issues and/or the improvement of human rights as a (possible) solution of the continuation/escalation of the Syrian conflict?
33. **Dismantling chemical weapons:** does the article mentions internal the destruction of the Syrian stockpile of chemical weapons as a (possible) solution of the continuation/escalation of the Syrian conflict?
34. **Others:** this is a residual category for unforeseen remedial elements.

#### **H. Mobilization/nationalization frame**

35. Does the article mention a connection between Syria and the individual country (i.a. the Netherlands, France, the UK, the US or Russia)?
36. Does the article quote or articulate the ideas of national politicians or persons that are active on a national level?